

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras

A VARIAÇÃO DO DITONGO NASAL *ÃO* NAS COMUNIDADES
BILÍNGUES DE PANAMBI E FLORES DA CUNHA, NO RIO GRANDE
DO SUL

por

Aline Regina Horbach

Dissertação submetida à
avaliação, como requisito parcial para
a obtenção do título de Mestre em Letras

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Schwandt

Porto Alegre, junho de 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

A dissertação

A VARIAÇÃO DO DITONGO NASAL ão NAS
COMUNIDADES BILÍNGUES DE PANAMBI E
FLORES DA CUNHA, NO RIO GRANDE DO SUL

Elaborada por

Aline Regina Horbach

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora foi aceita pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elisa Battisti (UFRGS)

Profa. Dra. Gisela Collischonn (UFRGS)

Profa. Dra. Taís Bopp da Silva (UFPel)

Porto Alegre, junho de 2013.

AGRADECIMENTOS

Meu maior agradecimento é dirigido ao professor Dr. Luiz Carlos Schwindt, pela dedicação e consideração de ter aceitado a orientação de minha dissertação.

À professora Dra. Gisela Collischonn, pelos ensinamentos, apoio e disponibilidade de material do banco de dados do projeto VARSUL.

À professora Dra. Valéria Monaretto, por ter contribuído para o meu crescimento acadêmico.

À professora Elisa Battisti, pela sua generosidade e indicação de caminhos.

A meus pais e familiares, por representarem força, proteção e carinho.

Agradeço de coração pelo companheirismo de José Eduardo, meu namorado, que sempre tentou entender minhas ausências.

A meus colegas que, de uma forma ou de outra, contribuíram com sugestões na realização deste trabalho, gostaria de expressar minha gratidão por tão valiosa amizade.

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT	11
1-INTRODUÇÃO	12
1.1 Delimitação da pesquisa	12
1.2 Justificativa.....	12
1.3 Pressuposições básicas.....	13
1.4 Organização do trabalho.....	13
2-FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Sílaba.....	15
2.2 Nasalidade.....	19
2.3 Vogais nasais.....	20
2.4 Ditongos nasais.....	21
2.5 Teoria da Variação.....	25
2.6 Bilinguismo e contato linguístico.....	31
3- ESTUDOS ANTERIORES	33
3.1 Interferência fônica.....	33
3.2 A variação do ditongo nasal tônico <i>ão</i> , em São Marcos no Rio Grande do Sul.....	34
3.3 A variação do ditongo <i>ão</i> entre os ítalo-brasileiros.....	35
3.4 Dificuldade no domínio de fonemas no Espírito Santo.....	41
3.5 O dialeto alemão como um fator identitário.....	43
3.6 Informantes bilíngues e o traço [+padrão].....	44
3.7 Uma representação multilinear da interferência fônica.....	46
3.8 Contribuições portuguesas para o léxico do dialeto vêneto.....	47
3.9 Assimilação de palavras do português no dialeto alemão.....	50
4- METODOLOGIA	52
4.1 Constituição da amostra.....	52
4.2 Comunidades de fala.....	52
4.3 Localidades bilíngues.....	53
4.3.1 Panambi.....	54
4.3.2 Flores da Cunha.....	56
4.4 O projeto VARSUL.....	58

4.5 O projeto ALERS.....	58
4.5.1 Pontos com informantes bilíngues.....	60
4.5.2 Interpretação dos mapas linguísticos.....	60
4.6 A amostra de informantes.....	62
4.6.1 O modelo de análise da regra variável.....	62
4.6.2 O pacote GOLDVARB-X.....	63
4.7 Definição das variáveis.....	64
4.7.1 A variável dependente.....	65
4.7.2 As variáveis independentes.....	65
4.7.2.1 As variáveis linguísticas.....	65
4.7.2.1.1 Contexto precedente.....	66
4.7.2.1.2 Tonicidade do alvo.....	67
4.7.2.1.3 Extensão do vocábulo.....	67
4.7.2.1.4 Classe de palavra.....	68
4.7.2.1.5 Número (singular ou plural).....	68
4.7.2.2 As variáveis extralinguísticas.....	68
4.7.2.2.1 Idade.....	69
4.7.2.2.2 Sexo.....	69
4.7.2.2.3 Localidade bilíngue.....	70
4.7.2.2.4 Escolaridade.....	70
5- RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	72
5.1 Frequência geral de aplicação.....	72
5.2 A constituição da análise.....	73
5.3 Apresentação dos resultados.....	75
5.4 Variáveis extralinguísticas.....	75
5.5 Variáveis linguísticas.....	85
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92
ANEXO.....	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Escolaridade.....	76
Tabela 2- Idade.....	77
Tabela 3- Sexo.....	79
Tabela 4- Tonicidade do Alvo.....	85
Tabela 5- Extensão do vocábulo.....	86
Tabela 6- Aplicação da variação entre vocábulos de uma e mais sílabas.....	88

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Frequência geral de aplicação da regra.....	72
Gráfico 2 - Cruzamento das variáveis localidade bilíngue e idade.....	78
Gráfico 3- Cruzamento das variáveis sexo e escolaridade.....	79
Gráfico 4- Cruzamento das variáveis escolaridade e idade.....	80
Gráfico 5- Cruzamento das variáveis sexo e localidade bilíngue.....	81
Gráfico 6- Cruzamento das variáveis sexo e idade.....	83
Gráfico 7- Cruzamento das variáveis extensão do vocábulo com classe de palavra.....	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Variável dependente.....	74
Quadro 2- Variáveis independentes.....	74

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1- Cruzamento das variáveis informante e item lexical.....	97
Anexo 2- ALERS - Mapa IV - Plurilinguismo da área em estudo.....	98
Anexo 3- ALERS - Mapa IV - Grupos étnicos indicados nos pontos de inquérito.....	99
Anexo 4- ALERS - Mapa V – Segunda língua falada pelo informante.....	100
Anexo 5- ALERS - Mapa 21 (CALÇ)ÃO.....	101
Anexo 6- ALERS - Mapa 22 (PROCISS)ÃO.....	102
Anexo 7- ALERS - Mapa 23 (FAL)AM.....	103
Anexo 8- ALERS - Dados das localidades e dos informantes.....	104
Anexo 9- Lista em ordem alfabética das palavras encontradas com o número de aplicações entre parênteses.....	116

RESUMO

O trabalho tem como tema o estudo da variação do ditongo nasal *ão* em sílaba final de vocábulo (ex. *pão* ~ *pon*; *tiravam* ~ *tiravon*) por falantes bilíngues de português-alemão e português-italiano das comunidades de Panambi e Flores da Cunha, respectivamente. A decisão por investigar essas comunidades deve-se à constatação preliminar de que tal fenômeno é característico de comunidades bilíngues cujas línguas de origem não possuem ditongos nasais. A amostra constitui-se de 16 entrevistas do PROJETO VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul). Dados do PROJETO ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil) de comunidades bilíngues de alemão e de italiano contribuíram para enriquecer a discussão. No presente estudo, a variável dependente, a alternância do ditongo nasal *ão/am* ~ *on* em final de vocábulo, é examinada frente a possíveis condicionadores linguísticos e extralinguísticos, suas variáveis independentes. As variáveis linguísticas analisadas são Tonicidade do Alvo, Extensão do Vocábulo, Classe Gramatical, Número (Singular ou Plural) e Contexto Precedente. De forma geral, o fenômeno se aplica em sílabas finais tônicas de palavras no singular, fazendo uma leve distinção entre palavras longas e curtas. Além disso, como se trata de uma variação fonética de superfície, a classe gramatical não parece ser relevante nesse processo, ainda que deva incidir mais significativamente sobre alguns itens lexicais em específico. Quanto às variáveis extralinguísticas, foram analisados Localidade Bilíngue, Idade, Sexo e Escolaridade. De forma geral, o processo não faz distinção importante entre as duas localidades bilíngues analisadas, mas se aplica mais entre os menos escolarizados, por seu menor contato com a modalidade padrão da língua portuguesa. Além disso, o processo aplica-se mais entre homens com mais de 50 anos, em virtude de seu grau de bilinguismo e, possivelmente, por as mulheres dessas comunidades evitarem mais do que os homens variantes desprestigiadas. Os resultados foram analisados estatisticamente pelo programa GOLDVARB X e discutidos na perspectiva da Teoria da Variação, proposta por Labov (1969, 1972).

Palavras-chave: variação linguística; ditongo nasal *ão*; bilinguismo.

ABSTRACT

This dissertation deals with the variation of the nasal diphthong [ãw] in final syllable of word position (ex. *pão* ~ *pon*; *tiravam* ~ *tiravon*) by bilingual speakers of German and Italian communities from Panambi and Flores da Cunha, respectively. The decision to investigate these communities due to the preliminary conclusion, that this phenomenon is characteristic of bilingual communities whose languages of origin do not have nasal diphthongs. The sample is constituted of 16 interviews from VARSUL PROJECT (Urban Linguistic Variation in South Region). Data from ALERS PROJECT (Linguistic-Ethnographic Atlas of Southern Brazil) communities bilingual German and Italian contributed to enrich the discussion. In this study, the dependent variable, the alternation of the nasal diphthong **ã/am** ~ **on** at the end of word, is examined against possible linguistic and extra linguistic conditioners, their independent variables. The linguistic variables analyzed are Target Toning, Extension of the Word totally, Grammar Class, Number (singular or plural) and Previous Context. In general, the phenomenon applies in tonic final syllables of words in the singular, making a slight distinction between long and short words. Moreover, as it is a phonetic variation of surface, the grammar class is not relevant in this process, although it should focus more significantly on some lexical items in particular. Concerning to the extralinguistic variables, were analyzed bilingual Place, Age, Gender and Education. In general, the process does not distinguish between the two major bilingual cities analyzed, but applies more among the less educated, on the slightest contact with the standard form of the Portuguese language. Furthermore, the process applies more among men over 50 years, because of their degree of bilingualism and, possibly, by the fact the women these communities more than men discredited variants. The results were statistically analyzed by the GOLDVARB X and discussed from the perspective of the Theory of Change, proposed by Labov (1969, 1972).

Keywords: language variation; nasal diphthong [ãw]; bilingualism.

1 – INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se nos estudos de variação fonológica e tem como tema a variação do ditongo nasal *ão* em sílaba final de vocábulo. O fenômeno será analisado a partir de um *corpus* formado por entrevistas oriundas de duas comunidades bilíngues do banco de dados VARSUL.

Trata-se de uma pesquisa que tem o intuito de investigar os condicionadores linguísticos e extralinguísticos responsáveis por tal variação por indivíduos que operam com gramáticas de diferentes línguas que se inter-relacionam.

1.1 Delimitação da pesquisa

Considerando que a realização do ditongo nasal *on*, ao invés de *ão*, é um fenômeno que apresenta variação no português do Brasil, a seguinte pesquisa busca investigar os fatores que favorecem ou desfavorecem essa alternância na língua.

Tendo em vista que o bilinguismo exerce determinada influência na linguagem, nosso estudo tem como principal propósito investigar se o fato de o indivíduo falar duas línguas é decisivo para a aplicação da variação do ditongo nasal *ão*. Para isso, serão analisadas entrevistas de falantes provenientes de Panambi, núcleo de colonização alemã, e de Flores da Cunha, núcleo de colonização italiana, como representativos da fala bilíngue no Rio Grande do Sul.

1.2 Justificativa

A escolha sobre a variação do ditongo ocorreu em virtude de existirem pesquisas relacionando-a ao português de contato. O que nos apontou para a possibilidade de o fenômeno ser bastante característico em localidades onde permanece o uso/contato da segunda língua devido a questões étnicas e culturais. Nos dados do projeto ALERS (Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil), consta que a variação também ocorre em comunidades bilíngues de alemão e italiano.

A Teoria da Variação, segundo Tarallo (1986), orienta uma investigação sobre variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala, ou seja, correlaciona

aspectos de língua e de sociedade, identificando os grupos de falantes que possuem características linguísticas em comum.

Seguindo essa proposta, acreditamos que o nosso trabalho pode de alguma maneira contribuir para a descrição do português falado no sul do Brasil, particularmente nas cidades de Panambi e Flores da Cunha, já que fizemos uso de dados reais de fala extraídos dessas duas localidades, predominantemente bilíngues no Rio Grande do Sul.

1.3 Pressuposições básicas

O seguinte trabalho tem como pressuposição o fato de que toda língua sofre alteração. Como afirmaram Weinreich, Labov e Herzog (2006:35) “muito antes de se poderem esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada”. É nessa crença que se fundamenta nossa investigação.

Por meio dessa pesquisa queremos contribuir para a descrição da heterogeneidade do português brasileiro através do modelo de Regra Variável concebido por Labov (1969).

1.4 Organização do trabalho

O trabalho é constituído por seis capítulos. O primeiro deles traz ao leitor informações fundamentais sobre o estudo, bem como a delimitação do tema, os objetivos, a justificativa da pesquisa e as suas possíveis contribuições para a descrição da língua portuguesa.

O segundo capítulo propõe uma retomada das principais teorias que estão envolvidas mais ou menos diretamente na constituição das hipóteses e na discussão dos resultados.

O capítulo três destina-se a estudos anteriores sobre a variação do ditongo nasal *ão* em diferentes localidades de colonização alemã e italiana.

O capítulo quatro destina-se à metodologia aplicada no estudo. Nele serão apresentados a constituição da amostra de informantes, o método de análise dos dados e os grupos de fatores linguísticos e sociais posteriormente analisados. No capítulo também consta parte da história e cultura das localidades bilíngues, definição de comunidade de fala, a concepção de regra variável, o funcionamento do programa VARBRUL. Também

conceitua e identifica traços fonéticos do português falado em áreas de contato com o alemão e o italiano, a partir de cartas linguísticas do projeto ALERS.

No quinto capítulo serão apresentados e discutidos os resultados. A seção fornece ao leitor, inicialmente, a frequência geral de aplicação da regra, a constituição da análise, a escolha do grupo de fatores inicial, bem como as amalgamações e exclusões de certos grupos e, por último, a apresentação dos resultados e o detalhamento da análise.

O sexto capítulo, por fim, traz as conclusões de nossa pesquisa e aponta para questões reveladas pelo estudo.

Em anexo, estão disponíveis as cartas geolinguísticas do Projeto ALERS, que analisamos com as ocorrências da variação, uma tabela do cruzamento dos grupos *informante e léxico*, e também uma lista em ordem alfabética das palavras encontradas com o número de aplicações entre parênteses.

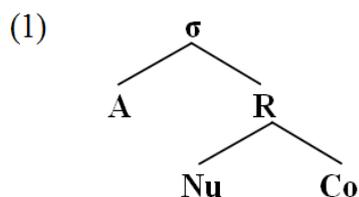
2. REVISÃO TEÓRICA

O capítulo que segue é formado por uma revisão acerca de *sílaba*, *nasalidade*, *vogais nasais*, *ditongos nasais*, *teoria da variação e bilinguismo* na literatura.

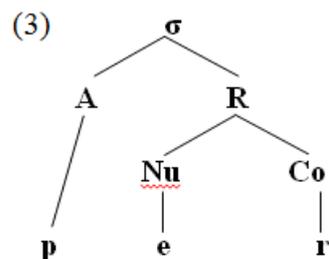
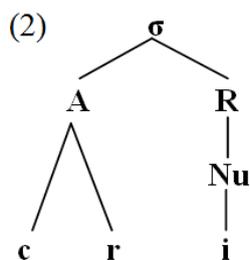
2.1 Sílaba

Iniciamos nossa revisão teórica trazendo o conceito de *sílaba*, pois o fenômeno da variação *ão/on* ocorre em sílaba final de vocábulo.

Segundo Collischonn (2000: 102), “uma sílaba consiste em um ataque (**A**) e em uma rima (**R**). A rima, por sua vez, consiste em um núcleo (**Nu**) e em uma coda (**Co**). Qualquer categoria, exceto Nu, pode ser vazia.”



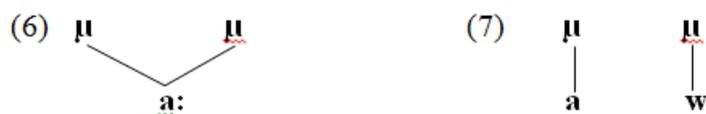
Collischonn (2000) explica que em muitas línguas existe a distinção entre sílabas leves e pesadas, sendo a constituição da sílaba o fator determinante do peso silábico. Sílabas pesadas são constituídas por mais de um elemento, porém nem todas as sílabas de mais de um elemento são pesadas. “*Rimas constituídas somente por uma vogal são leves e rimas constituídas por vogal + consoante ou por vogal + vogal (ditongo ou vogal longa) são pesadas* (COLLISCHONN, 2000: 105). O peso silábico depende do fato de uma sílaba ter rima ramificada ou não.



Outra proposta apresentada é a de Hyman (1985), o qual afirma que as sílabas consistem em constituintes ou unidades de peso conhecidas como moras, sendo que a sílaba leve consiste em uma *mora* e uma sílaba pesada em duas. O símbolo (μ) é usado para representar moras.



Portanto “vogais longas e ditongos são associados a duas moras” (p. 106).

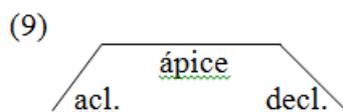


Ao se referir ao *molde silábico*, Collischonn (2000) diz que é ele que determina o número máximo e o mínimo de elementos permitidos em uma sílaba em determinada língua. No caso do português, não existe um acordo entre os autores quanto ao número máximo de elementos em uma sílaba. Os padrões silábicos do português são exemplificados abaixo:

(8) V	<u>é</u>
VC	<u>ar</u>
VCC	<u>instante</u>
CV	<u>cá</u>
CVC	<u>lar</u>
CVCC	<u>monstro</u>
CCV	<u>tri</u>
CCVC	<u>três</u>
CCVCC	<u>transporte</u>
VV	<u>aula</u>
CVV	<u>lei</u>
CCVV	<u>grau</u>
CCVVC	<u>claustru</u>

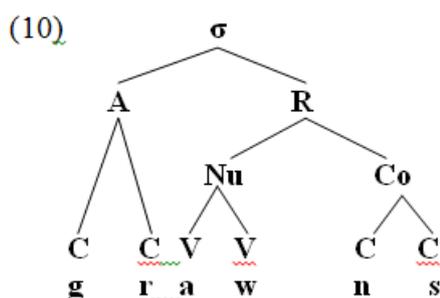
Embora Câmara Jr. (1969) não tenha feito um estudo sobre o molde silábico, Collischonn (2000) deduz um molde subjacente à sua análise.

Segundo este, a sílaba é formada de um aclave, de um ápice e de um declive.



O ápice é formado por uma vogal, o aclave por uma ou duas consoantes e o declive é constituído por uma das consoantes a seguir: /S/, /r/, /l/ ou pelas semivogais /j/, /w/. Também existe a possibilidade de uma consoante nasal no declive, sendo que o autor fonologicamente interpreta as vogais nasais como “vogal fechada por consoante nasal”.

Em suma, Câmara Jr. (1969) admite até seis segmentos na sílaba. Segundo a sua teoria, os ditongos nasais são constituídos por *ditongo* + *consoante nasal* (duas vogais seguidas de uma consoante nasal). Na representação da palavra *grãos* tem-se a sequência /grawNS/ e esta pode ser representada da seguinte forma:



Tal molde é inadequado, pois não existem sequências de ditongo e duas consoantes no português: *peuls, *cairs. Portanto, seriam necessárias restrições ao molde para que essas sequências fossem evitadas.

A abordagem de Lopez (1979), segundo Collischonn (2000), distingue-se de Câmara Jr. (1969) no caso dos ditongos nasais. Fazendo uso do mesmo exemplo *grão*, subjacentemente, segundo o autor temos VnV /granu/. De acordo com sua teoria, os ditongos nasais derivam de uma sequência de duas sílabas, sendo a segunda iniciada por nasal. Na superfície tal sequência passa a VV devido ao apagamento da consoante nasal. Sendo acrescentado o morfema de plural a essa sequência, obtém-se uma rima de três elementos. Para o autor, na palavra *grãos* existem no máximo três elementos na rima e não quatro, como na análise anterior.

Conforme Bisol (1989), nas palavras *limão* e *irmão*, o ditongo nasal resulta de uma sequência subjacente VC, em que C se torna flutuante e uma vogal temática é acrescida. Essa associação posterior do traço nasal à rima forma o ditongo nasal.

$$(11) \quad \text{irmaN} \rightarrow \text{irma-} \rightarrow \text{irmao} \rightarrow \text{irmão} = [\text{irmãw}]$$

$\langle N \rangle$
 $\langle N \rangle$
 $[N]$

Com base nos padrões silábicos do português, as palavras por nós analisadas correspondem, em sua maioria, à sequência de sílabas CVV.

(12)

CVV	<u>educaçã</u> o
CVV	<u>nã</u> o
CVV	<u>sã</u> o
CVV	ent <u>ã</u> o
CVV	alem <u>ã</u> o
CVV	est <u>ã</u> o
CVV	televis <u>ã</u> o
CVV	chimarr <u>ã</u> o
CVV	<u>pã</u> o
CVV	<u>mã</u> o

A variação do ditongo, embora em menor número comparada à sequência anterior, também é visível nas sílabas VV, CVC.

(13)

VV	regi <u>ã</u> o
CVV	tirav <u>am</u>

Supomos que o fenômeno em estudo seja característico de sílabas pesadas, pois, segundo Hyman (1985), os ditongos são associados a duas moras.

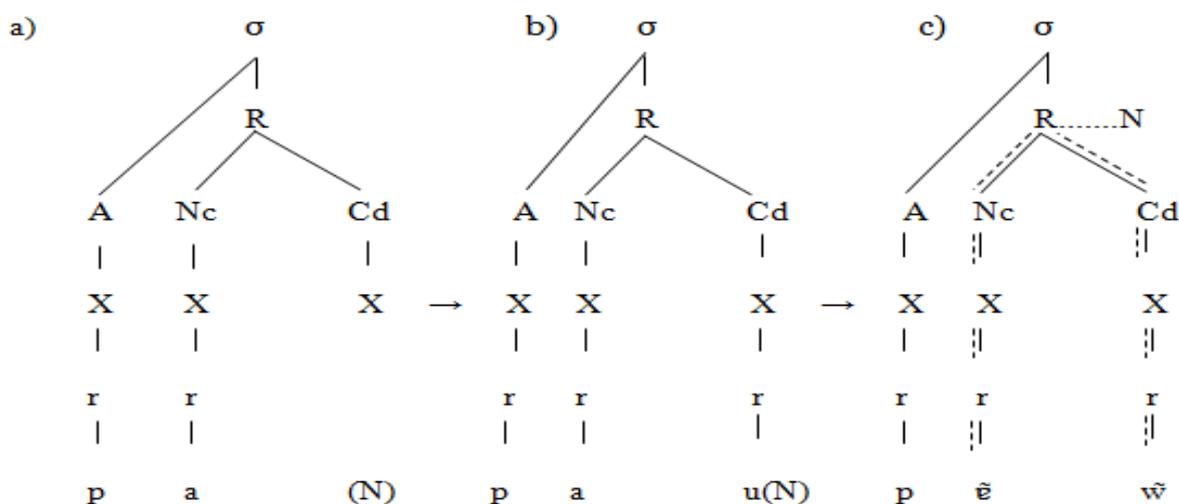
2.2 Nasalidade

Bisol (1998) aborda o assunto da nasalidade com a hipótese de Câmara Jr. (1969) de que a *vogal nasal* é o conjunto VC, ou seja, a vogal seguida de um elemento nasal subespecificado, um *arquifonema*.

De acordo com Bisol (1998), no português existem dois processos de nasalidade: o de assimilação e o de estabilidade. O primeiro é responsável pela criação da vogal nasal interna (*samba*), ou então o ditongo externo (*homem*), sendo considerado variável em palavras que não apresentam vogal temática. Já o processo de estabilidade cria o verdadeiro ditongo nasal naquelas palavras que possuem vogal temática (*irmão, pão*).

A explicação para a *vogal nasal interna* nas palavras é o fato de que ocorre um processo de assimilação. O /N/ se expande para vogal e acaba adquirindo os traços articulatorios da consoante seguinte ou da vogal que fora nasalizada. Um dos exemplos trazidos pela autora é: seNda → [sẽⁿda]. O ditongo das palavras sem a vogal temática é explicado por uma *assimilação mútua*, em que a vogal acaba criando o glide, após ser nasalizada por /N/, como no vocábulo /homeN/ → [õmẽỹ] ~ [õmẽŋ].

No caso das palavras com ditongos nasais, Bisol (1998) afirma que, com o processo de estabilidade, a nasal do ditongo VN desassocia-se e torna-se flutuante.



No ditongo da representação (a), a raiz que domina N está dessilabada, nesse caso a nasal não possui os traços articulatorios que poderiam lhe garantir manifestação fonética. Sendo assim, a nasal encontra-se *livre*, aguardando por uma reassociação. A vogal alta

acaba por se tornar um glide devido à ditongação; satisfazendo a condição de coda. Em razão de serem soantes, realizam-se na superfície como glide.

Conforme a teoria de Bisol (1998), a maior parte das palavras que analisamos faz parte do processo de estabilidade, responsável por criar o verdadeiro ditongo nasal nos vocábulos que possuem vogal temática.

2.3 Vogais nasais

Nosso estudo refere-se à variação do ditongo nasal *ãõ*; portanto, é necessária uma reflexão a respeito das teorias que tratam das vogais e ditongos nasais na língua, ou seja, propomos uma discussão envolvendo teorias a respeito das vogais, do fato de serem ou não nasais no nível *subjacente*.

Moraes e Wetzels dizem que: *“As vogais nasais constituem, como é sabido, um dos pontos mais controversos da fonologia portuguesa, vindo despertando, de há muito, o interesse dos especialistas, e ensejando, ao longo dos anos e ao sabor das escolas, interpretações as mais diversas”*. (1992:153)

De acordo com Seara (2000), nos anos 50 e 60, os estruturalistas realizaram discussões sobre a origem de **vogais** e **ditongos nasais**, com a finalidade de depreender os fonemas. Conforme a autora, na década de 70, o modelo gerativo formulou regras e suas aplicações ordenadas. Nos anos 80, surgem os modelos não lineares, nos quais as regras fonológicas passaram a ser operações autosegmentais, controladas por filtros e restrições.

Conforme Battisti (1997, p.177), no português, *“a vogal nasal passou a ser representada como uma operação de espraiamento de traço, o autosegmental [nasal], para uma vogal na mesma sílaba”*.

Battisti (1997, p. 177) afirma que *“a hipótese relacionando a base de vogais (...) nasais à sequência /VN/ na mesma sílaba (...) sugeriu pesquisar a estrutura silábica e a natureza da consoante nasal em fim de sílaba”*. Para SEARA (2000) *“tal estudo permitiu relacionar a subespecificação da nasal à posição que ocupa na sílaba e conceber a própria subespecificação da consoante como elemento desencadeador da nasalização: uma nasal em coda silábica não tem licenciado o traço de ponto de articulação. Por isso nasaliza a vogal e apresenta mais de uma manifestação fonética”*. (p. 17)

Vários estudos acústicos foram realizados a respeito da nasalidade do PB. Alguns autores defendem a hipótese de que as vogais nasais poderiam se constituir de um cluster

V + N, no qual o N representa um **murmúrio coarticulado**¹ à vogal nasal. Seara (2000), após caracterizar as vogais acusticamente, afirma que “o abaixamento do véu palatino e o acoplamento dos tratos oral e nasal, no nível articulatório, leva a inúmeras alterações acústicas”. (SEARA, 2000, p.01)

Câmara Jr. (1953) utiliza o conceito de **arquifonema**. Segundo ele:

“é necessário encontrar o traço específico que caracteriza as vogais que são nasais em termos fonêmicos na constituição da sílaba, ficando a vogal nasal interpretada como dois fonemas que se combinam na sílaba: **vogal + elemento nasal**. Câmara Jr. sugere que o alofone de coda silábica /N/ seria **indiferenciável** em relação ao ponto de articulação, sendo um **arquifonema** dos fonemas /n/, /m/, /ɲ/, preservando apenas o traço comum da nasalidade”. (CÂMARA JR., 1986)

Os linguistas, de um modo geral, concordam que há vogais nasais superficiais em português (lã, fã). A controvérsia se baseia no fato de elas existirem também em nível subjacente.

Dando continuidade à discussão, a próxima subseção traz uma revisão teórica a respeito dos ditongos nasais; e a maneira como os linguistas abordam tal questão na língua.

2.4 Ditongos nasais

Para Câmara Jr. (2004), os ditongos nasais *-ão*, *-ãe*, *-õe* e *-uiN* deveriam ser entendidos como ditongo mais arquifonema nasal; o **glide** provém da **vogal temática**: /auN/ com /N/ na posição de coda. Ou seja, o autor não admitia vogais nasais fonêmicas, os ditongos eram interpretados como acompanhados de segmento nasal.

As teorias quanto à nasalidade de vogais ou ditongos nasais na língua são inúmeras. No entanto, estudos que dizem respeito ao fenômeno investigado são poucos. Câmara Jr. (2004) propôs uma teoria para os nomes terminados em *-ão* da qual faremos uma breve revisão na tentativa de que ela possa de alguma forma contribuir com a nossa pesquisa referente ao tema.

Câmara Jr. (1998), com o objetivo de explicar as formas teóricas em /oN/, utiliza a palavra *leão*, que no plural se apresenta como *leões*. O mesmo exemplo aponta para /leoN/, no qual elimina-se o *-s* e o *-e* temático; assim acabam por perder o travamento nasal no momento em que recebem a desinência do feminino. Ex: *leão* (* /leoN) – *leoa*. No caso da forma teórica em /oN/ corresponder ao sufixo derivacional aumentativo, o travamento

¹ Souza, 1994.

nasal é transferido, como consoante /n/, para a sílaba seguinte, antes mesmo de receber a desinência –a: valentão */valeNtoN/ - valentona.

Apesar disso, não se espera que essas estruturas se manifestem rotineiramente na superfície como [on] em português, como nos dados que discutimos neste trabalho (grand[on], salm[on]). Quando isso ocorre, defendemos que uma regra variável opera e só aparentemente tem o mesmo efeito da forma subjacente proposta por Câmara Jr.(1998).

Damos continuidade com a proposta de Wetzels (2000), o qual afirma que o PB tem um número limitado de ditongos nasais. Segundo ele [ãw, ãj, ãj̃] ocorrem em vocábulos não derivados, e [ãw] é o mais produtivo, que ocorre em maior número na língua. O [ãj] ocorre em final de palavra, como no caso de *mãe* e o [ãj̃] só é encontrado na palavra *muito* e *ruim*. O autor explica que os ditongos [ãw, ãj, ãj̃ e õj] podem surgir do processo de afixação na morfologia flexional. Nas formas verbais, como vários vocábulos que surgiram durante a nossa coleta de dados, a terceira pessoa do plural termina em [ãw] ou [ãj̃], no caso de ['falãw], *falam* ou ['falãj̃] *falem*.

O ditongo [ãj] aparece no plural irregular de algumas palavras que no singular terminam em [ãw], no caso de ['kãw] *cão* ~ ['kãjs]. Normalmente palavras que terminam em –*ão*, formam o plural em –*ões* [õjs]: *canhão* ~ [kãñõjs].

O autor não se detém nos mecanismos morfo(fono)lógicos, dos quais os ditongos nasais podem ser derivados, e sim na representação dos não derivados. Visto que o número de tais ditongos é bastante limitado, Wetzels (2000) assume que todas as vogais nasais ocorrem em final de palavra. Assim, os ditongos nasais derivados e não derivados são representados da seguinte forma:

(1)

Não derivados

[ãw] *canhão*

[ãj] *mãe*

[ãj̃] *muito*

Derivados por flexão

[ãw] *falam* compare *falar*

[ãj] *cães* compare *cão*

[õj] *põe* compare *pôr*

[ãj̃] *falem* compare *falar*

Derivados por regra fonológica

[ẽj] também

Os ditongos nasais que ocorrem no interior de palavras são raros, quando as palavras não são derivadas; *muito* é a mais frequente:

(2)

Cãibra [kãjbra]

Caibro [kãjbru]

Zãibo [zãjbu]

Muito [mũjtu]

No entanto, os ditongos nasais ocorrem com frequência no interior de palavras derivadas:

(3)

Mãozada [ãw]

Coraçõezinhos [õj]

Cãezinhos [ãj]

Wetzels (2000) lembra que os ditongos nasais do português são representados em sua subjacência através de duas formas. Como um ditongo oral, seguido por uma mora nasal, como no caso de /muiNtu/ para [mũjtu] “muito”, ou como ão [ãw] quando ocorre no final de nomes e adjetivos, como uma sequência /an+V/ ou /on+V/, onde 'V' representaria as vogais temáticas nominais /e/ ou /o/.

Na maioria dos estudos gerativos sobre a questão abordada, a palavra *pão* é analisada subjacentemente resultante da combinação da raiz /pan/ seguida pela vogal temática /e/. A ilustração abaixo mostra a abordagem gerativista para o problema dos ditongos nasais:

(4)

acento	pán+e	pán+e +s
nasalização	pãn+e	pãn+e+s
apagamento do n	pã+e	pã+e+s
apócope	pã	
inserção do glide	pãw	
formação do glide		pãjs
espraiamento nasal	pãw	pãjs

Com o propósito de explicar a lacuna que existe “entre a representação *subjacente* e as formas de *superfície*, é proposto um conjunto de regras que torna a derivação dos ditongos nasais um dos tópicos mais complexos da gramática fonológica do português”. (WETZELS, 2000:26)

Segundo Wetzels, caso o [ãw] fosse tomado como subjacente, a regra ãw/→[õj] seria suficiente para derivar as formas de plural. Soluções igualmente simples são disponíveis para considerar as alternâncias que envolvem /ãw/ criado na parte derivacional da morfologia, como em *gatão* ~ *gatona* ou *caminhão* ~ *caminhoneiro*. No entanto, um problema sério da gramática (parcial) de (4) é que ela não dá conta dos fatos.

Em primeiro lugar, o autor diz que há uma arbitrariedade de derivar [ãw] de /Vn+V/. Conforme Wetzels (2000), o português tem inúmeras palavras que na superfície apresentam tal sequência, como *decano*/decan+o/, *oceano*/ocean+o/, *baiano*/baian+o/, cuja derivação, representada anteriormente utilizando o exemplo de [pãw], prevê superficializar-se como **decão*, **oceão* e **baião* as quais deveriam ser marcados como exceções em relação à regra de apagamento do *n*. Outros exemplos trazidos pelo autor em que nenhuma motivação sincrônica pode ser dada para a sequência /VnV/ quando a posição do ditongo ocupa o interior da palavra: *mãe* (?</maNi/), *cãibra* (?</kaNibra/) ou *muito* (?</muNitu/). O autor finaliza dizendo que uma sequência /VnV/ é inadequada como forma de tratamento dos ditongos nasais.

Wetzels (2000) revisa então a hipótese apresentada por Câmara Jr. (1971) na qual ele afirma que os ditongos nasais consistem fonologicamente de um *ditongo oral* seguido de uma *mora nasal*. Tal teoria que representa os ditongos nasais como sequências subjacentes de um ditongo oral seguido por uma mora nasal (/uiN/, /ainN/) foi adotada por estudiosos da fonologia portuguesa. Apesar da vantagem de permitir que se proíba a nasalidade contrastiva do sistema vocálico subjacente, a análise fonológica dos ditongos nasais com a representação /VGN/ é insustentável, na opinião de Wetzels (2000), por várias razões. Uma delas é a de que uma mora nasal permanece extramétrica no processo de derivação, a fim de assegurar a superficialização do ditongo como nasal.

Outra questão difícil de sustentar na proposta de Câmara Jr., segundo Wetzels (2000), é a de formas subjacentes iguais para uma sequência de vogais hetero e tautossilábicas. Ao observarmos as palavras *cãimbra* e *Coimbra*, com pronúncias dissilábica e trissilábica, respectivamente, percebemos que se não houver nenhuma restrição à sequência /VGN/ (vogal-glide-nasal), existentes nas palavras anteriores, *Coimbra* virá à superfície como dissilábica.

A sequência /im/ na palavra *Coimbra* é vista como uma sílaba independente, sendo que a presença de /oim/ na mesma sílaba estaria contrariando a condição máxima de rima no português, a qual permite apenas dois elementos na sua constituição. Se analisarmos o vocábulo *cãimbra*, ocorre o bloqueio da silabação *default* e a presença de um acento gráfico. Sendo assim, a extrametricidade da mora nasal é explicada em *Coimbra* pela silabação *default*, porém, no caso de *cãimbra*, no qual forma um ditongo nasal, este deve ser considerado “parte” do *léxico*.

Com a teoria de Wetzels (2000), os ditongos nasais seriam os únicos casos de rimas lexicalizadas; portanto afirma sobre a possibilidade de conceber a lexicalização da rima no caso de uma sequência /V{i,u}/, pois estas garantem o contraste entre formas como *aí* e *pai*. Nesse caso, o contraste da rima seria consequência da lexicalização do acento.

Lexicalizando a estrutura superficial da rima seria possível encaixar o caso de mãe, em que o /i/ faz parte da rima, que contém o /a/ acentuado; do contrário, *[mã.ĩ] emergiria, como palavras do tipo *sótão*, que contém um ditongo nasal não-acentuado.

O autor propõe, para a representação subjacente dos ditongos nasais, a sequência /V{i,u}/, em que a vogal alta é nasal, a sequência Vĩ representando uma vogal oral (V) e uma mora vocálica nasal (ĩ).

2.5 Teoria da Variação

Esta secção tem como propósito a apresentação dos principais pressupostos que indicaram a necessidade de iniciarem estudos sobre a Teoria da Variação Linguística.

Segundo Labov (1972) a língua é um produto da união do comportamento social e cultural, sendo assim ela sofre variações de acordo com o meio onde está inserida. A língua nada mais é do que um dos meios mais antigos e eficazes de interação entre as pessoas, talvez seja essa a explicação da existência de variações, sejam elas de maneira fonológica, lexical e morfológica, semântica, como também sintática. Essas variações são percebidas e ocupam seu espaço na língua após um determinado tempo.

Toda e qualquer língua apresenta variações, as quais são percebidas não só por linguistas, como também pelos seus próprios usuários. Consequentemente ela tem sido objeto de pesquisadores, os quais tentam explicar as relações da língua e suas múltiplas funções na sociedade cada vez mais heterogênea.

William Labov, um linguista norte-americano foi quem principiou os estudos sobre a Teoria da Variação, em 1963, tendo como cenário a ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts, EUA. Nessa perspectiva, buscou um entendimento da língua em seu contexto social, suas regras de inserção e as variações expressivas, baseando-se em uma metodologia funcionalista.

Labov verificou a possibilidade de sistematizar a variação existente. Geralmente a variante padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e de que goza de maior prestígio sociolinguístico. A variante inovadora, por sua vez, é, quase sempre, não-padrão e estigmatizada.

A teoria variacionista, também conhecida como Linguística Quantitativa por trabalhar com números e tratamento estatístico de dados coletados - opera com duas formas linguísticas: variável e variantes. TARALLO (1997: 8) enfatiza que variantes linguísticas são, "[...], diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade". A esse conjunto de variantes citado pelo autor dá-se o nome de "variável linguística".

Cada sociedade humana, porém, em relação às outras sociedades, e cada grupo, dentro de uma mesma sociedade, tiveram e têm histórias diferentes. É essa diversidade histórica que, em grande parte, determina a variedade linguística. Compreender a diversidade linguística é abrir horizontes para melhor entender a pluralidade social, cultural e histórica de um povo.

A readequação de formas variantes à fala manifesta a ordem natural de articulação a que as línguas estão sujeitas. Ao se fazer uma análise evolutiva da língua a partir das potencialidades naturais das transformações linguísticas é possível distinguir quatro grupos distintos de *variação*: variação histórica, variação estilística, variação geográfica e variação regional.

Assim como houve também a distinção entre dialetos prestigiados e desprestigiados, levando a uma nova classificação, de forma que poderiam ser analisados como possuindo maiores ou menores "graus" de prestígio em uma escala.

A Teoria da Variação e Mudança surge com o objetivo de descrever a variação e a mudança linguística, levando em conta o contexto social de produção, observando o uso da língua dentro da comunidade de fala e utilizando um modo de análise quantitativa dos dados obtidos, baseada na fala espontânea. (Labov, 1972: 208).

Segundo Labov (1972) toda a regra variável é condicionada a sofrer constantemente interferências de fatores linguísticos e extralinguísticos. Um fenômeno linguístico para ser considerado variável é necessário que preserve seu significado e a possibilidade de ocorrer num mesmo contexto. Labov (1972) em suas análises no campo da fonologia comprova que as variáveis são motivadas por fatores sociais ou estilísticos.

Sendo a comunidade de fala essencialmente heterogênea favorece, por consequência, reflexões sobre o papel dos sujeitos no processo de variação e a relação entre identidade, língua e sociedade.

Guy (2001) defende a teoria de que a comunidade de fala se constitui a partir de três critérios: o primeiro ressalta que os falantes compartilham traços linguísticos diferentes de outros grupos, segundo que é necessário haver uma constante comunicação entre si e o terceiro que devem ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem. Tais limites entre uma comunidade de fala e outra devem ser vistos em termos de diferenças gramaticais e não, simplesmente, diferenças na frequência de uso de determinada variável.

No entanto Labov (1972) afirma que uma comunidade de fala trata-se daquela que compartilha normas e 'atitudes' sociais perante uma língua ou variedade linguística. Para ele, a comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso (LABOV, 1972, p. 120)

Labov prioriza a 'consciência' dos falantes em relação às normas gramaticais compartilhadas pelo grupo para caracterizar uma comunidade de fala. Para ele, os membros de uma comunidade de fala não precisam falar da mesma forma; eles simplesmente compartilham uma série de avaliações sobre a comunidade de fala. Assim, o linguista opta pela uniformidade das atitudes dos falantes em relação à língua para definir as fronteiras de uma comunidade de fala.

Dessa forma o linguista garante homogeneidade no seu objeto de estudo, na comunidade de fala e não na língua, que é um sistema heterogêneo. Tanto que os estudos do mesmo autor sobre a centralização em /aw/ e /ay/ em Martha's Vineyard (LABOV, 1972) é visto como tendo um significado social para os integrantes daquele local e, portanto, considerando aquela comunidade de maneira uniforme.

Na verdade, a operação de uma regra variável é o resultado da atuação simultânea de vários fatores, ou seja, as categorias não são isoladas, pelo contrário, elas se apresentam conjugadas. É através de modelos quantitativos que se podem estabelecer correlações entre fatos linguísticos e socioculturais, o que proporciona uma melhor visão da variação da língua, que é descrita em termos de regras variáveis, às quais se podem atribuir valores probabilísticos (ou pesos relativos) que predizem a ocorrência das variantes independentemente do *corpus* observado.

A Teoria da Variação tem uma metodologia própria, e BRESCANCINI (2002, p.15) explica que o pesquisador precisa vencer seis etapas nesse estudo. A primeira delas é definir a *variável dependente*, que se trata de uma delimitação precisa do fenômeno linguístico variável, no qual é necessário realizar um levantamento de todo o conjunto de variantes que ele possa apresentar.

A segunda etapa é definir as *variáveis independentes*, formulando hipóteses iniciais sobre o tipo de condicionamento, estipulando as características internas ao sistema linguístico (variáveis independentes linguísticas) e externas (variáveis independentes sociais), as quais possam influenciar a variável dependente.

O terceiro passo é *delimitar a amostra e obter os dados* e para tanto poderá recorrer a banco de dados (VARSUL), ou ir a campo e realizar sua própria coleta. Levando em conta as possíveis dimensões sociais de variações presentes, tais como idade, sexo, escolaridade, classe social, etnia, profissão e existência de grupos étnicos. Em seguida é realizada a seleção dos indivíduos por meio do método *aleatório estratificado*. Nele a população de interesse é dividida em várias unidades compostas com as mesmas características sociais, conhecidas como células e preenchidas de forma aleatória, para que esse pequeno número de membros possa representar a comunidade como um todo. O que se sugere então é que seja decidido o número de informantes e após se realize a multiplicação do número total de fatores de cada um dos parâmetros sociais escolhidos, um pelo outro. Tarallo (1986) apud Bisol opta por preencher cada célula com cinco informantes.

Feito isso, em quarto lugar o pesquisador deve planejar um sistema de *codificação dos dados*. Tendo em vista que para cada fator de cada variável independente linguística e social é atribuído um código (“f” para feminino, “m” para masculino, “v” a classe da palavra...). Então, o próximo passo é ouvir as entrevistas que compõe a amostra e extrair as ocorrências, e para os estudos fonológicos, implica em transcrevê-los foneticamente.

O quinto passo é *quantificar os dados*, LABOV, 1972, apud BISOL diz que para cada um dos fatores estabelecidos na pesquisa deve haver um valor numérico, como eles variam de um fator para outro, é importante a utilização de um instrumento que o auxilie a extrair inferências, o VARBRUL realiza essa tarefa.

Por último é feita a *interpretação dos resultados*, o estágio mais importante, que é a compreensão dos resultados oferecidos pelo programa e como ele não responde as perguntas de uma maneira direta o pesquisador precisa fazer uso da teoria linguística e do conhecimento da estrutura social da comunidade examinada. Os condutores iniciais da pesquisa atuam de maneira decisiva, justificando as tendências dos resultados numéricos.

O *tempo aparente* seria caracterizado como o estado atual da língua de um falante adulto, que possa ter sido adquirida quando o mesmo tinha quinze anos. Pois a teoria defende que a aquisição da linguagem do indivíduo, se forma até a adolescência, após permanece estável, podendo sofrer alterações novamente na velhice.

A explicação do tempo aparente é muito questionada, pois faz uso do sistema linguístico, que se baseia no fato de que o falante, enquanto indivíduo vai mudando a distribuição de suas variantes na comunidade, de acordo com a sua faixa etária, procurando se adequar. Contudo, é importante levar em consideração não apenas o indivíduo, mas também a comunidade em que esse se insere.

O estudo em *tempo real*, segundo LABOV (1994) permite acompanhar as formas variantes que se encontram em competição, a fim de desvendar se está havendo, ou não, implementação de mudança, se uma delas está sendo abandonada em favor de outra. Dessa forma, são obtidos dados em uma mesma comunidade em dois períodos de tempo diferentes.

Realizando estudos sobre o *tempo aparente* e a transição e a implementação de variáveis por meio de uma análise de uma comunidade, com seu componente de variação e de mudança, é possível direcionar historicamente uma variável, em relação ao passado e também em relação a um possível comportamento no futuro.

LABOV (1994) afirma que analisando a relação entre as variantes e os fatores internos e considerando o fator idade, pode-se observar a estratificação das mesmas. Se a variante inovadora for mais frequente entre falantes mais jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, têm-se indícios de uma mudança em progresso.

Conforme Labov (1994), caso o pesquisador tenha chegado à hipótese de mudança, através dos dados do tempo aparente, pode-se proceder também a uma análise histórica da variável no tempo real, sendo assim recorrer a dados de outra(s) sincronia(s) para que, por

meio de comparações, se possa melhor entender o valor e a direção da variável na comunidade.

Em *tempo real*, o estudo da mudança possibilita analisar aspectos que não podem ser detectados em tempo aparente, distinguindo mudanças graduais em toda a comunidade das que caracterizam a trajetória de comportamento linguístico individual (PAIVA & DUARTE, 2003).

“... uma teoria da mudança linguística afirmaria simplesmente que toda língua constantemente sofre alteração, e formularia fatores condicionantes sobre a transição de um estado de língua para um estado imediatamente sucessivo. Além disso, ela poderia prever que nenhuma língua assumirá uma forma que viole os princípios formais postulados como sendo universais nas línguas humanas.” (LABOV, pág. 34)

A realidade empírica central da Linguística Histórica é o fato de que as línguas mudam com o passar do tempo. Nem toda variação implica em mudança, mas toda a mudança implica em variação. A mudança linguística está envolvida por um complexo jogo de valores sociais; qualquer língua é sempre um conjunto de variedades.

As línguas humanas não são estáticas, pelo contrário, elas se alteram continuamente no tempo, de forma lenta, sem que os falantes percebam, pois se trata de um processo complexo. Os falantes somente irão perceber as mudanças, caso lerem antigos textos escritos. FARACO (1991) diz que isso ocorre, porque a língua escrita é mais conservadora que a língua falada.

Labov (1972) defende a relação entre língua e sociedade e a possibilidade de investigar e descrever a sistematicidade da variação existente e que é própria das línguas, rotulado de “sociolinguística quantitativa”, pois trabalha com dados de caráter estatístico.

Os falantes de uma língua estão constantemente expostos a situações diversas, portanto é necessário que se faça uma constante investigação das causas e um levantamento de quantas e quais línguas são faladas numa dada comunidade, quantas pessoas a praticam e quais as suas variedades e, o que é importante, qual a atitude desses falantes em relação a isso.

Afirma, também, que o objetivo da teoria linguística é prever a distribuição provável na língua de informação nos níveis fonológico, prosódico, morfológico e

sintático. A teoria, mais do que medir o peso dos fatores sociais, preocupa-se em obter um retrato da estrutura gramatical da língua, e a maneira como regras gramaticais cumprem funções. Por fim, o autor acrescenta que há evidências de que a competência linguística inclui restrições quantitativas e que o reconhecimento de tais restrições permite-nos construir uma teoria gramatical. Assim, abre-se espaço para análises variacionistas nos diferentes níveis gramaticais, e para a possibilidade de se descrever e explicar um fenômeno variável com base em fatores condicionantes estruturais e sociais.

A metodologia da teoria da variação constitui uma ferramenta que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações linguísticas. Instrumento que se apresenta ao linguista para o entendimento das línguas humanas.

2.6 Bilinguismo e Contato Linguístico

Havendo variação linguística é possível que se observe que ela não se dá aleatoriamente, senão que sistematicamente por meio de uma organização correlacionada a fatores sociais tais como a classe socioeconômica, escolaridade, sexo e etnia.

Em se tratando de etnia, o bilinguismo é uma característica marcante de alguns povos. Margotti (2004), baseado nas ideias de Grojant (2004), diz que a maioria das sociedades é bilíngue, porém o que difere uma das outras é o grau ou as formas de bilinguismo, que seriam três: (1) uma parte da sociedade fala uma língua A, a outra parte fala uma língua B, (2) toda a sociedade fala ambas as línguas A e B e (3) uma parte da sociedade fala ambas as línguas A e B e os demais são monolíngues. O autor diz que é preciso fugir à generalização de um conceito que vê o bilinguismo como a capacidade de falar duas línguas.

O autor explica que o falante bilíngue apresenta diferentes modos de fala, e no momento em que ele opta pelo modo monolíngue, desativa a outra língua, porém, a desativação total de uma das línguas raramente acontece, e é devido a isso que ocorrem as interferências de uma língua em outra.

Margotti (2004) explica que há uma relatividade no conceito de bilinguismo; portanto, devemos nos questionar em que medida o falante utiliza as duas línguas, ou seja, devemos verificar o domínio que o indivíduo tem das línguas A e B, qual o grau de perfeição nas habilidades linguísticas de compreender e se expressar, considerando os

níveis fonológico, gramatical, lexical e semântico e estilístico-discursivo. Verificar, enfim qual é o repertório linguístico dos falantes bilíngues de certa comunidade.

O autor esclarece que uma das línguas prevalece quanto ao uso, e os motivos podem ser inúmeros, como uma forma de integrar-se socialmente, ou seja, ser reconhecido pelo grupo. Em se tratando de imigrantes, a segunda língua (português), pode ser considerada com um valor de prestígio, que induz o grupo a assumir a nova língua e negar o conhecimento da primeira.

Margotti (2004) afirma que, para explicar a variação que ocorre em uma comunidade de fala, é muito importante que se observe além da dimensão diatópica (variação que ocorre de local para local, característica de uma região ou até de um continente), a classe social, o sexo, a idade. E que, numa comunidade bilíngüe, as pesquisas geolinguísticas são mais complexas, pois além das variáveis comuns, características de qualquer comunidade de fala, somam-se os fatores de *interferência*, que até podem ser corrigidos durante a enunciação.

3. ESTUDOS ANTERIORES

Antes de se iniciar um estudo do português de contato com o alemão e o italiano é preciso que se leve em consideração estudos anteriores sobre o assunto abordado. Sendo assim, o presente capítulo é dedicado àqueles que, assim como fazemos neste trabalho, lançaram um olhar especial para a variação do ditongo nasal *ão*.

3.1 Interferência fônica

Frosi e Mioranza (1983) estudaram os dialetos italianos e chegaram à conclusão de que o ditongo *ão* não faz parte dos dialetos ítalo-brasileiros. *“O fenômeno da interferência fônica parece ter origem no fato de que o ditongo *ãu* existente no sistema de sons da língua portuguesa inexistente nos dialetos italianos”* (p. 335). No entanto, embora os falantes bilíngues português-italiano não realizem o ditongo, eles mantêm a nasalização.

Segundo os autores, *“o problema das interferências fônicas, motivadas por situações de bilinguismo, coincide, ao menos em parte, com o dos aprendizes de línguas estrangeiras que frequentam uma escola. Em princípio, as dificuldades em ouvir ou em reproduzir corretamente determinados sons da segunda língua são idênticas”*. (FROSI E MIORANZA, 1983, p.332)

A amostra de informantes utilizada por Frosi e Mioranza (1983) era composta por analfabetos ou semianalfabetos, os mesmos aprenderam o português; no entanto levaram consigo traços da sua primeira língua. A aprendizagem da língua portuguesa ocorreu na escola, porém suas primeiras aquisições deram-se nas famílias inseridas em pequenas comunidades. Os pais acabaram por transmitir o dialeto italiano e depois disso um precário conhecimento do português, que era frequentemente marcado por interferências do sistema linguístico materno. Muitas dessas interferências enfraqueceram-se pelo contato com a língua portuguesa. Esse enfraquecimento parece ter sido facilitado pelo rádio, pela televisão, e até mesmo pelo desenvolvimento socioeconômico. No entanto, algumas dessas interferências persistem e permanecem visíveis por influência da primeira língua.

Outra particularidade que os autores consideram relevante para explicar a *interferência fônica* encontra-se em uma estrutura específica no dialeto italiano, originária do latim vulgar.

Em uma perspectiva diacrônica certos nomes caracterizavam-se pela estrutura final – *one*. Para os autores “*a evolução que se processou do latim vulgar para o sistema dialetal italiano e para a língua portuguesa deu-se da seguinte forma: one > ò (n) (sistema dialetal italiano); one > u (dialeto bergamasco); one > ãu (sistema da língua portuguesa)*”. (p.336)

Diacronicamente, os nomes no singular de três estruturas latinas –one, ane, anu – na língua portuguesa convergiram para uma única *ãu*. Já no sistema dialetal italiano, as mesmas estruturas latinas evoluíram de *one > ò (n)* ou *u*; *ane > ã (n)* ou *ã(ne)*; *anu > ã (n)* ou *ã (no)*. Frosi e Mioranza (1983), assinalam porém,

“que, no sistema dialetal italiano, a lista de nomes terminados por *ã(n)* ou por *ã(no)* esgota-se rapidamente. Vale dizer, pode-se facilmente estabelecer a relação de nomes cuja terminação é *ã(n)* ou *ã(no)*. O mesmo não se poderá fazer quanto aos nomes terminados por *ò(n)*, uma vez que sua frequência é, em termos reais, muito elevada. Disto resulta que o processo da **interferência fônica** do dialeto italiano na língua portuguesa efetua-se com a substituição de *ãu* por *ò(n)*; nunca *ã(n)* ou *ã (no)* ocupam o lugar de *ãu*.” (p.337)

Quanto à questão da articulação, comprovou-se que os movimentos articulatórios que produziriam uma vogal *ã* acompanhada por uma semivogal *u* também nasalizada não se efetuam no italiano. Portanto, verificou-se que ocorre a produção de uma vogal simples *ò*, a qual existe no sistema de sons da primeira língua.

Frosi e Mioranza (1983) dizem que:

“o processo fonológico que aí se verifica consiste, em última instância, numa **aglutinação vocálica**. Há um processo de assimilação em que a vogal *ã* se torna posterior e arredondada *ò* e, portanto, mais semelhante a **u**, segundo elemento do ditongo **ãu**. O grupo vocálico fica, assim, reduzido a uma única vogal, com a característica de posterior e arredondada, como se caracterizava também a vogal alta nas formas originais do dialeto italiano”. (p. 337)

Segundo os autores, seria muito difícil elaborar uma listagem de nomes terminados em *ò(n)* no dialeto italiano, os quais originaram da estrutura *ò(n)* do latim. De um lado tem-se *ãu* para a língua portuguesa e *ò(n)* para o dialeto italiano.

3.2 A variação do ditongo nasal tônico *ão*, em São Marcos no Rio Grande do Sul

Tomiello (2005) realizou um estudo referente à alternância *ão ~ on* do ditongo nasal tônico na fala em língua portuguesa de bilíngues português-italiano de uma

comunidade rural do município de São Marcos, no RS. O estudo teve como base a Teoria da Variação Linguística (Labov, 1969, 1983, 2001) e a Variação como Prática Social (Eckert, 2000, 2005).

Os dados linguísticos utilizados pela autora foram provenientes do BDSer. Os informantes, habitantes de São Marcos, zona rural. A análise seguiu uma perspectiva um pouco mais social do que a praticada usualmente pelos variacionistas.

Inicialmente a autora realizou uma análise quantitativa conforme metodologia de análise de regra variável (Labov, 1969, 1983, 2001) a fim de verificar o condicionamento de variáveis linguísticas e sociais sobre o fenômeno em questão. Posteriormente elaborou um estudo etnográfico por meio de observação participante (Eckert, 2000, 2005), para explicar o quadro de práticas sociais em que a alternância ocorre.

Tomiello (2005) em sua observação das práticas de uma família verificou que esta constituía um grupo coeso que trabalhava a terra e praticava a fala bilíngue. Eram os pais os membros da família dedicados às atividades rurais e aqueles que realizam mais o *on*, ao contrário dos filhos, que tinham atividades urbanas, com mais escolarização e que conviviam mais com o grupo monolíngue-português. Apesar de bilíngue, a mãe produzia menos *on* do que o pai. Ambos trabalham a terra e possuíam o mesmo grau de escolarização, mas coube à mãe o contato diário mais intenso com os filhos, com quem pratica o português.

A autora concluiu que variáveis extralinguísticas como Idade, Escolaridade e Gênero revelaram-se significativas na ocorrência de *on*. Dentre as variáveis linguísticas destacaram-se Número de Sílabas do Vocábulo e Contexto Fonológico Precedente.

3.3 A variação do ditongo *ão* entre os ítalo-brasileiros

Diversos pesquisadores elegeram como objeto de investigação o português de contato com os dialetos italianos, no Sul do Brasil. Alguns trabalhos, especificamente relacionados à variável do ditongo *ão* na fala de descendentes ítalo-brasileiros, como é o caso de Margotti (2004), Frosi e Mioranza (1983), Mescka (1983), Altenhofen (2002) e Tomiello (2005).

Margotti (2004) explica que, apesar de a substituição do ditongo decrescente nasal final [ãw̃], ortograficamente *ão*, por [õw̃] ou [õ], como coraç[õw̃] ou coraç[õ], ser bastante apontada por vários autores, ela ainda é pouco estudada.

Margotti (2004) declara em seus estudos que, no caso do ditongo *ão*, o mesmo é derivado de diferentes fontes latinas, e diacronicamente relaciona-se ora com o paradigma [aN], ora com o paradigma [oN]. Retoma em seu trabalho a análise que concebe que as terminações latinas –ONE, –ANE, –ANU e –UDINE resultaram em *ÃO*, *Ã* e *Õ(N)* no português, devido à nasalidade da consoante [n] ser comunicada à vogal anterior. O autor acredita que as formas do português se originaram devido à *síncope*² do [n] intervocálico.

Nomes latinos como:

MANUS > *MÃO*

CANEM > *CÃO*

LEONEM > *LEÃO*

MULTITUDINEM > MULTIDÃO

No caso do plural, as estruturas se mantêm distintas: *MÃOS*, *CÃES* e *LEÕES*, enquanto que no singular dos vocábulos terminados em *ão*, as três estruturas dos radicais se neutralizam.

Margotti (2004) retoma a ideia de Frosi e Mioranza (1983) dizendo que no português as formas evoluíram de **one** para **ão** e no caso do dialeto italiano as estruturas evoluíram de modo diferente: **one** > **õ (n)**.

Concordamos com Margotti (2004) quando afirma que o problema está na percepção do ditongo e estende-se para a articulação. O falante bilíngue não ouve a sequência *ão* entre os sons da sua língua materna, portanto a dificuldade em distinguir os sons nasais.

Quanto aos dados de sua pesquisa, Margotti (2004) identificou 799 contextos do ditongo nasal [ão], dos quais obteve 16% de aplicação da variação do [õw̃].

[ãw̃]		[õw̃]		[õ]		Total	
Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
559	70	127	16	113	14	799	100

(MARGOTTI, p.82, 2004)

Os dados do trabalho foram processados através de um programa geolinguístico chamado SPDGL, do qual ele obteve 26 mapas analíticos, sendo 3 no estilo leitura, 13 de resposta ao questionário e 10 no estilo conversa. Para obter os dados estatísticos fez uso do

VARBRUL, atualmente GOLDVARB X, para correlacionar a variável dependente com as variáveis independentes por ele selecionadas.

Os grupos de fatores apontados pelo autor, como os mais relevantes estatisticamente para a aplicação do [ãõ] foram: *zona de residência, idade, contexto precedente, pontos de pesquisa, estilo de fala, etnia, tamanho do vocábulo e classe morfológica.*

A variável *ponto de pesquisa* revelou que nos pontos em que a presença de italianos era menor, ocorreram índices percentuais mais altos do ditongo [ãõ].

	Cidades	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Santa Catarina	Orleans	90/105	86	.79
	Chapecó	74/98	76	.60
	Videira	61/92	66	.40
	Rodeio	53/107	50	.21
Rio Grande do Sul	Sarandi	76/97	78	.67
	Caxias do Sul	70/101	69	.46
	Nova Palma	67/101	66	.44
	Sananduva	68/98	69	.42
	TOTAL	559/799	70	Input: .79 Significância: .000

Entre os municípios, Nova Orleans foi o município que melhor favoreceu a aplicação da variante [ãõ], seguido dos municípios de Chapecó e Sarandi. Margotti (2004) explica que as mesmas se correlacionam positivamente com a variante [+ptg]. O inverso ocorreu com Rodeio, município de Santa Catarina, localidade em que menos se observou o emprego da regra na análise dos pesos relativos.

O autor reconhece que a variação entre os pontos deve ser explicada por fatores como: forma de colonização, o grau de desenvolvimento, organização social, contato com outros grupos sociais, as atitudes linguísticas, que devem ser considerados em uma análise. Constatou-se que nos locais onde havia mais variedades de culturas ou uma maior expansão demográfica em virtude do desenvolvimento econômico, resultaram em altos índices de emprego da variante *ãõ*. O que estaria ligado a uma maior presença do português nessas localidades.

Quanto à *zona de residência* houve uma maior difusão do ditongo *ão* no meio **urbano**, principalmente entre os jovens.

Zona de Residência	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Urbana	358/410	87	.68
Rural	201/389	52	.31
TOTAL	559/799	70	Input: .79 Significância: .000

Conforme a tabela Zona de Residência, os falantes rurais ainda mantêm a variante com traço [+ita]; porém, o que se tem de considerar na pesquisa é que os informantes da zona urbana mais velhos não eram bilíngues. Houve assim uma falta de ortogonalidade entre informantes urbanos e rurais, além de os entrevistados residentes na zona urbana possuírem uma escolaridade superior à 8ª série.

O uso do ditongo *ão* em relação à variável *idade dos informantes* ficou descrito da seguinte maneira:

Idade	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
De 45 a 60 anos	239/406	59	.26
De 15 a 30 anos	320/393	81	.75
TOTAL	559/799		Input: .79 Significância: .000

Embora os informantes de mais idade da zona urbana fossem descendentes de luso-brasileiros, a variável *idade* foi eleita como uma das mais significativas. Margotti (2004) descobriu que os jovens empregam a variante [+ptg], enquanto que os mais velhos empregaram a variante [+ita], que no caso, aqui representam o [õw̃] e [õ]. Segundo o autor, o uso do traço [+ptg] favorecido entre os jovens, aponta para uma mudança em tempo aparente, pois os mesmos favorecem a difusão do português.

O *estilo de fala* também foi considerado importante no uso do ditongo [ãw̃]. Nos dados de Margotti (2004), os mesmos foram registrados da seguinte maneira:

Estilo	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Leitura	99/128	77	.75

Questionário	296/413	72	.52
Conversa	164/258	64	.33
TOTAL	559/799	70	Input: .79 Significância: .012

A *leitura* favorece o emprego da variante *ãõ*, enquanto que a *conversa* desfavorece, nos dados do autor. A *leitura* é mais formal, tem relação com a escolaridade e mais monitorada. A *conversa* é mais informal, propicia o uso das variantes étnicas; como ela não é monitorada acaba revelando um percentual maior de variantes que não ocorrem na *leitura e questionário*.

Quanto à variável *etnia*, falantes monolíngues luso-brasileiros lideraram a forma *ãõ*. Os falantes urbanos mais velhos, monolíngues e descendentes de luso-brasileiros também fizeram uso das variantes [õw] e [õ]; embora em um percentual menor, houve traços de variantes do italiano em suas falas. Margotti (2004) explica que em razão de se tratar de um grupo pequeno, de classe social mais baixa, os monolíngues foram influenciados pelo grupo dominante; talvez pela necessidade de se identificar com os italianos que são mais bem sucedidos economicamente.

Etnia	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Descendentes de luso-brasileiros	174/205	85	.77
Descendentes de italianos	385/594	65	.40
TOTAL	559/799	70	Input: .79 Significância: .000

Uma das primeiras variáveis linguísticas discutidas na pesquisa de Margotti (2004) em relação ao ditongo [ãw] é o *contexto precedente*. Segundo o autor, os contextos precedentes das consoantes alveopalatais ou palatais, assim como as labiodentais, desfavoreceram significativamente a aplicação dessa regra. Enquanto que as vogais ou semivogais, as consoantes dentais ou alveolares e as consoantes bilabiais a favoreceram. Porém, o autor explica que as palavras em que esses últimos *contextos precedentes* aparecem **ocorrem em número reduzido**.

O *tamanho do vocábulo* também foi uma variável que se destacou nos dados de Margotti (2004), os vocábulos com mais de quatro sílabas e aqueles com duas sílabas

favoreceram a variante [ãw̃], já os monossílabos foram aqueles que pouco favoreceram a aplicação.

Número de sílabas	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Polissílabo	559/799	70	.59
Dissílabo	223/291	78	.59
Trissílabo	188/280	67	.49
Monossílabo	97/163	60	.32
TOTAL	559/799	70	Input: .79 Significância: .000

Margotti (2004), na sequência de sua análise, fala da variável linguística *classe morfológica*, que foi selecionada como relevante no uso da variável [ãw̃]. Os substantivos exerceram influência neutra, a variante foi favorecida pelos verbos e desfavorecida pelas demais classes morfológicas. Então, segundo o autor: “*é preciso levar em conta que a quantidade de verbos e de itens lexicais pertencentes a outras classes gramaticais representam, em número de ocorrências, cerca de 10% do número de ocorrências de substantivos.*” (MARGOTTI, 2004, pág. 170)

Nas conclusões a respeito dessa regra, o autor explica que a variante [ãw̃] é sensível a fatores linguísticos e extralinguísticos, anteriormente citados, e que os falantes mais jovens e urbanos se distinguem dos mais velhos e rurais, como também as cidades têm diferenças dialetais e a variação do ditongo [ãw̃] encaminha-se para uma mudança em curso, que se demonstra favorável à difusão do português, com exceção de Rodeio. Local onde apresenta certa resistência, prevalecendo um equilíbrio entre as variantes portuguesas e italianas nos números.

Margotti (2004) já havia realizado um trabalho semelhante sobre o uso da variante em 2001, fazendo uso dos dados do VARSUL, dos municípios de Chapecó e Flores da Cunha, com os informantes ítalo-brasileiros masculinos, porém com diferentes idades e escolaridades. Chegou aos valores de 75% para a aplicação de [ãw̃], contra 20% das variantes [õw̃] e [õ]. No estudo citado também constatou que o traço [+ptg] era favorecido pelos falantes mais jovens e escolarizados, e, nesse caso Chapecó, por ser uma cidade maior, com mais habitantes lusos, favoreceu mais a difusão do português em relação a Flores da Cunha.

3.3 Dificuldade no domínio de fonemas no Espírito Santo

O trabalho de Benincá (2008) teve como tema a dificuldade no domínio de fonemas do português por crianças bilíngues de português e *pomerano* no Espírito Santo. Ao descrever o português falado por esses descendentes, a autora identificou marcas próprias de dificuldade de aprendizagem do português, como também os erros de escrita. Benincá (2008), ao final de sua pesquisa, criou propostas de ensino que consideraram as diferenças do grupo.

A autora, a fim de compor sua análise, realizou entrevistas gravadas por meio de um questionário fonético-fonológico de 44 questões, como também redações produzidas por alunos da 5ª série do ensino fundamental, residentes na comunidade de Alto Rio Possmoser, em Santa Maria de Jetibá, no ES. Ainda identificou trocas de letras na escrita, as quais, segundo ela, foram geradas principalmente pela influência da oralidade, como também da dificuldade de domínio dos fonemas.

A autora coletou não só as variações da fala, mas também as da escrita. A escolha do local para a coleta de dados se deu em virtude de uma maior concentração de pomeranos. Uma comunidade camponesa, com alto índice de analfabetismo, composta por pessoas bilíngues que realizavam atividades agrícolas e que eram mais assíduas aos costumes dos seus antepassados.

A localidade escolhida já havia sido ponto de inquérito do projeto Atlas linguístico do Espírito Santo, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Catarina Vaz Rodrigues. Os informantes eram da faixa etária de 10 a 12 anos e alguns alunos não tinham domínio do português. A autora relata que nessa faixa etária eles começam a participar das atividades da comunidade, escrevem mais e seus textos são “maduros”.

Benincá (2008) gravou falas individuais e coletivas, a fim de evitar inibições. Fez uso de questionários e discurso semidirigido. No discurso semidirigido ocorreu a variação [li ‘mõw̃] ~ limão, como também, alguns casos inversos como [bãw̃] ~ bom.

Benincá (2008) relatou que o processo de desnasalização também ocorreu. O ditongo [ãw̃] final, do vocábulo *feijão*, realizou-se como oral [aw]. O mesmo ocorreu com a palavra “dragão”, porém em um único informante. Segundo ela “... *em pomerano, o ditongo [aw] existe como oral, e não como nasal, como aparece nas palavras ‘kau’, ‘gaud’, ‘hauw’, o que aponta para uma interferência da LM na LE.*” (BENINCÁ, 2008, pág. 164)

Nos dados escritos, redações de alunos, apareceram trocas de *ão* e *am* por *om*, assim como *om* por *ão*.

Troca de om por ão		Troca de ão por om		Troca de am por om	
<i>Forma encontrada</i>	<i>Padrão</i>	<i>Forma encontrada</i>	<i>Padrão</i>	<i>Forma encontrada</i>	<i>Padrão</i>
Cão	Com	tom	Tão	fiserom	fizeram
São	Som			ficom	ficam
				pegarom	pegaram
				forom	foram

(BENINCÁ, 2008, pág. 164)

A maioria da variação *ão/am* ~ *om* ocorreu na forma verbal conjugada em terceira pessoa do plural, e as palavras do questionário que poderiam gerar essa forma eram formadas por substantivos e adjetivos. No discurso semidirigido em que os alunos falaram mais livremente foram encontradas as formas [li 'mõw̃] e [bãw̃], segundo Benincá (2008), as formas que foram listadas representam a influência da variedade falada do português.

Com relação aos verbos, Benincá (2008) selecionou vocábulos que apresentavam a redução do ditongo [ãw̃] no final dos verbos. Segundo ela, essa redução é aliada à tendência ao alçamento pelo travamento nasal. A mesma encontrou variações que confirmam esses processos: [ˈforɔ], [fɪˈkarɔ]; nesses casos o travamento nasal foi apagado, e a sílaba final, pronunciada pela maioria dos falantes monolíngues como [rãw̃], passou a [rɔ]. Essas trocas não apareceram no questionário fonético-fonológico do corpus oral, seria uma influência do oral, pois alguns casos surgiram no discurso semidirigido. Então essas formas *fiserom*, *ficom*, *pegarom* e *forom* podem ser representadas na escrita por influência da oralidade.

Benincá (2008) afirmou que “... *essas trocas são características do grupo de falantes bilíngues de português e pomerano, pois, além de estarem presentes na fala dos informantes, e por isso são refletidos na escrita, não são comuns entre alunos monolíngues*” (p.177). A autora baseia sua afirmativa em pesquisas de outros autores que investigam “erros” de escrita de alunos, os quais não mencionaram esse tipo de troca, já que não era comum entre os informantes por eles analisados.

As conclusões da autora são de que há marcas linguísticas típicas do português que é falado pelas crianças descendentes de pomerano, como também dificuldades ligadas a interferências da língua materna. Essas marcas podem ser *diretas*, quando características do pomerano (configuração silábica ou alofones de determinados fonemas) são transferidas para o português, ou *indiretas*, quando uma distorção se dá na fala ou na escrita, por falta de domínio dos fonemas do português ou grafemas que o representam.

3.4 O dialeto alemão como um fator identitário

Spinassé (2008) realizou um trabalho explicando como a língua representa um fator identitário e inclusivo na vida dos descendentes de alemães no Brasil.

A parte do estudo que nos chamou mais a atenção foi a que mostra que a formação de palavras representa um processo frequentemente utilizado e característico do *hunsrückisch* (língua germânica falada na região do Hunsrück, no sudoeste da Alemanha). Um exemplo citado pela autora é um que envolve a palavra “balcão”, que no alemão é *theke* ou *ladentisch*. No dialeto dos descendentes é *balkón*, que no alemão padrão significa varanda; trata-se de uma variante do português com pronúncia alemã. Quando essas palavras são assimiladas no vocabulário dos descendentes, composições de palavras alemãs também se tornam possíveis. No caso, o menino que atende no balcão é chamado em *hunsrückisch* de “*balkonjunge*” (p.10), que em alemão é *ladengehilfe*.

“Tais formações híbridas no *hunsrückisch* são frequentes. Em alemão é mais corrente fazer composições, ou seja, formar uma palavra a partir de dois outros lexemas, o que no português é mais raro de acontecer. O fenômeno do alemão ocorre, porém, em *hunsrückisch* com as duas línguas concomitantemente. Por exemplo, *Gebäck* / *Keks* são palavras não empregadas na variante rio-grandense, e que são substituídas por uma correspondente do português: “doce” [‘dosi] (pronunciada pelos teuto-brasileiros como [‘tos]). Consequentemente, *Butterkeks* ou *Weihnachtsgebäck*, passam, no *hunsrückisch*, respectivamente para **Puttertós** e **Weihnachtstós**”. (SPINASSÉ, 2008, p.10)

Spinassé (2008) declara que, mesmo tendo ocorrido influências fonéticas, morfológicas, semânticas e pragmáticas no *hunsrückisch*, a maior incidência de interferência aparece no campo lexical. A partir de suas observações a autora coletou algumas palavras germanizadas, presentes no dialeto dos colonos. Inicialmente em *hunsrückisch*, depois em português e por último, entre parênteses a palavra no alemão atual.

Prosch – brocha (<i>Achsnagel</i>)	Panz – pança (<i>Bauch</i>)	Canega – Caneca (<i>Becher</i>)
Kramma – grama (<i>Grass</i>)	Fußballkamp – Campo de Futebol (<i>Fußballfeld</i>)	Schimarón – Chimarrão (Mattete)
Pikot – picada (<i>Schneise</i>)	Pegamot – bergamota (Mandarine)	Schuraske – Churrasco (Grillfleisch)

SPINASSÉ (2008, p. 11)

A autora acredita que os imigrantes não fizeram questão de manter sua língua intacta. O *Hunsrückisch* foi submetido a interferências externas, resultando em mudanças linguísticas.

O português, com o tempo, foi ocupando espaço nas colônias, e os descendentes acabaram deixando-se influenciar pelo idioma. Hoje, todos já falam o português, principalmente fora das comunidades, e essa língua acompanha os descendentes até mesmo no *hunsrückisch*, dialeto que ainda sofre um contínuo processo de modificação, e no qual se percebe essa integração entre as línguas.

Spinassé (2008) afirma que um acentuado número de elementos do português ocupou espaço na variante *hunsrückisch*, falada no Brasil. Muitos podem acreditar que se trata de um corrompimento, porém é resultado de um processo natural linguístico, proveniente de um processo de integração. Nesses 180 anos não houve somente a mistura de elementos da língua, identidade e aspectos culturais. Segundo a autora, só é possível haver contato linguístico se há contato social e o contato social surge de alguma forma de integração.

3.5 Informantes bilíngues e o traço [+padrão]

Rost (2008) identificou um dos traços linguísticos compartilhados por informantes teuto-brasileiros em comunidades bilíngues do projeto ALERS. A autora verificou que os informantes bilíngues têm a tendência de adotar traço [+padrão] no uso do português. Isso se confirma no fato de eles utilizarem a lateral palatal, mesmo que a expectativa fosse pelo emprego da variante vocalizada, que predomina nas comunidades rurais.

Confirmou-se que os informantes monolíngues em português, residentes de áreas rurais e com baixa escolaridade apresentam um maior uso da variante vocalizada da lateral palatal.

Segundo Rost (2008), essa variante ocorre principalmente devido ao ensino escolar do português, que por muito tempo restringiu-se somente à escola e ao registro escrito, como também a outros fatores de ordem social e econômica. A autora explica que o teuto-brasileiro acaba por ser monolíngue do português, pelo motivo de que a língua portuguesa representa o símbolo dos falantes moradores das cidades da região sul do Brasil, da classe mais alta da população e da escola.

“As línguas alemã e portuguesa aparecem como parte integrante da vida desses cidadãos, embora, na atualidade, tenham funções diferentes na comunidade. De um lado, boa parte dos falantes bilíngues somente emprega o dialeto alemão nas situações em que há mais intimidade, basicamente sob a sua forma oral no convívio familiar e entre amigos nas comunidades rurais”. (ROST, 2008, p.216)

A língua falada pelos descendentes de alemães é formada por diversos dialetos. *“Durante a fase monolíngue, prevalece a diversidade dialetal alemã de pronúncia bem diferente do alemão literário. Tais dialetos revelam quase sempre a região de onde provém o imigrante. Nas áreas de imigração, a variante da língua alemã mais falada é o hunsrückisch, mas também se encontram o Pomerano (Pommeranisch), o vestfaliano (Westfälisch) e o suábico (Schwäbisch)”.* (ROST, 2008, p.219)

O contato do teuto-brasileiro com falantes lusos, consequência da vida social e econômica, fez com que aqueles adquirissem certos traços do português. Obrigados a aprenderem o português, a forma de aprendizagem também gerou uma adoção de traços [+padrão], que é associado àquele imposto nas escolas, que acarretou a perda da escrita da língua alemã.

A autora acredita que o ensino escolar em português, as relações econômicas com outras comunidades e o acesso aos meios de comunicação forçam o teuto-brasileiro a tornar-se um falante do português. Ela supõe que isso ocorra devido ao baixo grau de bilinguismo português/alemão e o contato com falantes monolíngues.

O trabalho de Rost (2008) nos leva a supor que a variação do ditongo ão entre bilíngues representa um dos poucos traços, porém marcante, presentes na fala desses descendentes.

3.6 Uma representação multilinear da interferência fônica

Os autores Cambrussi, Ferreira e Gritti (2008) elaboraram uma proposta através de uma *representação multilinear* da interferência fônica que ocorre na pronúncia do [õw̃] em lugar de [ãw̃] no português de contato com os dialetos italianos falados no sul do Brasil.

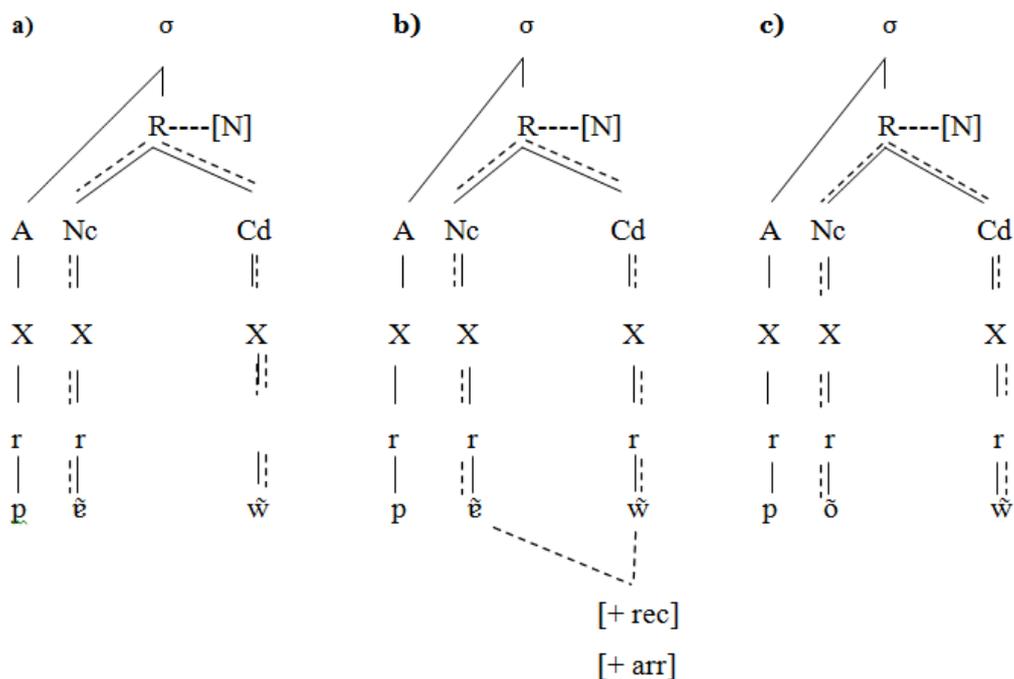
Segundo os autores, o português possui características e também empréstimos em diferentes níveis estruturais da língua, porém é na pronúncia que essas interferências se evidenciam. No caso do italiano a interferência fonológica da língua materna pode permanecer ao longo da vida do falante, mesmo que possua um ótimo domínio da gramática da língua estrangeira aprendida.

Analisando o processo de interferência fônica, os autores concluíram que o que ocorre no processo do emprego da variante [õw̃], no lugar do ditongo [ãw̃] é o de *assimilação*, estudado na fonologia *não-linear*. A *assimilação* seria o processo pelo qual um segmento se liga a outro, levando um nó ou um traço de segmento para outro, em que os traços [+recuado] e [+arredondado] associam-se à vogal nasalizada [ã], tornando-se semelhante a [u].

Pode-se representar o fenômeno da seguinte maneira:

[pãw̃] → [põw̃]

INPUT



Os autores salientam que a representação (a) foi elaborada por Bisol (1998) e constitui o input do processo descrito. O passo derivacional (b) está representado por linhas de associação e assimilação dos traços [+recuado] e [+arredondado] e na representação (c) o fechamento da vogal [ã], que se torna [+posterior] e [+arredondada], assemelhando-se ao [u].

Na representação [c], por eles descrita, explicam o uso da variante [õw̃] no lugar de [ãw̃], na palavra *pão*, localizada nos dados do ALERS (2002). No entanto, nos mesmos dados, o fenômeno ocorre também entre as polissílabas, como é o caso dos itens lexicais: *calção*, *sacristão*, *procissão*, *ferrão* e *assombração*.

3.7 Contribuições portuguesas para o léxico do dialeto *vêneto*

O estudo de Faggion e Frosi (2010) trata das muitas contribuições portuguesas para o léxico do dialeto *vêneto*, resultado do contato linguístico-cultural.

As autoras analisaram os empréstimos sob uma perspectiva morfossintática. “O item lexical português, usado no dialeto sul-rio-grandense, será reconhecido como empréstimo na condição de que esteja integrado no sistema dialetal italiano, perfeitamente

adaptado às normas gramaticais desse dialeto e que seja de uso comum, coletivo, não causando estranhamento por parte do próprio monolíngue de dialeto italiano”. (FAGGION; FROSI, 2010, p. 2)

Faggion e Frosi (2010) comentam que uma característica interessante desse fenômeno é a perda da consciência linguística a respeito da legitimidade do elemento lexical substituído por aquele emprestado. O falante bilíngue faz uso de termos do léxico português como se sempre tivessem pertencido ao seu sistema de fala dialetal.

Segundo elas, esses lusismos podem ser classificados como empréstimos de necessidade e empréstimos de luxo. Os empréstimos necessários são aqueles constituídos por termos autóctones, resultado do fato de que, no universo vocabular do dialeto vênето originário das comunidades rurais vênetas não havia na época da imigração termos que designassem tais referentes, como, por exemplo, os termos decorrentes da tecnologia moderna: televisão e celular foram emprestados e adaptados à estrutura morfossintática desse dialeto – *television e celular*. O primeiro coincide com o termo dialetal da Itália, mas o segundo não, porque no dialeto vênето da Itália a forma é *telefonino* ou *cellulare* (*cellulare* no italiano padrão).

Os empréstimos de “luxo” são palavras ou locuções que, mesmo existindo as correspondentes no sistema linguístico importador, são usadas pelos imigrantes porque eles acham mais expressivas, mais cheias de conotações em referência ao novo contexto em que esses imigrantes estão inseridos. A expressão “*Como non!*” derivada do português *Como não!* O significado é uma afirmação enfática equivalente, no italiano padrão a *Come no!* Ela não é usual no dialeto vênето rústico da Itália, pois a expressão poderia ser ocupada por *Certo! Certamente! Sicuramente!*.

Há também os empréstimos “de inércia”, as interferências lexicais de apoio, isto é, os bordões, marcadores ou palavras de apoio. As autoras identificaram as expressões como *tá certo, ou tá, né, inton* (por então), itens lexicais portugueses que se inserem na conversação em dialeto italiano, embora neste existam expressões equivalentes (*I’è vero, proprio, allora*).

Com o intuito de propiciar uma visão dos principais empréstimos, elaboraram uma relação dos vocábulos mais usados no dialeto italiano sul-rio-grandense.

No quadro abaixo, a forma como são representados no dialeto italiano do Vênето, como são configurados no italiano padrão e como são constituídos no português.

Item lexical importado do português no dialeto	Item lexical do dialeto italiano vêneto original	Item lexical no italiano padrão	Item lexical em português
Algodón	bombasso	Cotone	algodão
Coraçon	cor, core	Cuore	coração
fogon a legna	fogolar ou fogoler	cucina economica	fogão a lenha
Seraçon	nebia, fumana	Nebbia	cerração
Verón	istà	Estate	verão

FAGGION; FROSI (2010, p. 4)

Segundo as autoras, outras denominações foram sendo adotadas do português *casacón* ou de outras línguas, via português *blusón*.

A fim de verificar se havia alguma relação do italiano e do alemão com as palavras mais recorrentes do nosso trabalho, elaboramos uma tabela comparativa, com os vocábulos que apresentaram a variação e os itens lexicais do alemão e italiano padrão.

Item lexical que apresentou Variação	Item lexical no <i>italiano</i> padrão		Item lexical que apresentou variação	Item lexical no <i>alemão</i> padrão
não ~ non	non		não ~ non	nicht
então ~ então	allora		então ~ então	dann
pão ~ pon	pane		pão ~ pon	brot
caminhão~caminhon	camion		caminhão~caminhon	lastwagen
são ~ son (v.)	sono		são ~ son (v.)	sind
mão ~ mon	mano		mão~mon	hand

Na tabela acima, os itens lexicais demonstram que há uma significativa semelhança entre as palavras da língua italiana e os vocábulos encontrados nos dialetos. As palavras no alemão, apesar de possuírem um vocabulário menos próximo das variantes citadas apresentam traço nasal no final das palavras. Embora não podemos afirmar que a variação possa ocorrer em virtude disso.

No vêneto sul-rio-grandense parece que os processos de inovação lexical através da formação de palavras estão sem uso. Toda a renovação vocabular fica a cargo dos empréstimos tomados quase sempre da língua portuguesa, ou através dela. Não se pode dizer que a contribuição do vêneto ao português seja insignificante, as muitas contribuições revelam uma rica herança cultural, no entanto, o movimento contrário é muito evidente.

O vêneto sul-rio-grandense apresenta um grande número de palavras portuguesas presas aos esquemas morfossintáticos do italiano. Faggion e Frosi (2010) concluem que não se pode deixar de ver nisso um sinal de fraqueza do vêneto, um indicador a mais da paulatina substituição do vêneto pelo português; consideram que o vêneto sul-rio-grandense configura-se como um dialeto em perigo.

3.8 Assimilação de palavras do português no dialeto alemão

O trabalho de Fenner (2003) enfoca o processo imigratório de 1824, da região denominada Hunsrück, Alemanha, para São Leopoldo, no RS. Fenner (2003) apresenta aspectos da fala bilíngue que ainda se fazem presentes em um grupo observado na zona urbana de Cascavel.

Segundo a autora, Cascavel não é uma cidade onde todos são bilíngues; foi uma comunidade luterana, localizada no centro da cidade, a qual colaborou para que as pesquisas fossem realizadas. O grupo analisado recorre à fala bilíngue em situações específicas, em situações descontraídas de interação, antes e após os eventos religiosos. Esse dialeto ocorre paralelamente com o português, que goza do status de formalidade nas atividades em geral.

“É preciso esclarecer que o falante aciona a fala bilíngue tendo como língua base tanto o dialeto materno quanto o Hunsrück. Portanto, mesmo quando acionado o português numa ambiência, é diferente do português que esse mesmo falante acionaria em interações com monolíngues (do português)”. (FENNER, 2003, p. 265)

A autora constata novos vocábulos na fala bilíngue (alemão e português), os quais foram assimilados do português e sofreram leves alterações. Determinadas alterações processaram-se de forma natural, e a influência ocorreu conforme o nível de instrução dos falantes, sexo, local de residência, atitude psicológica, consciência linguística e status dentro da sociedade. Ao chegar ao Brasil, o imigrante deparou-se com situações e realidade bem diferente da sua terra natal, como animais, plantas, objetos e costumes. Portanto, houve uma assimilação de inúmeras palavras da língua brasileira *“que de alguma maneira foram germanizadas, adaptadas fonética e morfológicamente à língua alemã”*. (FENNER, 2003, p. 256)

Nesse caso, a língua seria uma das provas mais contundentes da aculturação dos colonos.

A fala bilíngue da comunidade foi principalmente observada durante os encontros da OASE, nos cultos religiosos, no Clube Alemão e em ambientes familiares. No entanto, o dialeto foi acionado em determinados encontros de descontração, marcados por um grau de informalidade.

Segundo a autora é comum ouvir o dialeto entre pastor e membro. Observe:

- *Ei, Pasto, komm mol bei uns ehn **chimarrón** tringa.*

(Ei, Pastor, venha tomar um chimarrão conosco)

Fenner (2003) diz que o *chimarrão* é da cultura brasileira, típico do Rio Grande do Sul, no entanto, assim como em outros termos do dialeto, a terminação do ditongo variou de *ão para ón*. Diversos pesquisadores estudam esse fenômeno em que os falantes alemães e de outros países europeus que não possuem o ditongo *ão* em seu sistema linguístico o realizam como *ón*. Muitos estrangeiros, por não possuírem tal forma fonética, usam simplesmente “chimarao”, com a vogal oral, como em São Paulo, ficando “Sao Paulo”.

Ao realizar visitas, as famílias nas quais avós de setenta anos ou mais estão presentes, há um uso mais intenso da fala bilíngue. Nos momentos em que os netos e filhos de trinta anos estavam, a interação praticamente ocorria em português.

“Para os mais jovens, cultivar uma língua talvez venha com outros meios de comunicação e não vinculados à família. Por exemplo, a música inglesa que invade todos os lares, o Mac Donald com seus “sandwiches” prontos estão à disposição praticamente em qualquer cidade de porte médio. Desta maneira, a identidade dentro de uma vida urbana é algo totalmente diferente a ser entendido como na vida rural e isolada”. (FENNER, 2003: 258).

4 - METODOLOGIA

Inicialmente realizamos um estudo referente à nasalidade e, após, uma revisão de trabalhos referentes à variação do ditongo. A partir dessa seção, com base na Teoria da Variação de Labov (1969), analisaremos fatores sociais e linguísticos que podem interferir no fenômeno da variação do ditongo nasal tônico *ãõ*, em sílaba final.

Nosso estudo lança um olhar especial sobre a questão do bilinguismo, pois outros trabalhos já constataram o fenômeno entre falantes dos dialetos alemão e italiano. Portanto, temos como propósito ampliar a descrição do português de localidades bilíngues do RS, bem como comprovar que ele resulta do português de contato.

O *corpus* analisado faz parte do banco de dados do VARSUL. Foram ouvidas entrevistas que contemplam falantes bilíngues de alemão e de italiano, moradores das localidades de Panambi e Flores da Cunha.

4.1 Constituição da Amostra

Neste espaço, iremos delimitar a amostra de informantes que deu origem ao *corpus* do nosso estudo. Inicialmente, faremos uma contextualização das duas localidades bilíngues, descrevendo aspectos de cunho histórico, geográfico e cultural que dizem respeito a Panambi e Flores da Cunha. Em seguida, faremos uma explanação acerca da organização estrutural do VARSUL, o banco de dados de onde provém a amostra dos informantes que compõem a nossa análise.

4.2 Comunidades de Fala

Antes de iniciarmos a explanação sobre os aspectos históricos e culturais das localidades bilíngues, é necessário refletir a respeito do que se entende por comunidades de fala.

Segundo Guy (2001), a ideia de se embasar a variação na noção de comunidade de fala se constitui a partir de três critérios: o primeiro deles é de que os falantes compartilham traços linguísticos diferentes dos de outros grupos; segundo, que é necessário haver uma constante comunicação entre si; e o terceiro, que devem ter as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem. Tais limites entre uma

comunidade de fala e outra devem ser vistos em termos de diferenças gramaticais e não, simplesmente, de diferenças na frequência de uso de determinada variável.

Para Labov (1972), uma comunidade de fala trata-se daquela que compartilha normas e “atitudes” sociais perante uma língua ou variedade linguística. Para ele, a comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas.

Labov (1972) dá prioridade à particularidade à atitude de cada um dos falantes em relação às regras compartilhadas pelo grupo para caracterizar a comunidade de fala. Para ele, os membros de uma comunidade de fala não precisam falar da mesma forma; eles simplesmente compartilham uma série de avaliações sobre a comunidade de fala. Assim, o linguista opta pela uniformidade das atitudes dos falantes em relação à língua para definir as fronteiras de uma comunidade de fala e, com isso, evitar certo tipo de variação. Dessa forma, o linguista garante homogeneidade no seu objeto de estudo, na comunidade de fala e não na língua, que é um *sistema heterogêneo*.

Tanto que os estudos do mesmo autor sobre a centralização em /aw/ e /ay/ em Martha's Vineyard (LABOV, 1972) é visto como tendo um significado social para os integrantes daquele local e, portanto, considerando aquela comunidade de maneira uniforme. Segundo ele, são as atitudes sociais dos falantes em relação à língua que são extremamente uniformes em uma comunidade de fala.

Outros autores, como Hymes (2003 apud Wiedemer, p. 23, 2008), afirmam que “a unidade natural para a taxonomia e descrição sociolingüística, contudo, não é a linguagem, mas a comunidade de fala”. Compreendendo a importância de tais teorias para o nosso estudo, a próxima seção segue apresentando as duas localidades bilíngues selecionadas.

4.3 Localidades bilíngues

O bilinguismo exerce grande influência sobre o fenômeno investigado, portanto, elegemos Panambi e Flores da Cunha como fontes para os nossos dados, pois ambas foram povoadas por colonizadores alemães e italianos e ainda preservam a língua e certos costumes trazidos pelos seus antepassados.

4.3.1 Panambi

O município de Panambi situa-se no estado do Rio Grande do Sul, na região do Planalto Médio, com uma população de aproximadamente 38.058 (Censo Demográfico IBGE 2010) habitantes e uma extensão de 491 km². A 380 km da capital, limita-se ao norte com Condor, ao leste e sudoeste com Santa Bárbara do Sul, ao sul com Pejuçara e Bozano e a oeste e noroeste com Ajuricaba.



Localização de Panambi no estado do Rio Grande do Sul/BR.
Fonte: Wikipédia



Kaufhaus, na Praça Central de Panambi.

Antes da chegada dos imigrantes teuto-brasileiros, a partir do século XVI, a região era habitada por índios guaranis e caingangues.

Os primeiros imigrantes alemães que chegaram ao estado do RS partiram do noroeste da Alemanha, em 1824, de lugares como Hamburgo, Mecklenburg, Holstein e Hanover e se estabeleceram no Rio dos Sinos ocupando a região de São Leopoldo.

Os números para essa primeira fase de colonização alemã são pouco expressivos: entraram no Brasil pouco mais de 6 mil imigrantes procedentes de estados alemães, sobretudo da Prússia. A imigração alemã esteve estreitamente vinculada ao sistema de colonização baseado na pequena propriedade familiar, implementado nos estados do sul do Brasil a partir de 1824. Das quatro colônias fundadas na década de 1820, porém, apenas a de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, tornou-se um empreendimento bem sucedido”. (SEYFERTH, 1993, p.01)

Entre os anos de 1857 e 1877, 500 famílias oriundas da província da Pomerânia seguiram em direção a Pelotas. Entre 1868 e 1872, famílias westfalianas vieram à colônia de Teutônia, atualmente município de Estrela.

No ano de 1890 teve início na região noroeste do estado a povoação das colônias novas, assim, a localidade de Panambi foi construída por imigrantes alemães oriundos de Santa Cruz do Sul, Lajeado, Estrela e Montenegro.

Hermann Meyer comprou as terras e liderou um grupo de famílias da Alemanha, que já estavam no estado do RS, fundando assim em 1899 uma colônia a qual chamou de “Neu Württemberg”, atual Panambi. Conforme Seyferth (1993) “(...) partindo de São Leopoldo, os alemães se estabeleceram em quase uma centena e meia de núcleos coloniais espalhados pelos vales dos rios dos Sinos, Jacuí e Caí, e depois nas bacias dos rios Taquari e Pardo e, na última década do século passado, chegaram à região do rio Uruguai onde, entre outras, foram fundadas as colônias de Ijuí (1890) e Nova Württemberg (1899)”.

Dr. Hermann Meyer, em expedição realizada ao Mato Grosso, soube, através de Carlos Dhein, da existência de terras férteis no RS, e para promover os trabalhos da colonização mantinha aqui um administrador remunerado, o próprio Carlos Dhein. A colonização visava imigrantes vindos de Württemberg, Alemanha, contudo, sabe-se que a grande ocupação posterior foi feita por famílias das "Antigas Colônias" da região de Estrela e Santa Cruz.

Em 1º de maio de 1899 concretizou-se a aquisição mais importante de terras: 12.901.055 m² comprados de Francisco Manoel de Barros. Totalizavam 60 as colônias que Francisco Manoel de Barros obtivera do governo em 1888. Atualmente é zona urbana do município.

O primeiro núcleo de moradores do atual município de Panambi constituía-se dos cidadãos José da Encarnação, Jacob Bock, Peter Bock e Ernst Müller. No dia 7 de agosto de 1899, chega a segunda leva de colonos que se estabeleceu na atual sede do município. Todos os colonos, com exceção de um, eram descendentes de pomeranos, residentes em São Lourenço e Pelotas: Germano Venske, Augusto Schmidt, Augusto Steinhorst e Germano Goeks.

Panambi surgiu como núcleo colonial, devido a migrações internas, pois sua população é constituída em grande parte por brasileiros de origem alemã. Durante os dois primeiros períodos de imigração, de 1889 a 1905 e de 1911 a 1914, estabeleceram-se nos vastos campos de seu território quase exclusivamente colonos oriundos de municípios gaúchos.

Uma terceira leva de imigrantes chegou à colônia depois da primeira guerra mundial. Os imigrantes entre os anos de 1921 e 1926 eram, em sua maioria, alemães natos: 176 famílias, com 650 pessoas, das quais três quartos eram seguramente de Württemberg.

Os imigrantes ocuparam os lotes disponíveis da colônia, trazendo, como consequência, grande progresso.

Dois conceitos são fundamentais na definição dessa especificidade: nação e pátria, traduzidas na própria categoria de identificação criada pelas lideranças locais - Deutschbrásilianer. A nova pátria é a colônia, a nova cidadania a brasileira, mas a etnia continua sendo alemã; o ato de emigrar significou o rompimento com o país de origem, mas não com o Volk (povo/etnia) alemão. O pertencimento sugerido por tal categoria remete, por um lado, a uma entidade supraterritorial - a nação alemã, concebida como entidade cultural e linguística que une um povo de mesma origem - e, por outro lado, à cidadania e a um território considerado como Heimat ou Vaterland - o Estado brasileiro. (SEYFERTH, 1993, p.14)

Em 1901, a cidade de Neu Württemberg trocou sua denominação para Elsenau, em homenagem à esposa de Hermann Meyer, que se chamava Else. Em 1938, a cidade trocou seu nome para Pindorama. Em 1944, passou a chamar-se Tabapirã. No mesmo ano, adotou seu atual nome, Panambi, que no idioma guarani quer dizer "Borboleta Azul".

Em 15 de dezembro de 1954, a cidade conseguiu sua emancipação de Cruz Alta e Palmeira das Missões. As principais atividades econômicas do município são a agricultura, a indústria metal-mecânica e o comércio.

4.3.2 Flores da Cunha

O município de Flores da Cunha localiza-se no estado do Rio Grande do Sul, na Região da Serra, com 26.695 habitantes e 272,66 km² de extensão. Limita-se ao sul/sudeste com Caxias do Sul, ao sul/sudoeste com Farroupilha, ao norte/nordeste com São Marcos e ao norte/oeste com Antônio Prado, Nova Roma do Sul e Nova Pádua. Fica a uma distância de 150 km da Capital do estado, Porto Alegre.



Localização de Flores da Cunha no estado do Rio Grande do Sul/BR.
Fonte: Wikipédia



Estátua do Galo em Flores da Cunha.
Fonte: artedoturismo.com.br

O município nasceu da imigração de 1877, quando chegaram ao atual município trinta famílias vindas de regiões como o Vêneto, Piemonte e Lombardia. Segundo Molon (2002), a área era coberta por extensos pinheirais e imensas matas. Os lotes foram divididos pelos engenheiros do império, a fim de serem entregues aos imigrantes. O engenheiro Diogo dos Santos, vindo do Rio de Janeiro, foi o responsável pela demarcação das primeiras colônias. A partir de então fundaram-se dois povoados, com ranchos cobertos de cascas de pinheiro: o de São Pedro e o de São José. Alguns anos mais tarde, devido à falta de água, os moradores de São José mudaram-se para São Pedro, acabando com aquele povoado.

Os imigrantes quiseram dar ao local um nome originário da Itália, porém não chegaram a um acordo, pois os tirolezes queriam batizá-la de Nova Tirol e os cremoneses preferiam Nova Cremona. Determinado dia, Cisto Rosseto propôs ao engenheiro um nome mediador, que foi Nova Trento, então, em uma manhã, sem que o povo pudesse opinar, surgiu pendurada no pinheiro mais alto da praça uma tábua com o nome escrito a carvão.

Conforme Molon (2002), as colônias deveriam ser situadas à margem das estradas de ferro ou de rios navegáveis. No entanto, foi em regiões distantes de rios navegáveis, no áspero e duro planalto, em regiões virgens, distante das ferrovias, que os imigrantes italianos “escreveram” sua história de bravura.

Em 1890 Caxias passou a ser município e foi subdividido em distritos, a colônia de Nova Trento foi o segundo distrito. Apenas em 1924 Flores da Cunha conquistou sua autonomia política.

O município de Flores da Cunha é considerado o maior produtor de uvas e vinhos do Brasil. Os porões construídos para abrigar as adegas estão presentes na maioria das moradias da cidade. É conhecida como “terra do galo”, por causa de um mágico que prometeu que faria um galo decapitado cantar, porém acabou fugindo com o dinheiro dos ingressos sem completar a mágica. A história virou folclore da região e o galo símbolo da cidade.

Formada por pequenas propriedades, a atividade rural concentra-se na produção de uvas, moranguinhos, maçãs e outras frutas. Hortigranjeiros como alho, tomate e cebola destacaram-se nos últimos anos. No município, também existe mais de uma centena de aviários. No ano de 1939 o nome Flores da Cunha foi dado em virtude de um político gaúcho, José Antônio Flores da Cunha, que prometeu uma estrada de ferro ligando a localidade a Caxias do Sul e à capital.

4.4 O projeto VARSUL

Os dados de fala utilizados na pesquisa fazem parte do banco do VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) e correspondem aos municípios de Flores da Cunha e Panambi, contemplados pelo projeto.

O banco de dados, VARSUL, surgiu da parceria de quatro universidades: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Paraná. O objetivo geral do projeto é realizar a descrição do português, falado e escrito, de áreas com certa representatividade em termos sociais e culturais do sul do Brasil.

O VARSUL é formado por 288 entrevistas de zonas urbanas. Foram eleitas quatro cidades, de cada um dos estados da Região Sul. No estado do Rio Grande do Sul o projeto contempla as cidades de Porto Alegre, Panambi, Flores da Cunha e São Borja; em Santa Catarina os municípios contemplados pelo projeto são Blumenau, Florianópolis, Chapecó e Lages. Quanto ao estado do Paraná, Pato Branco, Curitiba, Londrina e Irati.

Inicialmente, as entrevistas foram gravadas em cassete, com duração de 45 min aproximadamente. Os assuntos das entrevistas tratam da vida pessoal do informante, do lugar onde mora. Na seleção dos informantes os pesquisadores levaram em conta algumas características sociais, como: escolaridade, sexo e idade.

Alguns pré-requisitos foram observados, como: falar apenas o português nas capitais, porém não nas áreas bilíngues; ter morado pelo menos de dois a três anos na cidade; e não ter morado fora da região por mais de um ano no período de aquisição da sua língua nativa.

4.5 O projeto ALERS

No presente estudo, além das entrevistas do VARSUL faremos uso dos dados do ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil), pois acreditamos que os nossos resultados venham a confirmar aquilo que os mapas linguísticos já apontam em relação às comunidades bilíngues de alemão e italiano no Sul do Brasil.

O ALERS é um trabalho de Geografia Linguística que busca ampliar o conhecimento em relação à língua portuguesa falada no Brasil, especificamente na região sul, com o intuito de coletar dados para uma teoria da variação linguística. O ALERS

apresenta-se na forma de um atlas linguístico-etnográfico que abriga variantes fônicas, morfossintáticas e semântico-lexicais da língua de toda a Região Sul do Brasil.

O projeto teve origem no ano de 1980 no Instituto de Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a partir do Grupo de Estudo da Variação Linguística do RS. No ano de 1982, no I Encontro de Estudos do Bilinguismo e da Variação Linguística da Região Sul definiram-se os procedimentos necessários para a concretização da ideia do Atlas.

No ano de 1987 se formou a equipe, de caráter interinstitucional, formada pelas Universidades Federais do Rio Grande do Sul (UFRGS), Santa Catarina (UFSC) e Paraná (UFPR).

O ALERS constitui-se num banco de dados linguístico e etnográfico, organizado em fitas magnéticas, disquetes, fichas gráficas, programas de computador, desenhos e fotografias. Os dados coletados foram de 275 pontos na área rural e 19 na urbana.

Conforme Altenhofen (2002), a seleção dos informantes da área rural estabeleceu certos critérios, como o fato de serem nascidos no local, terem idade entre 28 e 58 anos, terem cônjuge originário da mesma localidade, terem pouca escolaridade ou serem analfabetos, porém comunicativos, terem vivido na localidade até os 20 anos, não serem viajados e terem boas condições de fonação. A escolha incidiu em falantes da etnia povoadora predominante, aculturados do ponto de vista linguístico, dando forma a mapas referentes ao bilinguismo.

Os informantes dos centros urbanos deveriam ser de ascendência luso-brasileira. Os dados eram coletados de falantes com diferentes níveis de escolaridade, de cada centro um analfabeto ou apenas alfabetizado.

O tempo das entrevistas variou de quatro a seis horas de gravação. No Rio Grande do Sul, os entrevistadores e pesquisadores da UFRGS foram Cléo Wilson Altenhofen, Mario Silfredo Klassmann e Walter Koch.

A equipe realizou inquéritos nos três estados (RS, SC e PR), sendo o conteúdo do Atlas dividido em um questionário semântico-lexical (QSL), um questionário morfossintático (QMS) e um questionário fonético-fonológico (QFF). O último questionário apresenta 24 perguntas destinadas a regiões de colonização não-portuguesa, auxiliando a delimitação de áreas culturais.

O Atlas serve de suporte não só para estudos de ordem linguística, como também provê subsídios para pesquisas de cunho histórico e social. Paralelamente ao ALERS,

surgiu o projeto Variação Linguística Urbana no Sul do País (VARSUL), assim houve uma relação de complementariedade entre ambos.

4.5.1 Pontos com informantes bilíngues

O mapa nº IV representa a presença das populações bilíngues. Os imigrantes europeus começam a surgir entre 1824 e o início do século XX. O grupo de falantes representa uma presença maciça na área de abrangência pelo ALERS (cf. anexo mapa2).

A Região Sul possui uma forte presença de línguas de imigração. Dentre os 275 pontos de inquérito, há 84 pontos bilíngues, destes, 28 são português-alemão, 40 português-italiano, 8 português-polonês, 3 português-ucraniano e 4 multilíngues. No ALERS cada ponto representa um informante (de baixa escolaridade, de idade superior a trinta anos, de área rural, do sexo masculino).

A análise geolinguística não descarta as estatísticas. No ALERS as ocorrências das variantes são anexadas aos mapas em forma de gráficos de frequência. A variação do ditongo nasal *ão* cumpre um papel de delimitadora de áreas, pois se caracteriza por áreas de falantes bilíngues.

A variação do ditongo *ão* trata-se de uma influência que os dialetos italiano e alemão exercem sobre o português de contato. O fenômeno da troca, do *ão* pelo *on* é que constitui o foco de investigação do nosso estudo.

4.5.2 Interpretação dos mapas linguísticos

Inicialmente realizamos uma observação das ocorrências da variação em diferentes mapas, propositalmente naqueles que registravam pontos bilíngues, português-alemão e português-italiano. Depois disso, selecionamos os mapas que serviram de embasamento para a nossa pesquisa.

Ao todo, foram utilizados três mapas, dois que apresentavam o ditongo nasal *ão* em sílaba tônica, e um com o ditongo nasal em sílaba átona:

(CALÇ)ÃO (ALERS, v. 2, Mapa 21)

(PROCISS)ÃO (ALERS, v. 2, Mapa 22)

(FAL)AM (ALERS, v. 2, Mapa 23)

Quanto ao vocábulo (PROSSIÇ)ÃO, a variação *prossiç[õw]* aparecia em quatro pontos do mapa; três pontos no Rio Grande do Sul, um em Santa Catarina e um no Paraná. No RS, as cidades em que os pontos foram marcados eram Sarandi (Barreirinho), Sananduva (São Domingos) e Serafina Corrêa (Linha Onze).

Na localidade de Barreirinho, município de Sarandi, o entrevistado tinha 62 anos, cursou o 3º ano primário, era agricultor e bilíngue português-italiano. As informações que constam são de que na localidade de Barreirinho há uma população de aproximadamente mil italianos. A outra localidade em que ocorreu a variação do *ão* para *[õw]* era São Domingos, em Sananduva. O entrevistado tinha 51 anos, cursou a 2ª série, agricultor, falava “brasileiro” e italiano (dialeto). O terceiro município do estado do RS foi Serafina Corrêa, a localidade Linha Onze, o informante era agricultor e carpinteiro, tinha 42 anos, 1º grau incompleto e falava português e italiano (vêneto).

No estado de Santa Catarina, na localidade de Ipuacu, município de Abelardo Luz, também ocorreu a variação do ditongo na palavra (PROSSIÇ)ÃO. O entrevistado era um agricultor analfabeto, de 68 anos, falava português e entendia italiano.

No Paraná, o informante era de 59 anos, 1º grau incompleto, era agricultor (verdureiro), falava português e vêneto e residia em uma localidade chamada Santa Felicidade, que pertence a Curitiba.

Quanto ao vocábulo (CALÇ)ÃO, a variação *calç[õw]* ocorreu em quatro pontos do mapa. Em Serafina Corrêa e Sananduva, pelos mesmos informantes de Linha Onze e São Domingos, citados anteriormente, bilíngues de português-italiano. O outro ponto no mapa era Picada Café, no município de Nova Petrópolis, o entrevistado se tratava de um vigilante, com 60 anos de idade, 1º grau incompleto e falava alemão e “brasileiro”.

O quarto ponto encontrado era em Marechal Cândido Rondon, localidade de Novo Três Passos, o informante tinha 30 anos de idade, era agricultor, com 1º grau incompleto e bilíngue português-alemão.

A variação do ditongo em sílaba átona, como é o caso de FAL(AM) ~ *fal[õw]*, também ocorreu nos dados do ALERS. Em Santa Catarina, na cidade de Ituporanga, o entrevistado de 40 anos, 4ª série, soldador, era bilíngue português-alemão, pronunciou *fal[õw]* durante a entrevista. No município de Santa Helena, localidade Santa Helena Velha, no estado do Paraná, um agricultor, 46 anos, 1º grau incompleto, fala português, espanhol e italiano.

Os mapas geolinguísticos do ALERS indicam que o fenômeno estudado não ocorre somente nos dados do VARSUL. Os muitos pontos indicam que falantes bilíngues, tanto

do alemão, quanto do italiano reproduzem o *on* em suas falas. O nosso estudo portanto, assemelha-se aos dados registrados pelo ALERS, concluindo que o fenômeno é característico de falantes bilíngues.

4.6 A amostra de informantes

O corpus da nossa pesquisa foi elaborado a partir da audição de dezesseis entrevistas do banco de dados do projeto VARSUL. A distribuição dos informantes obedeceu aos critérios *localidade bilíngue, escolaridade, idade e sexo*, sendo variáveis contempladas pelo projeto.

A variável *localidade bilíngue* deu-se em virtude das duas comunidades, Panambi e Flores da Cunha, serem formadas predominantemente por descendentes de italianos e alemães. Inicialmente pensamos na hipótese de incluir uma comunidade monolíngue, como por exemplo, Porto Alegre, porém não ocorreram casos do fenômeno em estudo, já que é exclusivo de falantes bilíngues.

Quanto à variável *escolaridade*, optamos por incorporar em nossa análise apenas aqueles informantes que possuíam até quatro anos de estudo (primário), de um lado e nove até doze anos de estudo (segundo grau), de outro. Acreditamos que esses dois extremos poderiam reforçar a nossa ideia inicial, de que a escolaridade pudesse ter um papel relevante quanto à variação em estudo.

Na variável *idade* incluímos informantes com mais e menos de 50 anos, faixas etárias também contempladas pelo projeto VARSUL; porém, apesar de esses informantes apresentarem idades que correspondam a menos de cinquenta anos, eles não são muito jovens, possuem idades acima de 35 anos. Esse fato revela que o hábito de falar a língua materna não faz parte do cotidiano das pessoas mais jovens.

Outros estudos mostram que a variação do ditongo *ão* é mais frequente entre o sexo masculino, sendo assim, acrescentamos a variável *sexo* em nossa pesquisa em virtude de poder exercer um papel relevante para a nossa pesquisa.

4.6.1 O modelo de análise da regra variável

O nosso estudo é baseado no modelo de análise da Regra Variável de Labov (1972). Segundo ele, toda regra variável é condicionada a sofrer constantemente

interferências de fatores linguísticos e extralinguísticos. Para que um fenômeno linguístico seja considerado variável, é necessário que preserve seu significado e a possibilidade de ocorrer num mesmo contexto. Labov (1972), nas suas análises no campo da fonologia, comprova que as variáveis são motivadas por fatores sociais ou estilísticos.

O autor defende a relação entre língua e sociedade e a possibilidade de investigar e descrever a sistematicidade da variação existente e que é própria das línguas, modelo de “sociolinguística quantitativa”, pois trabalha com dados de caráter estatístico.

Afirma, também, que o objetivo da teoria linguística é prever a distribuição provável na língua de informação nos níveis fonológico, prosódico, morfológico e sintático. A teoria, mais do que medir o peso dos fatores sociais, preocupa-se em obter um retrato da estrutura gramatical da língua, e a maneira como regras gramaticais cumprem funções. Por fim, o autor acrescenta que há evidências de que a competência linguística inclui restrições quantitativas e que o reconhecimento de tais restrições permite-nos construir uma teoria gramatical. Assim, abre-se espaço para análises variacionistas nos diferentes níveis gramaticais, e para a possibilidade de se descrever e explicar um fenômeno variável com base em fatores condicionantes estruturais e sociais.

A metodologia empregada na teoria da variação constitui uma ferramenta que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações linguísticas. É mais um instrumento que se apresenta ao linguista para o entendimento das línguas humanas.

4.6.2 O pacote GOLDVARB-X

Depois de ouvidas as entrevistas, definidas as variáveis e feita a codificação dos dados, efetuou-se a análise estatística da variação do ditongo *ãõ*. A análise é baseada no programa Goldvarb-X, desenvolvido por Sankoff e Rousseau (1978) com o propósito de realizar estudos quantitativos.

Antes de realizar a análise de uma regra variável foi necessário criar um arquivo de dados, com a extensão *tkn*. Depois disso, um arquivo de especificações, que conteve os símbolos que foram utilizados para a codificação das variáveis. Nessa etapa efetuamos um *Checktokens*, uma revisão dos dados, com o objetivo de avaliar se existia erro de digitação nos arquivos.

O *arquivo de condições (cnd)* abriga o número de fatores responsável por reformular o arquivo de células. É por meio dele que informamos ao programa as variáveis

ou fatores que serão cruzados, amalgamados ou até mesmo excluídos. Brescancini (2002, p.27) afirma que “é através do arquivo de condições que o pesquisador informa ao programa como quer seus dados analisados”.

Na etapa seguinte analisamos a combinação das células formuladas a partir das ocorrências. Juntamente com o arquivo de células, uma segunda janela (*análise unidimensional*) lista os percentuais de aplicação da regra para cada um dos grupos de fatores. Segundo Brescancini (2002, p.27) “o arquivo de células fornece as percentagens de aplicação da regra para cada fator de cada variável considerada no arquivo de condições, matéria-prima para o cálculo dos pesos relativos dos fatores”.

Na análise unidimensional observamos se houve *knockouts*. Os *knockouts* ocorrem devido a fatores que podem apresentar 100% de aplicação ou um número pouco significativo, próximo ou igual a 0%. Nesses casos eliminamos os *knockouts* para que o programa continue realizando as próximas etapas. Existem diferentes formas de eliminar *knockouts*, porém é importante interpretar bem os dados na hora de amalgamar ou excluir algum fator.

Na análise *multidimensional* obtivemos os pesos relativos. Consideramos tal etapa de fundamental importância, pois em seguida o programa indicou as variáveis consideradas mais relevantes (*step up*) e selecionou as menos relevantes (*step down*).

Os pesos relativos obtidos na análise *multidimensional* indicaram se os fatores favorecem ou não a aplicação da regra em estudo. Alguns deles apresentaram um resultado acima de 5,0, estes condicionaram favoravelmente a aplicação da regra, do contrário não.

Concluídas as rodadas observamos possíveis problemas de ortogonalidade. Os grupos de fatores selecionados entre a melhor rodada não poderiam ser os mesmos entre os excluídos. Para verificarmos certos problemas de ortogonalidade, a ferramenta *Cross Tabulation* foi utilizada com o intuito de realizar o cruzamento dos fatores e apresentar resultados de duas variáveis diferentes combinadas.

4.7 Definição das variáveis

Neste espaço iremos apresentar as variáveis testadas em nosso trabalho. Algumas dessas variáveis se assemelham à análise de Tomiello (2005) como *gênero*, *idade*, *escolaridade*, *número de sílabas do vocábulo*, *contexto fonológico precedente* e outras por nós apresentadas, como *tonicidade do alvo*, *classe da palavra*, *número (singular ou plural)* e *cidade*. Dentre esse grupo de variáveis, parte foi reagrupado, modificado e até excluído

da nossa análise. Iremos relatar, portanto, a representação dos grupos de fatores, assim como as modificações realizadas.

4.7.1 A variável dependente

O foco principal do presente trabalho é a alternância do ditongo nasal *ão*, que na pronúncia aparece como *on* em final de vocábulo. Sendo assim, considera-se aplicação as formas pronunciadas como *on* e como não aplicação as formas pronunciadas como *ão*, do processo em questão.

Alguns exemplos:

pão ~ pon;

então ~ enton

Outros tipos de alternância, como a elevação da vogal, *não ~ nun*, *bom ~ bão*, *som ~ são*, *Rondon ~ Rondão*, também estiveram presentes nos dados. Esses casos inicialmente foram listados a título de observação, no entanto o número de ocorrências não foi significativo, sendo posteriormente desconsiderados.

4.7.2 As variáveis independentes

O próximo passo será apresentar o conjunto de variáveis independentes, linguísticas e extralinguísticas analisadas na pesquisa. São elas que nos dirão qual é o contexto favorecedor da aplicação ou não da regra de alternância do ditongo *ão*. Chamamos essas variáveis de *independentes*, sendo que as mesmas podem ser de caráter linguístico ou extralinguístico.

4.7.2.1 As variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas são formadas por grupos de fatores relacionados à estrutura linguística que podem favorecer a ocorrência do fenômeno em estudo, ou seja, o contexto em volta do segmento pode desencadear a sua realização. As variáveis eleitas

para serem investigadas neste trabalho tomam como ponto de partida resultados encontrados em análises anteriores, de modo especial de Tomiello (2005).

4.7.2.1.1 Contexto precedente

A variável *contexto precedente* é aquela que irá nos dizer se o segmento que antecede o contexto exerce algum papel sobre a ocorrência do fenômeno. Agrupamos os segmentos que precediam a variação em sete grupos:

- (a) Obstruinte anterior – cf. caryão;
- (b) Obstruinte posterior – cf. feijão;
- (c) Nasal anterior – cf. mão;
- (d) Nasal posterior – cf. caminhão;
- (e) Líquida anterior – cf. ladrão;
- (f) Líquida posterior – cf. trabalham, pavilhão, batalhão;
- (g) Vazio – cf. **região**.

Tomiello (2005) relatou em seu trabalho que a variável *Contexto fonológico precedente* ocupou a segunda posição entre as mais significativas eleitas pelo programa. A autora afirma que é importante “verificar os segmentos que antecedem o ditongo, pois podem influenciar foneticamente sua realização” (p.67). Tomiello (2005) acreditava que uma consoante anterior no ataque da sílaba iria favorecer a realização de *on*, no entanto, em sua análise, os dados mostraram que as palavras com *consoante posterior* no ataque da sílaba favoreciam a realização de *on*.

O que pode estar em jogo no resultado favorecedor de consoantes posteriores são os traços fonológicos característicos dessa articulação. Como Battisti (1997) explica, *ão* tem como forma de input (subjacente) uma sequência /VN/ em que /V/ caracteriza-se pelos traços [labial] e [dorsal], este último também presente na representação das consoantes posteriores. (TOMIELLO, 2005, p. 79)

Levando em conta outros estudos e algumas constatações, realizamos uma primeira coleta, com o intuito de promover uma aproximação inicial dos dados e deferir com mais precisão os detalhes da investigação.

4.7.2.1.2 Tonicidade do Alvo

Prevíamos que o contexto tônico era mais passível à realização do *on* em relação ao contexto átono, no entanto, optamos por separá-los em grupos distintos, a fim de verificar sua ocorrência em termos de frequência entre os informantes bilíngues.

- (a) Sílabas tônicas – cf. ladrão;
- (b) Sílabas átonas – cf. saíam.

4.7.2.1.3 Extensão do Vocábulo

A variável *extensão do vocábulo* pode exercer algum papel sobre o fenômeno. Elaboramos a seguinte divisão:

- (a) Uma sílaba – *pão*;
- (b) Duas sílabas – *irmão*;
- (c) Mais sílabas – *caminhão*.

No trabalho de Tomiello (2005) a variável *número de sílabas do vocábulo* foi considerada a mais significativa, sendo que os monossilábicos condicionaram favoravelmente a produção de *on*.

A maior parte das palavras da língua portuguesa terminadas em *ão* têm duas ou mais sílabas, é pequeno o número de monossílabos em *ão*. Esses convivem com palavras de uma sílaba, com monotongos nasais (*bom, som*), o que pode estar na origem de alternâncias (*bom~bão*), passíveis de ocorrer inclusive na fala de monolíngues-português. Essas palavras são utilizadas pelos bilíngues indistintamente, ocorrendo muitas formas monossilábicas em *on*. (TOMIELLO, 2005, p. 79)

Em uma observação inicial dos dados verificamos que a variação incidia sobre determinados vocábulos (*não, são*), portanto, a troca poderia ser maior entre os monossílabos.

4.7.2.1.4 Classe de Palavra

Elegemos a *classe de palavra* como uma das variáveis a fim de saber se há maior incidência sobre determinada classe. O exame de oitativa nos sugeriu que recaísse mais sobre os nomes, mas isso precisou ser analisado quantitativamente.

- (a) Substantivos – *educação, chimarrão, televisão*;
- (b) Advérbios – *não, tão*;
- (c) Adjetivos – *bonitão*;
- (d) Palavras funcionais – *então, senão*;
- (e) Verbos – *tiravam, são*.

4.7.2.1.5 Número (Singular ou Plural)

Optamos por incluir essa variável a título de acompanhamento. Observamos que a variação do *on* ocorria no singular ou substituía flexões de plurais – *ãos, ães e ões*. Expressões como “*os irmONs*” classificamos como *nome no plural com marca (s)*; “*as complicaçON*” chamamos de *nome no plural sem marca (s)*.

Os *verbos* com contexto para a realização do fenômeno eram em sua maioria da terceira pessoa do plural, no pretérito (*tirarON, erON, tinhON, chegavON, jogavON*), formamos então o grupo denominado *verbos*. Para alguns vocábulos como “*entON*” não havia uma classificação específica quanto a singular e plural, portanto foram incluídos no grupo das *palavras não-flexionáveis*.

- (a) Nome no plural com marca – As *complicaçONs*;
- (b) Nome no plural sem marca – As *complicaçON*;
- (c) Verbos no plural – *ligarON*;
- (d) Singular – *implantaçON*;
- (e) Palavras não-flexionáveis – *entON*.

4.7.2.2 As variáveis extralinguísticas

Conforme a *teoria da variação*, fatores como idade, sexo, localidade geográfica e escolaridade podem exercer um papel na aplicação de uma regra na língua. Em relação ao nosso estudo, decidimos analisar algumas destas variáveis, apesar de acreditarmos que o bilinguismo seja o fator predominante ligado às trocas.

4.7.2.2.1 Idade

A variável *idade* é bastante significativa para uma análise variacionista. A teoria explica que, quando os mais jovens adotam determinada característica na linguagem, provavelmente com o tempo ocorram mudanças, pois os jovens são os responsáveis por introduzir novas formas na língua.

Na certeza de que os jovens possuem características distintas na linguagem, classificamos os informantes da seguinte maneira:

- (a) Informantes com idade superior a 50 anos;
- (b) Informantes com idade inferior a 50 anos.

Como o foco da nossa pesquisa era selecionar informantes bilíngues, durante a coleta dos dados eles se restringiram a idades acima de 35 anos, porque somente esses ainda eram bilíngues.

4.7.2.2.2 Sexo

Quando se trata da variável *sexo*, compreende-se que há papéis sociais diferentes na fala de homens e mulheres, portanto acreditamos que o sexo possa exercer influência nas formas linguísticas adotadas. Conforme Labov (2001), “for stable sociolinguistic variables, women show a lower rate of stigmatized variants and a higher rate of prestige variants than men”² (p. 266).

Nesse caso, o grupo de fatores foi composto dessa forma:

- (a) Feminino;

² Tradução: “para as variáveis sociolinguísticas estáveis, as mulheres apresentam uma menor taxa de variantes estigmatizadas e uma maior taxa de variantes de prestígio do que os homens”.

(b) Masculino.

Nos dados de Tomiello (2005), os homens favorecem o uso de *on*, e as mulheres desfavorecem.

4.7.2.2.3 Localidade bilíngue

As comunidades de onde provêm as amostras de fala que constituem os dados da pesquisa fazem parte do banco de dados do projeto VARSUL e foram propositalmente selecionadas por serem consideradas bilíngues.

(a) Panambi;

(b) Flores da Cunha.

Nas fichas de entrevista do banco de dados constam nas informações as línguas que o informante domina. Também a audição das entrevistas nos esclarece quanto ao grau de domínio (bilinguismo). Entre os nossos informantes de Panambi, apenas uma informante admite não falar, apenas compreender bem o dialeto.

De forma geral, suspeitamos que o processo se aplique mais entre bilíngues de alemão, pela maior distância entre o seu sistema e o sistema do português.

4.7.2.2.4 Escolaridade

Incluiu-se a variável escolaridade na análise por se compreender que a mesma pode exercer uma significativa influência sobre a fala dos sujeitos. Os falantes bilíngues, ao permanecerem mais tempo na escola, onde predomina o português, conseqüentemente apresentarão características da variante padrão. Chamamos de padrão aquilo que se aproxima mais da escrita.

Consideramos então os informantes com:

(a) 0-4 anos de escolaridade (anos iniciais)

(b) 9-12 anos de escolaridade (anos finais)

Tomiello (2005) declara que, quanto maior a escolaridade dos informantes, menos frequente é a ocorrência de *on*, e quanto menor a escolaridade, maior é essa frequência.

5 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente capítulo tem por objetivo apresentar a discussão realizada no decorrer do trabalho. Os resultados estatísticos foram obtidos a partir do cálculo multidimensional de pesos relativos (VARBRUL), conforme as variáveis detalhadas no capítulo anterior.

Acreditamos significativo realizar uma descrição de todo o percurso de hipóteses, rodadas, reformulação de grupos e resultados.

5.1 Frequência geral de aplicação da regra

A nossa pesquisa constitui-se de 171 células, a partir de um total de 4.557 dados com contexto para ocorrência da variação do ditongo *ãõ*, em sílaba final. Destes dados, 914 apresentaram a aplicação e 3.643 não apresentaram a aplicação da regra. Em termos de frequência, estes números representam 20,1% de aplicação contra 79,9% de não-aplicação da regra. Vejamos a distribuição dessa frequência no gráfico.

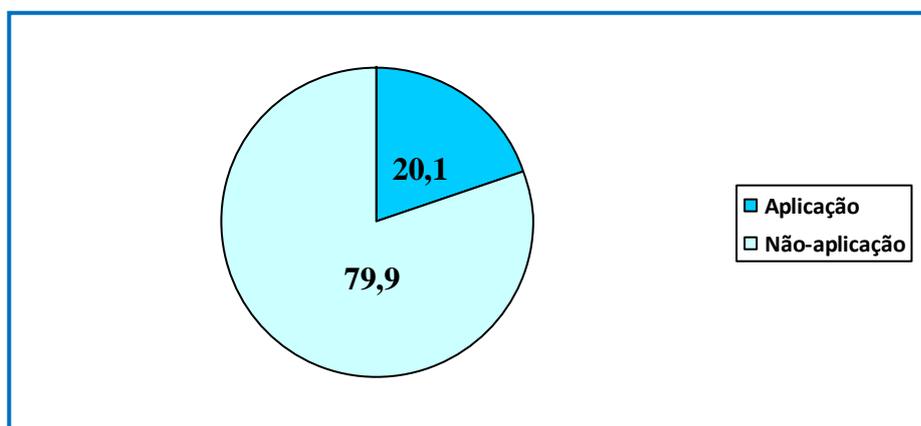


Gráfico 1

Frequência geral de aplicação da regra

Como podemos verificar, o número que representa a aplicação do ditongo nasal *ãõ* não é expressivo; no entanto, temos de considerar que trata-se de um fenômeno característico de falantes bilíngues. A pesquisa de Tomiello (2005) apresentou um percentual de 46% de aplicação, com dados linguísticos provenientes de 24 entrevistas do

BDSer³. Os informantes eram habitantes de São Marcos, zona rural do município, em que se acentuam as marcas dialetais.

5.2 A constituição da análise

A organização da tabela inicial contava com onze grupos de fatores, descritos no capítulo anterior. Dentre esses, um foi eliminado e três reagrupados (amalgamados) durante as observações de nossa pesquisa.

No grupo da variável *contexto precedente* houve um reagrupamento devido a um *knockout* no item *líquida posterior*. Isso ocorreu na rodada em razão de não haver nenhuma aplicação da variação *on* nesse contexto. Embora tivessem surgido dezesseis contextos, em nenhum deles ocorreu a variação após uma líquida posterior. Foi então que decidimos reagrupar as *obstruintes anteriores, as nasais anteriores e as líquidas anteriores* em um único grupo. Assim como as *obstruintes posteriores, as nasais posteriores e as líquidas posteriores* em outro grupo, permanecendo igual somente o grupo *vazio*, ou seja, privilegiou-se o ponto de articulação (anterior ou posterior) e a nasalidade, em função de se tratar de um ditongo também nasal.

O grupo *extensão do vocábulo* também foi alterado. Achamos que não havia uma diferença expressiva nos números, e o programa não apresentava o grupo entre as melhores rodadas, portanto entendemos como a melhor alternativa dividi-lo em *uma sílaba e duas ou mais sílabas*. Ou seja, optamos por comparar monossílabos com polissílabos.

Entre os *verbos* e os *plurais dos verbos* ocorreu sobreposição, assim como entre as *palavras funcionais* e as *palavras não-flexionáveis*, por se tratarem de classificações muito semelhantes; os primeiros pertenciam ao grupo *número (singular ou plural)* e os segundos ao grupo *classe de palavra*.

Quanto ao grupo *número (singular ou plural)* eliminamos por duas razões: os pesos relativos eram muito semelhantes na rodada multidimensional e não tínhamos um número significativo de plurais para análise.

Sobre o grupo *Classe de palavra*, em *adjetivos* quase não houve aplicação, então amalgamamos *substantivos* e *adjetivos*, especificando-os como *nomes*. Da mesma forma,

³ O projeto *Variação lingüística e bilinguismo: a fala na Serra Gaúcha*, do Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul, traz uma proposta de pesquisa cujo objeto de estudo é a língua falada na região serrana do estado do Rio Grande do Sul. A investigação teve início em agosto de 2000 e o material coletado está sendo disponibilizado sob a forma de um banco de dados, o BDSer: Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha.
Fonte: BATTISTI, 2003 (acesso dia 24/01/13)

esse grupo não constava na melhor rodada do *step up*, então se pensou em agrupar *substantivos, adjetivos e advérbios*, deste modo obtivemos valores significativos apenas nos *verbos e palavras funcionais*. No entanto, sabemos que os advérbios e as palavras funcionais são itens muito específicos, no caso (*não, tão, então e senão*). Nesse caso, acreditamos que o mais interessante seria juntar os *advérbios* com as *palavras funcionais*. Os advérbios são considerados funcionais em muitas gramáticas – ou pelo menos são tratados como palavras limítrofes, que ficam entre as nocionais e as funcionais.

Feito o relato das alterações, os próximos quadros mostram a relação dos grupos de fatores definitivos:

Quadro 1

Variável dependente

Variável dependente
Realização do ditongo: irm <u>ão</u>
Variação do ditongo: irm <u>on</u>

Quadro 2

Variáveis independentes

Variáveis extralinguísticas	Variáveis linguísticas
<p>Cidade Flores da Cunha - RS Panambi – RS</p> <p>Sexo Feminino Masculino</p> <p>Idade - 50 anos</p>	<p>Contexto precedente <u>Consoante anterior</u> (obstruinte, nasal e líquida): car<u>y</u>ão, <u>m</u>ão e lad<u>r</u>ão.</p> <p><u>Consoante posterior</u> (obstruinte, nasal e líquida): feij<u>ã</u>o, camin<u>h</u>ão e batal<u>h</u>ão.</p> <p><u>Vazio</u>: região (re-gi-<u>õ</u>o)</p> <p>Tonicidade do Alvo <u>Tônica</u>: <u>n</u>ão</p>

<p>+50 anos</p> <p>Escolaridade</p> <p>0-4 anos de escolaridade (primário)</p> <p>9-12 anos de escolaridade (2º grau)</p>	<p><u>Átona</u>: tinham</p> <p>Extensão do vocábulo</p> <p><u>Uma sílaba</u>: pão</p> <p><u>Duas ou mais sílabas</u>: es-tão, ca-mi-nhão</p> <p>Classe da palavra</p> <p><u>Nomes</u> (substantivos e adjetivos): televisão e bonito</p> <p><u>Verbos</u>: são e tinham</p> <p><u>Advérbios e Palavras funcionais</u>: não, tão, então e senão</p>
--	--

5.3 Apresentação dos resultados

Ao longo dessa parte do trabalho serão apresentados os resultados numéricos obtidos a partir da análise multidimensional de pesos relativos realizada pelo programa GOLDVARB-X. Seguiremos a ordem de seleção dos fatores, conforme o seu grau de relevância para a variação do ditongo nasal *ão*.

Os fatores extralinguísticos selecionados foram *escolaridade*, *idade e sexo*; os linguísticos, *tonicidade do alvo* e *extensão do vocábulo*.

Nas seções seguintes, discutiremos os resultados encontrados na análise dessas variáveis.

5.4 Variáveis extralinguísticas

Após apresentarmos a frequência geral de aplicação da regra, passaremos a discutir os resultados para as variáveis extralinguísticas, na ordem em que elas foram selecionadas pelo GOLDVARB-X.

Vejamos a variável *escolaridade*, primeira variável extralinguística selecionada.

Tabela 1
Escolaridade

Os resultados da variável *escolaridade* mostram que os falantes menos escolarizados aplicam mais a regra.

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso Relativo</i>
0 - 4 anos	600/2.408	24.9	0.57
9 - 12 anos	314/2.149	14.6	0.42
Total	914/4.557	20.1	

Input: 0.17

Significância: 0.00

O peso relativo em relação aos menos escolarizados na realização do *on* foi de 0.57, contra 0.42 dos mais escolarizados. Há indicativos de que isso se deva à influência de maior exposição à escrita por parte dos mais escolarizados.

Segundo Schwindt et al, “a escrita pode exercer um papel significativo na oralidade”, pois o “código escrito, ainda que alimentado pela fala, pode exercer um papel retroalimentador, na medida em que contribui para reconfigurar estruturas fonológicas, produzindo algum controle sobre a realização de variantes fonéticas”. (2007, p.4)

No caso da variante *on*, esta decresce na medida em que aumenta o nível de escolarização. A escola, portanto, atua na difusão de formas de prestígio, que são características da língua portuguesa padrão, fazendo com que haja o abandono de variantes características da língua de origem, seja ela alemã ou italiana. (SCHWINDT; QUADROS; TOLEDO; GONZALEZ, 2007, p. 5)

Os pesos relativos obtidos acima confirmam que a escolaridade interfere de forma significativa na aplicação da regra. Os autores reconhecem a importância da variável em questão:

... o nível de escolarização correlaciona-se positivamente com a aderência às formas características da variante padrão da língua. Essa tendência não precisa necessariamente ser provocada pelo aprendizado das normas prescritas pela gramática tradicional, embora muitas vezes o seja. A própria vivência em um ambiente escolar faz com que o indivíduo busque uma identificação com a norma culta da língua, entendida aqui como o conjunto de comportamentos linguísticos compartilhados pelos falantes instruídos de uma sociedade. (2007, p. 5)

Nosso resultado para a variável escolaridade se assemelha àquele encontrado por Tomiello (2005), que concluiu que falantes das *séries iniciais* são os líderes na realização de *on*, com um peso relativo igual a 0.70, enquanto que os falantes das *séries finais*, com 0.35, mostram papel desfavorecedor frente à realização do *on*.

Consideramos, agora, a próxima variável eleita pelo programa estatístico, a *idade*.

Vejamos os números apresentados pela segunda variável extralinguística selecionada.

Tabela 2

Idade

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso Relativo</i>
+ 50 anos	530/2.130	24.9	0.58
- 50 anos	384/2.427	15.8	0.42
Total	914/4.557	20.1	

Input: 0.17

Significância: 0.00

Os resultados de nossa análise deste grupo de fatores *idade* indicam que os falantes *mais velhos* aplicam mais a regra. Conforme os dados acima, os informantes com mais de 50 anos apresentam um peso relativo de 0.58, e os com menos de 50 anos, 0.42, desfavorecendo a aplicação.

Tomiello (2005), no seu estudo, optou por dividir os informantes em três grupos: 15 a 25 anos; 30 a 45 anos e 50 anos ou mais. Também em sua análise, o uso se mostrou favorecido na faixa etária de 50 ou mais anos, com 0.76. Segundo ela, os falantes com 50 anos ou mais são informantes *irrestritos*, os que praticam a fala dialetal italiana, promovendo mais o contato português-italiano, enquanto os falantes com idade de 30 a 45 são *semi-restritos*, praticam menos a fala dialetal italiana.

Acreditamos que os nossos dados revelam, de certa forma, que o bilinguismo pode ser medido pela idade. Os falantes com mais de 50 anos possuem um maior contato com a língua alemã, enquanto que aqueles com menos de 50 já a adquirem como segunda língua. Segundo Bopp da Silva:

Na impossibilidade de mensurar esses graus de bilinguismo, vamos pressupor que os falantes mais velhos sejam os que apresentam maior contato e influência da língua alemã e que os falantes mais jovens, criados sob novas condições de vida, como tipo de educação formal, acesso aos meios de comunicação de massa e mobilidade social e geográfica, sejam os que possuem uma variedade de português diferenciada daquela tipicamente local, aprendida pelos descendentes com status de segunda língua, e mais próxima do padrão. (2005, p. 121)

A fim de observarmos se italianos aplicam mais ou menos a regra do que alemães, realizamos o cruzamento das variáveis *idade* e *localidade bilíngue*. Os resultados encontrados estão representados no gráfico abaixo:

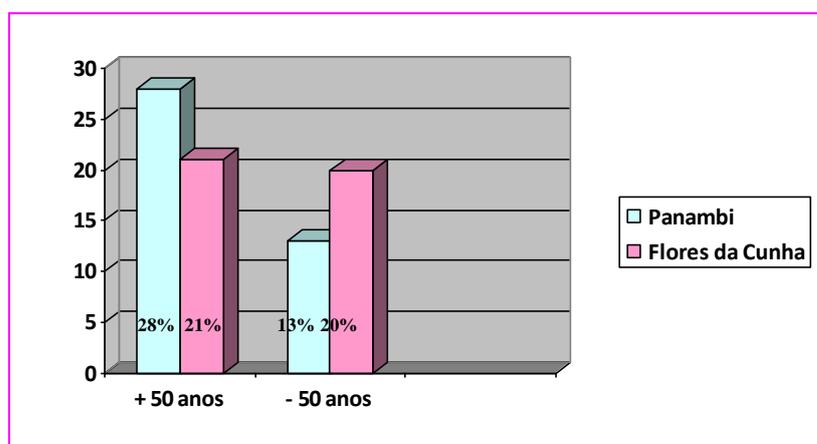


Gráfico 2

Cruzamento das variáveis *localidade bilíngue* e *idade*

Conforme os dados do gráfico, em Panambi houve uma significativa diferença entre os números; o uso da variante *on* pelos informantes acima de 50 anos prevaleceu. No entanto, o mesmo não ocorreu com os dados de Flores da Cunha. O resultado pode indicar que independente da idade os bilíngues, tanto mais velhos como mais jovens realizam o *on* em Flores da Cunha. Constatação esta que não podemos sustentar já que não temos todos os indicadores necessários.

Vejamos, agora, a variável *sexo*, escolhida em terceiro lugar, entre as variáveis extralinguísticas selecionadas pelo programa.

Tabela 3

Sexo

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso Relativo</i>
Masculino	518/2.146	24.1	0.56
Feminino	396/2.411	16.4	0.44
Total	914/4.557	20.1	

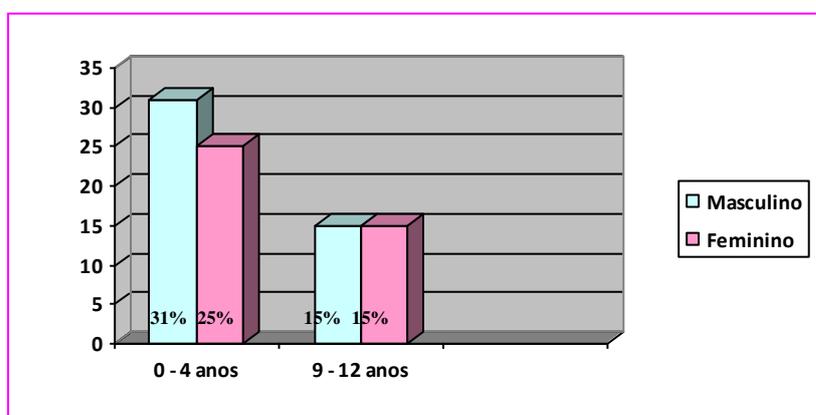
Input: 0.17**Significância: 0.00**

O resultado obtido demonstra que o sexo masculino bilíngue lidera na realização do *on*. Os pesos relativos encontrados pela análise multidimensional foram de 0.56 para os homens, contra 0.44 para as mulheres.

Labov (1972) considera as mulheres como líderes da mudança linguística, pois são elas que dão início ao uso, como também se adaptam melhor aos novos símbolos sociais. A explicação para o resultado obtido nos dados está no fato de que as mulheres utilizam menos as variantes estigmatizadas. Embora os homens façam parte do mesmo grupo social e sob as mesmas circunstâncias, elas usam mais as variantes de prestígio.

Nos dados de Tomiello (2005), o sexo masculino também favorece a aplicação da regra, com um peso relativo de 0,58. O sexo feminino desfavorece com um percentual de 0,43.

Realizamos o cruzamento a fim de verificar a relação entre as variáveis *sexo* e *escolaridade*. Os resultados estão representados abaixo.

**Gráfico 3** - Cruzamento das variáveis *sexo* e *escolaridade*

Os números obtidos a partir do cruzamento das duas variáveis no gráfico acima confirmam o papel da escolaridade na variação do ditongo *ão*. Existe uma tendência, entre os informantes menos escolarizados, principalmente os homens, de utilizarem mais o *on*. Entre os mais escolarizados obtivemos o mesmo percentual, para ambos os sexos.

Os percentuais 31 e 25% são números próximos, o que mostra que o sexo tem uma leve influência e ela se dá apenas entre os menos escolarizados.

Labov (2001) concluiu que as mulheres de classe média baixa se empenham mais para usar as formas de prestígio do que as mulheres de classe baixa ou alta. O sexo feminino de uma maneira geral busca evitar as formas estigmatizadas, e o mesmo não ocorre na mesma intensidade com os homens. A aplicação dessa regra parece ter mesmo algum desprestígio, e os homens, em virtude disso, a usam mais.

O próximo cruzamento foi realizado com as variáveis *idade* e *escolaridade*. A aplicação da regra é maior entre os falantes mais velhos, tanto entre os mais escolarizados quanto entre os menos escolarizados, conforme indica o gráfico abaixo:

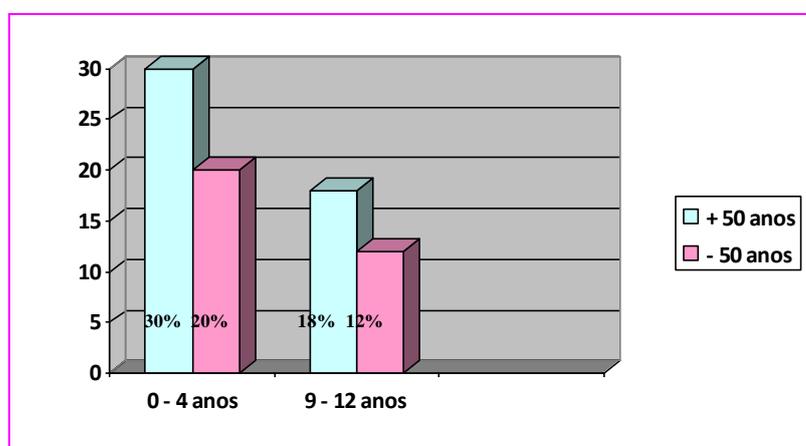


Gráfico 4

Cruzamento das variáveis escolaridade e idade

O cruzamento mostra que mais velhos usam mais a regra independentemente da escolaridade, assim, o cruzamento confirma o papel independente dessas variáveis.

Optamos por realizar o cruzamento das variáveis *sexo* e *localidade bilíngue*, pois nossa hipótese era de que existia uma tendência de os homens mais velhos fazerem mais

uso de *on*. Nesse sentido, procuramos saber quais os valores em relação à variável sexo de ambas as localidades.

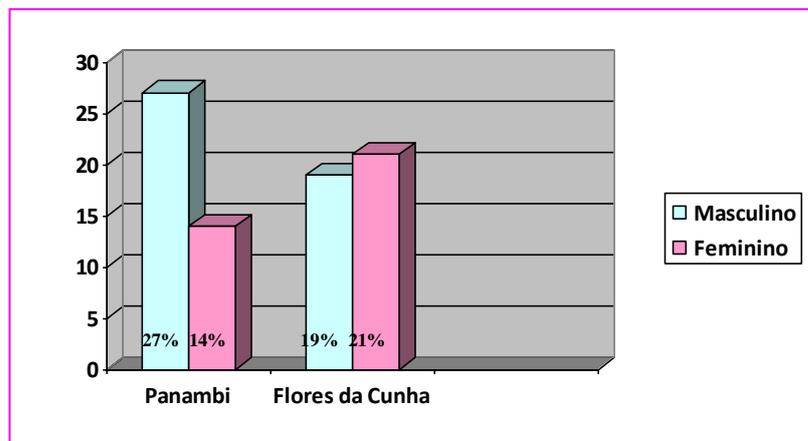


Gráfico 5

Cruzamento das variáveis sexo e localidade bilíngue

Ao fazermos esse cruzamento, nos chama a atenção o fato de que existe diferença entre os homens e as mulheres de Panambi, com um percentual de 27% contra 14%, porém, em Flores da Cunha os homens têm 19% e as mulheres 21%.

Uma análise bruta desse resultado indicaria que mulheres bilíngues de alemão são mais conservadoras do que mulheres bilíngues de italiano, opondo-se ao comportamento dos homens nas comunidades estudadas. Como dissemos, essa seria uma constatação bruta, já que não temos todos os indicadores necessários para sustentá-la. Entendemos que é preciso se considerar, em primeiro lugar, a proximidade dos números na comunidade italiana, ao contrário da comunidade alemã, em que homens aplicam a regra o dobro de vezes da aplicação encontrada entre as mulheres. Em segundo lugar, é preciso que se explore a hipótese de a diferença estar justificada pelo emprego de alguns informantes em específico, com perfis sociais não contemplados na estratificação adotada nessa análise. Além disso, um olhar sobre alguns itens lexicais em particular pode contribuir para compreender esse resultado.

O informante (*a*) teve o maior número de ocorrências de *on*, em praticamente todos os vocábulos. Residia em Panambi, do sexo masculino, mais de 50 anos, grau de instrução: primário, casado, sua profissão era marceneiro e assistente técnico de máquinas agrícolas (aposentado) era bilíngue português-alemão. As variações ocorridas durante a entrevista

foram *educação* ~ *educaçon*, *não* ~ *non*, *região* ~ *region*, *alemão* ~ *alemon*, *estão* ~ *eston*, *televisão* ~ *television*, *chimarrão* ~ *chimaron*, *tiravam* ~ *tiravon* e *caminhão* ~ *caminhon*.

A informante (*b*) teve a maior ocorrência de *então* ~ *enton* na entrevista. Residia em Panambi, do sexo feminino, mais de 50 anos, grau de instrução: primário, casada, profissão: comerciante (proprietária de uma loja, tipo mercearia). Aprendeu primeiro o alemão, o português foi aprendido na escola.

A informante (*n*) se destacou pela variação do vocábulo *pão* ~ *pon*. Ela residia em Nova Roma, município de Flores da Cunha, com idade inferior a 50 anos, grau de instrução primário, seus afazeres: dona de casa e lavoura, fala português e italiano.

Outra hipótese seria o fato da variante ser considerada menos estigmatizada para os italianos do que para os alemães. Nesse caso é possível que as mulheres bilíngues a pratiquem da mesma forma que os homens em Flores da Cunha.

Para Frosi et al. (2008) o desprestígio, o preconceito e o estigma linguístico possuem caráter extralinguístico, ou seja, o estigma é um fenômeno social. No entanto, na vida real, na maioria das vezes, o social e o linguístico se confundem. As características de fala de uma pessoa podem indicar a qual categoria sociocultural ela pertence, origem étnica, profissão e o seu nível de instrução, bem como indicar que atitudes ela própria tem em relação à língua que está usando. No caso do indivíduo ser bilíngue ele pode atribuir prestígio a somente uma das línguas, enquanto que a outra é por ele estigmatizada.

Frosi et al. declara:

Considera-se que do ponto de vista social, cada variedade linguística correlaciona-se com valores simbólicos. Os falantes veem refletidas em uma variedade linguística determinadas características da comunidade social que a fala. Essas características são, muitas vezes, o resultado das atitudes que os utentes têm em relação à própria língua. Essas atitudes podem ser positivas ou negativas. (2008, p.146)

Considerando que a variante seja menos estigmatizada entre as italianas, existe outra hipótese, a de que o comportamento linguístico da informante (*n*), a única que reside em Nova Roma, interior de Flores da Cunha, possa ter interferido no número de dados, sendo que muitos aspectos caracterizam os informantes do meio rural, principalmente o uso da linguagem, pois entre eles prevalece o uso da língua materna.

Decidimos também cruzar *sexo* com *idade*, para verificar a relação entre essas variáveis. Vejamos, então, os valores representados no gráfico abaixo:

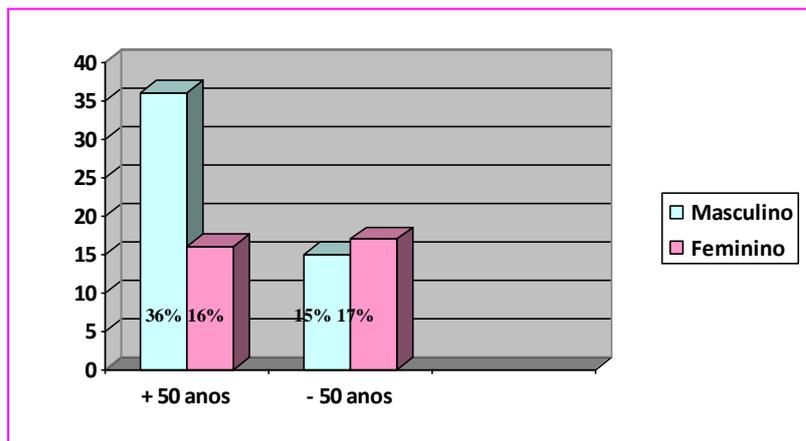


Gráfico 6

Cruzamento das variáveis sexo e idade

Através desses números podemos notar que a aplicação da regra é maior entre os falantes homens com mais de 50 anos. O resultado de 36% confirma algumas hipóteses citadas anteriormente, de que o fator *mais velho* é determinante e que o fator *homem* é mais influente que o fator *mulher*. Isso se deve ao fato de que homens mais velhos são mais conservadores. Fenner (2003) diria que:

As gerações de mais idade construíram a sua identidade em torno da língua com muito mais vigor. Nas gerações mais jovens e com vida urbana a tendência é absorver uma multiplicidade de costumes que outrora não poderiam penetrar nas regiões tão isoladas. Para os mais jovens, cultivar uma língua talvez venha com outros meios de comunicação e não vinculados à família. (2003, p.258)

Concluindo a apresentação dos resultados referentes às variáveis extralinguísticas iremos expor algumas palavras sobre *etnia*, pois acreditamos que embora a variável *localidade bilíngue* não tenha sido selecionada, ela corresponde a uma hipótese forte do nosso trabalho, ou seja, a sua não seleção prova que de fato essa regra não faz distinção entre os dialetos italiano e alemão, apesar de ter uma aplicação clara nesses grupos em oposição a monolíngues, para os quais não há relato de aplicação dessa regra na literatura.

O significado do termo grego *ethnos* é povo. Podemos conceituar *etnia* como a consciência de um determinado grupo de pessoas, que por certas razões históricas, religiosas, linguísticas e culturais se diferenciam dos outros.

Grande parte da população brasileira branca é descendente de europeus. Na Região Sul, segundo Santana (2009) três quartos da população de origem alemã instalou-se no extremo Sul, sendo que o estado do Rio Grande do Sul abrigou mais de 50% deste total.

O papel do Estado no processo de colonização foi fundamental para o incremento destes movimentos. Num primeiro momento, o interesse do Estado imperial na imigração europeia daquele período corresponde a uma necessidade de colonização de terras, uma preocupação com a integridade territorial. A partir daí, o imigrante alemão ou italiano foi considerado agricultor ou “colono” e assim ficou conhecido no país. Ainda hoje, esta identidade se mantém nas regiões de colonização intensa destes grupos. (SANTANA, 2009, p.2)

Os imigrantes, em solo brasileiro, começaram a trabalhar e a nomear seu novo mundo com sua velha e secular linguagem. “Intrínseca à sua identidade étnica, os italianos mantiveram sua língua materna, inseparável de suas vidas tal como o ar que respiravam, durante um longo período das mais de treze décadas de história da Região de Colonização Italiana”. (FROSI, 2008, p. 145)

Ao se referir às localidades bilíngues italianas, Frosi (2008) esclarece que não era só a linguagem que era italiana, e sim todo o universo cultural instaurado. Não existia confronto com outros sistemas de fala, a comunicação ocorria de forma natural, comum a todos os indivíduos pertencentes ao grupo.

Analisando as palavras de Frosi (2008), podemos concluir que os italianos formavam um grupo étnico, em que a linguagem fazia parte do universo cultural instaurado pelos imigrantes.

Appel (1987) discute o conceito de etnia e suas possíveis ligações com a linguagem. Ele questiona se há uma relação categórica entre linguagem e etnia. Appel (1987) diz que não existem critérios fixos e que um grupo é considerado étnico quando possui uma identidade étnica específica, quando é suficientemente diferente de outros grupos.

De acordo com Fishman (1977: 17 apud Appel 1987), é preciso levar em conta três dimensões. A mais importante delas é denominada de *paternidade*: a etnia é “em parte, mas em sua essência, herdada dos pais, assim como eles também a adquiriram, um *infinitum*”. Desta forma etnia estaria ligada a um sentimento de continuidade. A segunda dimensão é a de *patrimônio*, ou seja, o legado de coletividade - que definem comportamentos e pontos de vista: músicas, roupas, comportamento sexual, ocupações especiais, que são de alguma forma herdadas de gerações anteriores. *Fenomenologia* é a terceira dimensão, e refere-se ao significado que as pessoas atribuem à sua paternidade

(sua descendência como membros de uma coletividade) e seu legado (étnico). A fenomenologia tem a ver com as atitudes subjetivas de pessoas para a sua pertença a um grupo étnico potencial.

Para Fishman (1977 apud Appel 1987), a linguagem é o par símbolo da excelência da etnia: a língua é o gravador de paternidade, a expressão do patrimônio e a transportadora da fenomenologia. As pessoas falam sobre todos os tipos de atividades e questões culturais ou étnicas, e, portanto, a linguagem é conectada com estes. Trata-se de uma espécie de vínculo associativo. Para Guboglo (1979 apud Appel 1987), a linguagem tem uma função integradora no que diz respeito à identidade étnica.

Acreditamos que a linguagem, ou seja, o seu dialeto representa para esses imigrantes não só a comunicação com os demais integrantes desse grupo, mas uma maneira de manter viva a cultura herdada de seus antepassados.

5.5 Variáveis linguísticas

A partir dessa seção serão apresentadas as variáveis linguísticas escolhidas pelo programa na ordem em que foram selecionadas pelo GOLVARB-X.

A variável *tonicidade do alvo*, o programa apontou como sendo a mais relevante entre as variáveis linguísticas. Considerando a tabela abaixo, vejamos os resultados para esse grupo de fatores.

Tabela 4

Tonicidade do Alvo

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso Relativo</i>
Tônica	883/3.887	22.7	0.57
Átona	31/670	4.6	0.13
<i>Total</i>	914/4.557	20.1	

Input: 0.17

Significância: 0.00

Quanto a esse grupo de fatores é oportuno dizer que houve muito mais contextos de tônicas. O contexto tônico apresentou peso relativo de 0.57.

Bopp da Silva (2005) concluiu em seu trabalho que o falante monolíngue tende a reduzir mais os ditongos nasais átonos do que os falantes bilíngues. Segundo a autora, pode haver duas causas principais que explicam essa diferença na aplicação. A primeira delas pode ser a interferência de traços de adstrato, ou seja, traços fonético-fonológicos da língua de contato, o alemão, podem definir uma característica peculiar a essa variedade de português. Para a autora, o inventário fonológico do alemão não contempla vogais nasais. Essa lacuna no sistema dos falantes poderia alertá-los de modo a garantir a pronúncia de uma articulação desconhecida.

Outra explicação de Bopp da Silva (2005) está no modo de aquisição do português pelos imigrantes e seus descendentes. Sendo que as formas preservadas, predominantes entre os bilíngues, são aquelas mais próximas da modalidade escrita, e sabendo que muitos deles aprenderam o português via escola, pode-se pensar que este resultado encontra suas causas na forma de aquisição e transmissão do português. Desta forma, o imigrante adquire uma variedade do português semelhante à modalidade escrita e esta variedade que passa a seus descendentes.

Embora ambientes tônicos sejam bastante proeminentes para aprendizes (em especial para não nativos) a saliência fônica aqui não funciona, o que mostra a tabela 4, pois contexto tônico prioriza *on*. Aplicando-se o raciocínio de Bopp da Silva (2005) para o fenômeno que analisamos, podemos dizer que o falante bilíngue presta mais atenção pra um contexto forte do que para um fraco, contudo, na redução da nasalidade, o bilíngue aplicava mais a regra do português, distante da sua língua nativa.

A próxima variável linguística é a *extensão do vocábulo*. Vejamos os números:

Tabela 5

Extensão do vocábulo

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>Peso Relativo</i>
Mais sílabas	503/2.368	21.2	0.55
Uma sílaba	411/2.189	18.8	0.43
<i>Total</i>	914/4.557	20.1	

Input: 0.17

Significância: 0.00

Conforme os dados da tabela, as palavras com mais de uma sílaba possuem um percentual maior de aplicação do fenômeno do que em relação aos vocábulos formados por uma sílaba só. Apesar de não considerarmos a diferença tão expressiva, decidimos cruzar a variável *extensão do vocábulo* com outros grupos de fatores como *classe de palavra* e *item lexical*, mesmo que esses grupos não tenham sido selecionados. Seria importante descobrir se as *classes* ou os *itens* com maior ocorrência tinham uma ou mais sílabas. Ou seja, se a regra se aplicasse de maneira geral mais a nomes, verbos e adjetivos, seria mais ou menos natural que se aplicasse mais a polissílabos; por outro lado, a grande ocorrência com a palavra "não" poderia ser a responsável por não deixar este índice dos polissílabos crescer tanto.

Votre (1978), no seu estudo em relação à fala do Rio de Janeiro, no que diz respeito ao apagamento da nasal final no falar carioca, diz que “os vocábulos polissílabos devem ter sido os primeiros atingidos pela tendência à simplificação da estrutura silábica, seguidos pelos dissílabos e monossílabos, que são os mais resistentes à mudança”. (BATISTTI, 2002, p.186)

Apesar de, em nosso fenômeno, não estar implicada necessariamente uma simplificação evidente da estrutura silábica, acreditamos que, de forma muito geral, palavras maiores estão mais sujeitas a alterações do que palavras menores, por uma questão de preservação morfológica e prosódica, sobretudo se considerarmos que essas estruturas apagadas fazem parte, na maioria das vezes, da raiz das palavras envolvidas.

Para assegurar essa conclusão cruzamos *extensão do vocábulo* com *classe de palavra*:

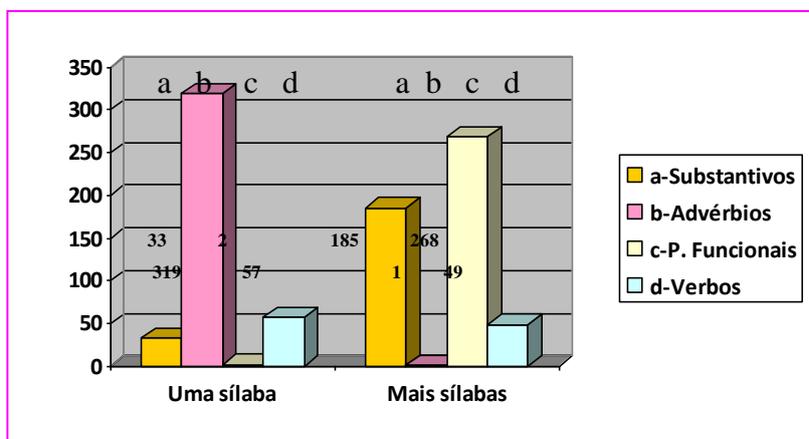


Gráfico 7

Cruzamento das variáveis *extensão do vocábulo* e *classe de palavra*

O cruzamento apontou que há uma grande quantidade de *substantivos* e *palavras funcionais* com mais sílabas. De modo geral, o grande número de ocorrência da palavra “não” (*advérbios*), 319 aplicações, impediu que houvesse uma maior diferença entre os grupos. Frise-se, aqui, que mesmo se o vocábulo *não* for tratado em separado, como uma forma reestruturada, não se confirma a correlação sugerida entre palavras lexicais/mais sílabas como grande alvo do processo, uma vez que há funcionais polissílabos bastante atingidos pela regra. Ou seja, a não seleção de classe gramatical, neste caso, parece justificada.

A seguir listamos em separado os itens lexicais mais frequentes, devidamente quantificados. Os números abaixo representam quantas vezes o contexto *on* ocorreu nos vocábulos à esquerda da tabela.

Tabela 6

Aplicação da variação entre vocábulos de uma e mais sílabas

	Mais sílabas	Uma sílaba
Educação	5	
Outros	141	33
Não		306
Região	6	
São(verbo)		23
Então	263	2
Alemão	52	
Estão	10	17
Televisão	7	
Chimarrão	6	
São(subst.)		10
Tiravam	4	
Caminhão	5	
Pão		18
Mão		4
TOTAL	449	413

Quando o vocábulo apresentava-se de forma reduzida, como por exemplo, a palavra funcional “então” - “*ton* decidimos caminhar” - classificamos como monossilábica. O mesmo ocorreu com o verbo “estão” - “eles *ton* lá dentro”. Por essa razão os vocábulos foram listados nas duas colunas quanto ao número de sílabas. Embora possuam mais de uma sílaba, algumas vezes os classificamos como monossilábicos pela forma reduzida em que se apresentaram.

Nos dados de Tomiello (2005), a variável *extensão do vocábulo* foi considerada a mais significativa pelo programa, porém, ao contrário dos nossos dados, ela obteve um peso relativo maior entre as palavras monossilábicas, o peso relativo chega a 6.0, enquanto as de duas ou mais 0.46. No entanto, a autora não controlou item lexical, é possível que tenha encontrado vários dados de *não* e *pão*, por exemplo.

Decidimos rodar novamente o programa excluindo *item lexical*, pois constatamos que o grupo interferia nos resultados do grupo *extensão do vocábulo*. Na próxima rodada do programa, optamos por excluir o grupo *extensão do vocábulo*; desta vez, o programa selecionou *classe de palavra* como última colocada, passando então a ser selecionado pelo programa.

Embora o grupo de fatores *classe de palavra* tenha sido selecionado, acreditamos que não houve uma diferença significativa entre os pesos relativos, pelo motivo de se mostrarem muito próximos, o que pressupõe que a classe, por exemplo, não interfere de forma significativa na aplicação da variável em estudo. Isso nos leva a entender que a classe gramatical não exerce influência sobre a variação em estudo, mas a extensão da palavra, que não faz distinção entre classes.

Encerramos aqui a apresentação dos resultados. De modo geral, temos condições de reafirmar, através de nossos dados, que a variação do ditongo em sílaba final de vocábulo em comunidades bilíngues é uma regra variável no sistema, condicionada por fatores linguísticos e sociais, particularmente pela *tonicidade do alvo* e *extensão do vocábulo* e pela *escolaridade, idade e sexo do informante*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de verificar se a variação do ditongo nasal *ão* resultava do português de contato, fechamos este trabalho retomando os resultados e destacando aspectos que consideramos mais significativos e questões residuais.

- A variação desse ditongo resulta de uma regra variável condicionada por fatores linguísticos e sociais ligados a falantes de duas localidades bilíngues, Panambi e Flores da Cunha no RS.

- A distribuição total de aplicação da regra mostrou que, dos 4.557 dados analisados na pesquisa, 20,1% correspondem a dados de aplicação e 79,9% a dados de não-aplicação da regra, o que confere a característica de regra variável à variação do ditongo *ão* em sílaba final. De modo geral, é uma regra de ocorrência moderada, se considerada sua frequência de aplicação.

- Em relação aos condicionamentos extralinguísticos, nossos resultados mostraram que as variáveis *localidade bilíngue*, *escolaridade*, *idade* e *sexo* exercem alguma força no sentido de favorecer a troca, sendo o processo mais frequente entre os homens mais velhos de baixa escolaridade.

- Os grupos de fatores linguísticos que apresentaram expressividade para a regra de variação do ditongo foram: *tonicidade do alvo* e *extensão do vocábulo*, sendo que o processo se aplica mais em sílabas tônicas e em vocábulos formados por duas ou mais sílabas.

- A classe gramatical não exerceu papel significativo nesse processo, ainda que tenha incidido mais significativamente sobre alguns itens individuais em específico.

A alternância do ditongo em sílaba final nos dialetos alemão e italiano se trata de uma manifestação de superfície. Reflete uma hipótese mais geral que havíamos pensado desde o princípio, de que o fenômeno é comum entre falantes bilíngues cujas línguas de origem não possuem o ditongo em foco.

No que se refere a tal variação, Frosi e Mioranza (1983) declaram que o ditongo *ão* inexistente nos dialetos italianos; do mesmo modo Rodrigues (2009, p. 309) afirma que “o ditongo *ão* não ocorre na língua alemã, o que explica as dificuldades dos falantes”. Bopp da Silva (2005, p. 120) também diz que “o inventário fonológico do alemão não contempla vogais nasais”.

O fato é reforçado em virtude de a *escolaridade* exercer certa representatividade na aplicação da regra e confirma a hipótese segundo a qual a aquisição do português por falantes bilíngues é evidenciada pela correlação entre *on*, diferente da Norma Culta do Português Brasileiro, ser típica da fala dos menos escolarizados.

O fator *idade* expressa que em relação aos mais velhos a ligação com os costumes étnicos é maior, pois veem na comunidade e na língua uma ligação com o país de origem. Já a variável *sexo* revela a tendência de as mulheres optarem pelas variantes de prestígio; no entanto, o processo da variação do ditongo *ão* parece ocorrer de maneira diferente dentro das localidades italiana e alemã.

Sabemos que um falante adquire marcas quando aprende o português num ambiente de contato com outra língua e, conseqüentemente, elas serão reproduzidas ao longo de sua vida. Embora haja casos em que o falante se dá conta de tais diferenças, ele terá dificuldade de abandonar certos traços adquiridos em sua infância. De modo geral, acreditamos que tal variação seja uma interferência da língua materna.

Dados do ALERS confirmam a existência de um português caracteristicamente de contato. Seja do português-alemão ou do português-italiano, existem traços de transferência de nível fonético, e entre eles a variação do ditongo *ão* em algumas das localidades analisadas.

O estudo do fenômeno fonológico variável *ão~on* contribui para o conhecimento e a descrição de uma das características da fala em língua portuguesa de bilíngues no Rio Grande do Sul. Informantes, como os analisados na pesquisa, estão constantemente expostos a situações diversas, portanto, é importante que haja uma investigação, levantamento de quantas e quais línguas são faladas numa dada comunidade, quantas pessoas a praticam e quais as suas variedades.

O presente trabalho, mais do que medir o peso dos fatores sociais, preocupa-se em descrever e explicar um fenômeno variável com base em fatores condicionantes estruturais e sociais.

Rost (2008) observa que, em algumas comunidades, enquanto a identidade étnica for responsável pela coesão do grupo e se mantiver viva no seio dos descendentes alemães, o bilinguismo poderá ser preservado mesmo em comunidades urbanas e industrializadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENHOFEN. **Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias linguísticas do ALERS.** In: VANDRESEN, Paulino. *Variação e mudança no português falado da Região Sul.* Pelotas: Educat, 2002. p. 115 a 145.

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). Volume 1: **Cartas Fonéticas e Morfossintáticas.** Segunda edição. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language contact and bilingualism.** London; Baltimore, Md.: Edward Arnold, 1987.

BATTISTI, Elisa. **A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições.** Tese. (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

_____. **A redução dos ditongos nasais átonos.** In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.p. 183-202.

BENINCÁ, Ludimilla Rupf. **Dificuldade no domínio de fonemas do português por crianças bilíngues de Português e Pomerano.** UFES, 2008. Dissertação de Mestrado.

BISOL, L. **A nasalidade, um velho tema.** *D.E.L.T.A.*, vol. 14, Especial: 27-46, 1998.

_____. (Org.). **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro.** 2ª ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

_____, BRESCANCINI, C. **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BRESCANCINI, CRB. (2002). **A análise da regra variável e o programa VARBUL 2S.** In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.) *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro.* Porto Alegre: EDIPUCRS.

BOPP, Taís. **A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulo entre falantes bilíngues e monolíngues do Rio Grande do Sul.** UFRGS, 2005. Dissertação de Mestrado.

CAGLIARI, L.C. **An experimental study of nasality with particular reference to Brazilian Portuguese.** 1977. 319f. Thesis (Doctor of Philosophy) – University of Edinburgh, Edinburgh.

CÂMARA, JR., J.M.(1984) **Estrutura da língua portuguesa.** 14. Ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

_____. (1977) **Para o estudo da fonêmica portuguesa.** 2.ed. Rio de Janeiro: Padrão.

_____. (1969) **Problemas de Linguística Descritiva**. Petrópolis: Vozes.

CAMBRUSSI, Morgana F.; FERREIRA, Eric D.; GRITTI, Letícia L. **Análise multilinear da interferência fônica no português de contato com o italiano: [õ] e [õw] em lugar de [ãw]**. *Papia* 18, 2008, p. 71-81.

COLLISCHONN, Gisela. **A sílaba em português**. In: BISOL, Leda. **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro**. 2ª ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

FAGGION, Carmem Maria; FROSI, Vitalina Maria. **Lusismos no vêneto sul-riograndense**. *Anais do IX Encontro do CELSUL*. Palhoça, SC, out.2010.

FENNER, Any Lamb. **Alemão e português: bilinguismo em contexto urbano**. *Anais do 5º encontro do Celsul*, Curitiba – PR, 2003 (254-260).

FISHMAN, Joshua A. **Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism**. In *Journal of Social Issues*, n. 23, 1967. p. 29-38.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. **Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul/RS: EDUCS, 1983.

_____; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. **Prestígio e estigmatização: dialeto italiano e língua portuguesa da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul** – *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 2, p. 139-167, jul./dez. 2008.

GROSJEAN, F. (2004). **Le bilinguisme et le biculturalisme: quelques notions de base**. In C. Billard, M. Touzin et P. Gillet (Eds.). *Troubles spécifiques des apprentissages: l'état des connaissances*. Paris: Signes Editions.

GUBERT, Antônio Luiz. **Análise da transformação do ditongo nasal final tônico [ɐw] em [õw] em falares de descendentes de italianos na região oeste de Santa Catarina**. *Anais do IX Encontro do CELSUL*, Palhoça, SC, out. 2010.

GUY, Gregory. **As comunidades de fala: fronteiras internas e externas**. *Abralin*, 2001. Disponível em http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf

_____. LILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo, Parábola, 2007.

_____. **VARBRUL: análise avançada**. Tradução Ana Maria Stahl Zilles. In: *Cadernos de Tradução*. Instituto de Letras, janeiro de 1998.

HIMAN, Larry M. (1985). **A theory of phonological weight**, 26 - 32. Dordrecht: Foris. (Reprinted, 2003, Stanford: CSLI).

LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Cambridge, MA: Blackwell, 1994.

_____. **Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula**. *Language*. Baltimore, v. 45, n.4, p. 715-762, 1969.

- _____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. **Principles of linguistic change**. Social Factors: volume 2. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc., 2001.
- _____. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARGOTTI, F. W. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Tese de Doutorado.
- MESCKA, Paulo Marçal. **Interferência fonológica do “dialeto italiano” na aprendizagem do português**. Porto Alegre: UFRGS, 1983. Dissertação de Mestrado.
- MOLON, Floriano. **Caminhos da Colônia. Caxias do Sul – Flores da Cunha – RS**. 1ª edição. Porto Alegre: EST, 2002.
- MORAES, João Antônio de; WETZELS, W. Leo. **Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonologia experimental**. Cad. Est. Ling., Campinas, (23): 153-166, Jul. /Dez. 1992.
- RODRIGUES, Catarina Vaz. **Bilinguismo no Espírito Santo: reflexos no português de adultos e crianças**. In: SIGNUM: Est. Ling., Londrina, v. 12, n. 1, p. 293-316, jul. 2009.
- ROST, Cláudia Andrea. **A identidade do teuto-brasileiro na Região Sul do Brasil**. Interdisciplinar: Ano 3, v 5, nº. 5 – Jan – jun de 2008.
- SANTANA, Nara Maria Carlos de. **Imigrantes alemães e o Brasil Caboclo: Memória, Identidade e Política Nacional no Brasil**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.
- SEARA, Izabel Christine. **Estudo acústico-perceptual da nasalidade das vogais do português brasileiro**. UFSC, 2000. Tese de doutorado.
- SCHWINDT, L. C. S.; QUADROS, E. S.; TOLEDO, E. E. ; GONZALEZ, C. A. **A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].
- SEYFERTH, Giralda. **Identidade étnica, assimilação e cidadania. A imigração alemã e o Estado brasileiro**. Trabalho apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 22-25 de outubro de 1993.
- SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo**. Conexão Letras. Porto Alegre. Vol. 3, n. 3 (2008), p. 125-140, em: <http://hdl.handle.net/10183/20697>
- TARALLO, Fernando. **Tempos linguísticos**. São Paulo, Ática, 1990.
- _____, Fernando. **Reflexões sobre o conceito de mudança linguística**. Revista do Instituto de Letras, v. 5. Organização Leda Bisol, 1991.

TOMIELLO, Marciana. **A variação do ditongo nasal tônico –ão como prática social no português de São Marcos/RS.** UCS, 2005. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos Empíricos para uma teoria da Mudança Linguística.** Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

WETZELS, W. Leo. **Comentários sobre a estrutura fonológica dos ditongos nasais no português do Brasil.** Rev. de Letras - N°. 22 - Vol. 1/2 jan/dez. 2000

<http://www.achetudoeregiao.com.br/rs/panambi/historia.htm>

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/panambi.pdf>

<http://www.varsul.org.br/>

ANEXOS

Anexo 1 - Cruzamento das variáveis *informante* e *item lexical*.

	a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m	n	o	p
Educação	4										1					
Outros	58	5			4	11	6	3	9	8	12	19	10	16	1	10
não	104	3	17	7	3	29		11	6	22	13	16	15	15	17	29
Região	4										2					
são(verb)	4		1			7	2	2		1	3			2	1	
então	36	45	3	9	39	13	6	34	2	7	2	34	23	1	3	8
Alemão	18	1		5	14	5	1	4	3					1		
estão	7		5		1	2		1	2					1	5	3
Televisão	4					2						1				
Chimarrão	3					3										
são(subs)	2		2			3						1			1	1
Tiravam	4															
Caminhão	2	1								2						
pão			2					1	1	1	1	1	2	7	2	1
mão											1	2		1		

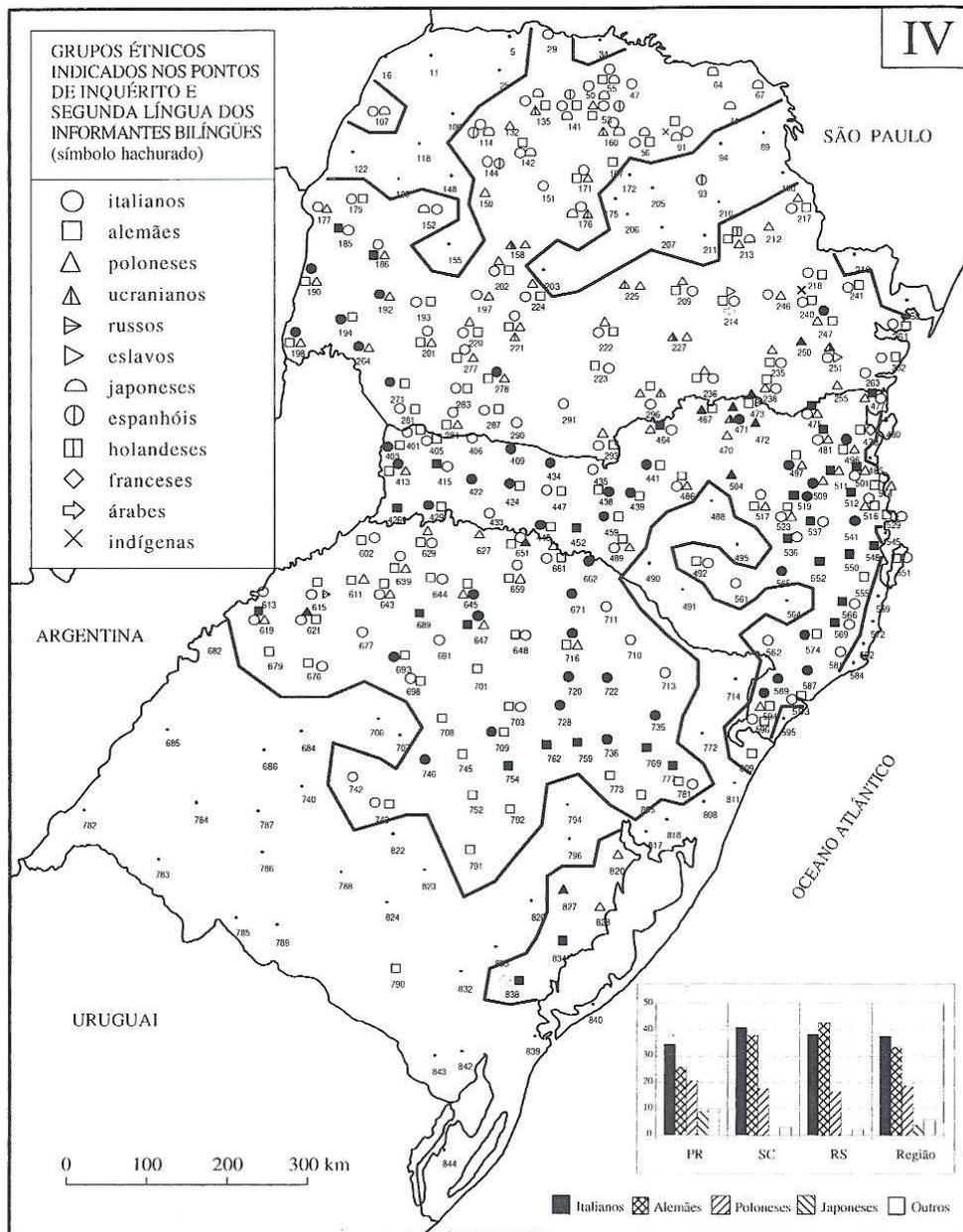
Legenda:

1° colocado

2° colocado

Anexo 2 - ALERS - Mapa IV - Plurilinguismo da área em estudo.

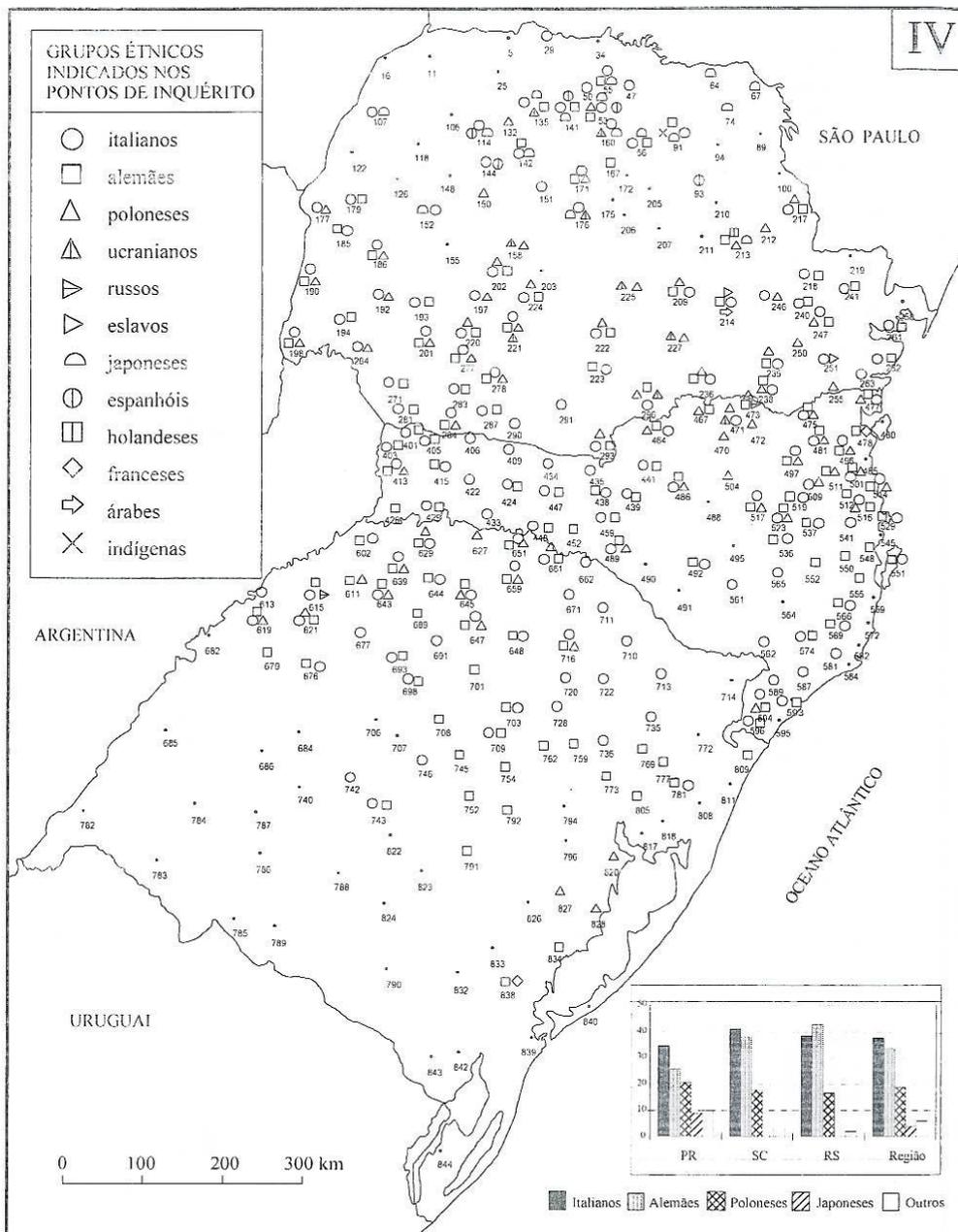
ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)
 Mapa Auxiliar IV - Plurilinguismo da área em estudo¹



¹ Áreas bilíngües de acordo com os informantes ALERS (cf. ALERS, 2005), p. 30

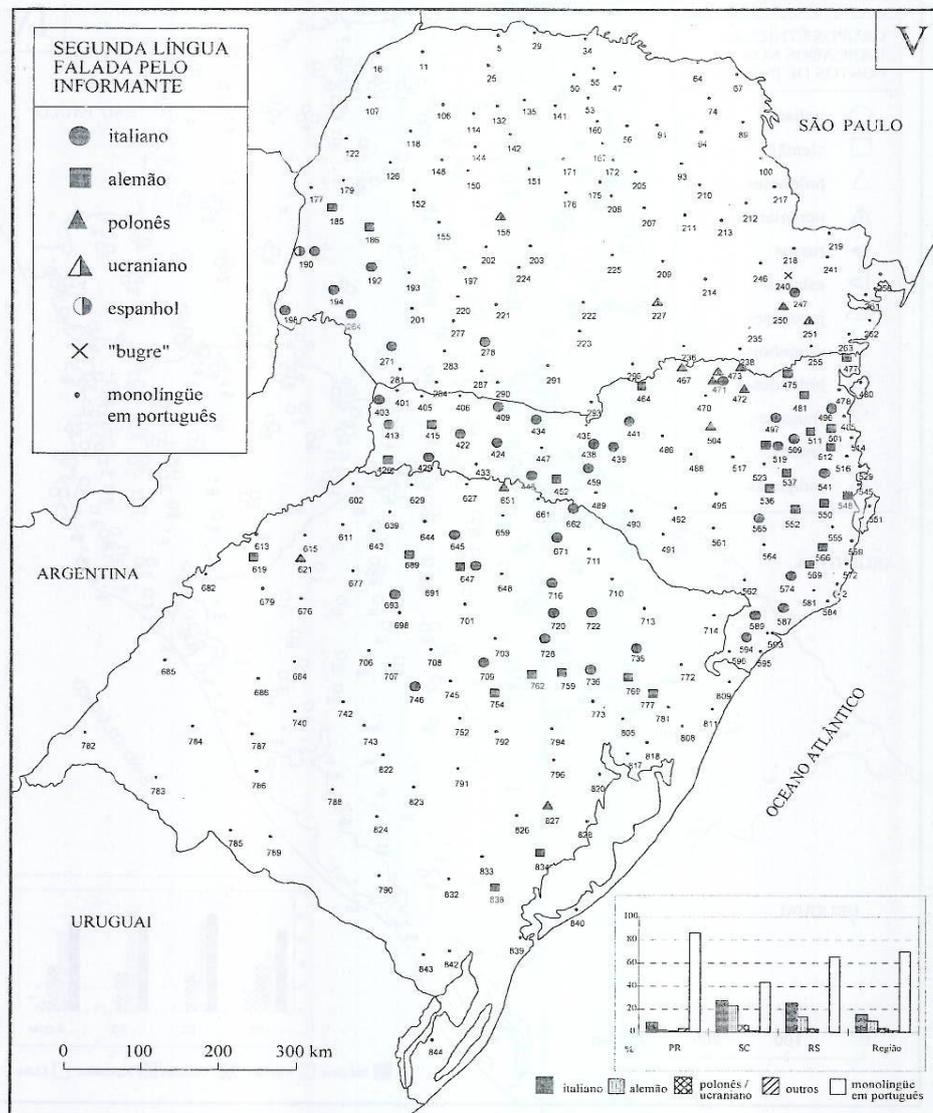
Anexo 3 - ALERS - Mapa IV - Grupos étnicos indicados nos pontos de inquérito.

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)
 Mapa auxiliar IV – Grupos étnicos indicados nos pontos de inquérito



Anexo 4 - ALERS - Mapa IV - Segunda língua falada pelo informante.

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)
Mapa auxiliar V - Segunda língua falada pelo informante

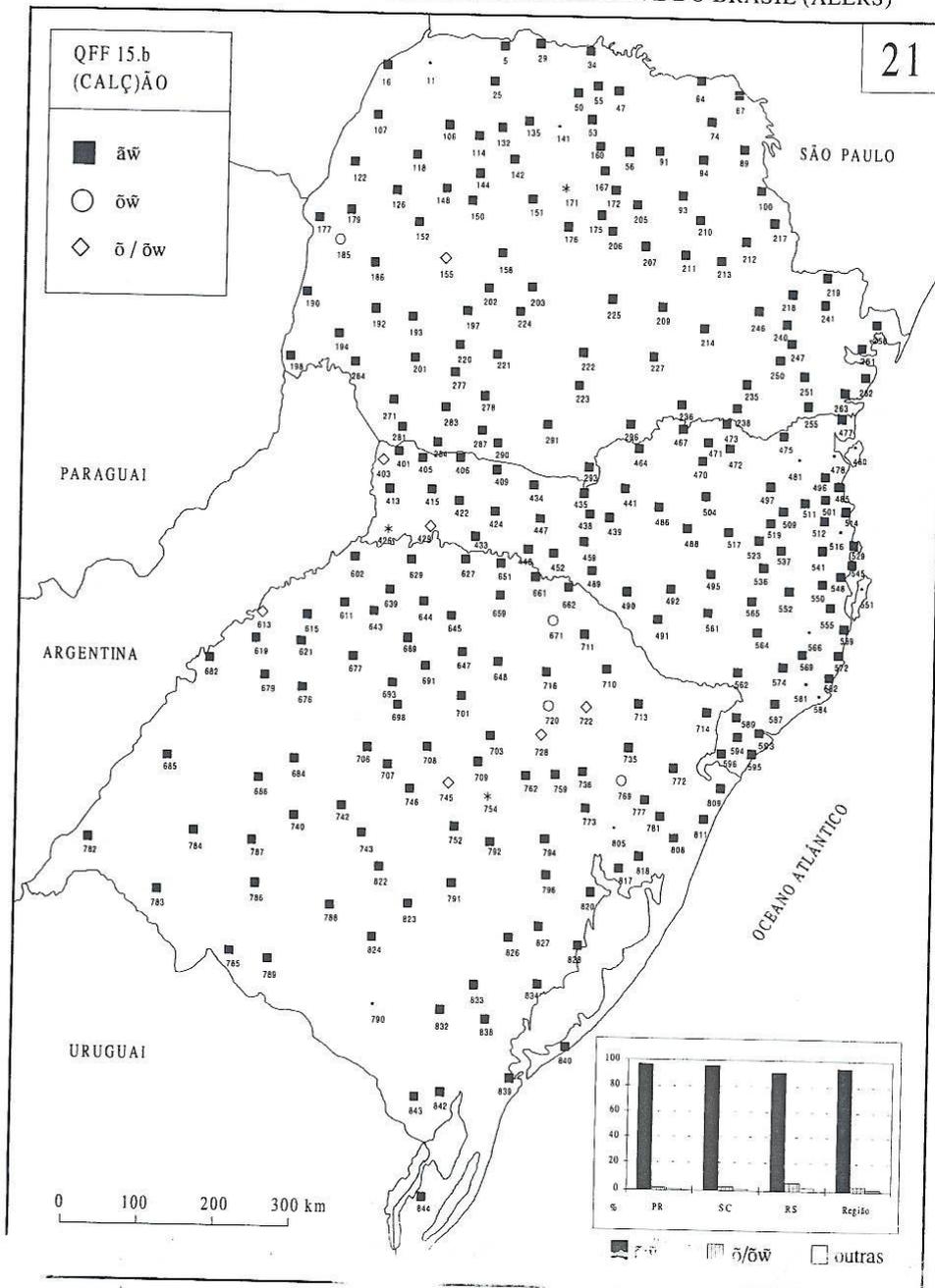


Anexo 5 - ALERS - Mapa 21 (CALÇ)ÃO

ALERS

83

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

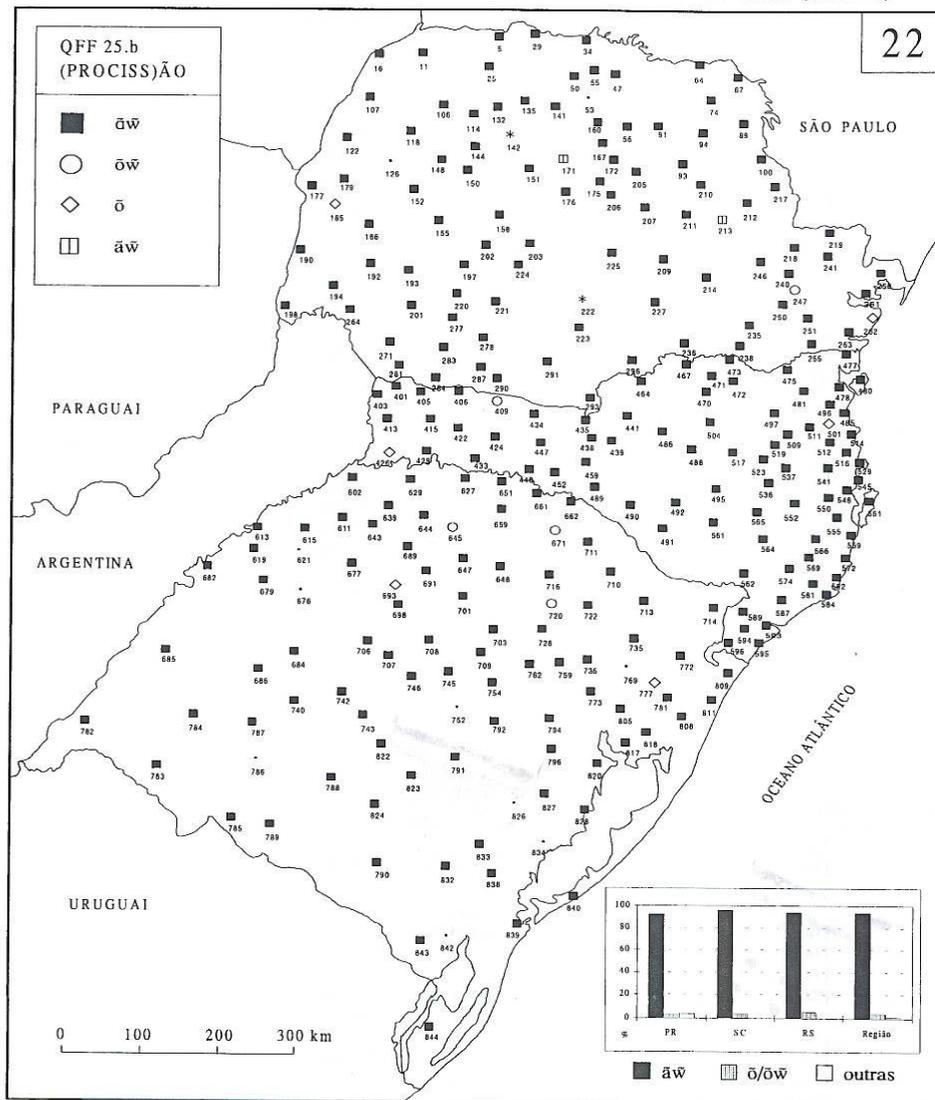


Anexo 6- ALERS - Mapa 22 (PROCISS)ÃO

ALERS

85

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

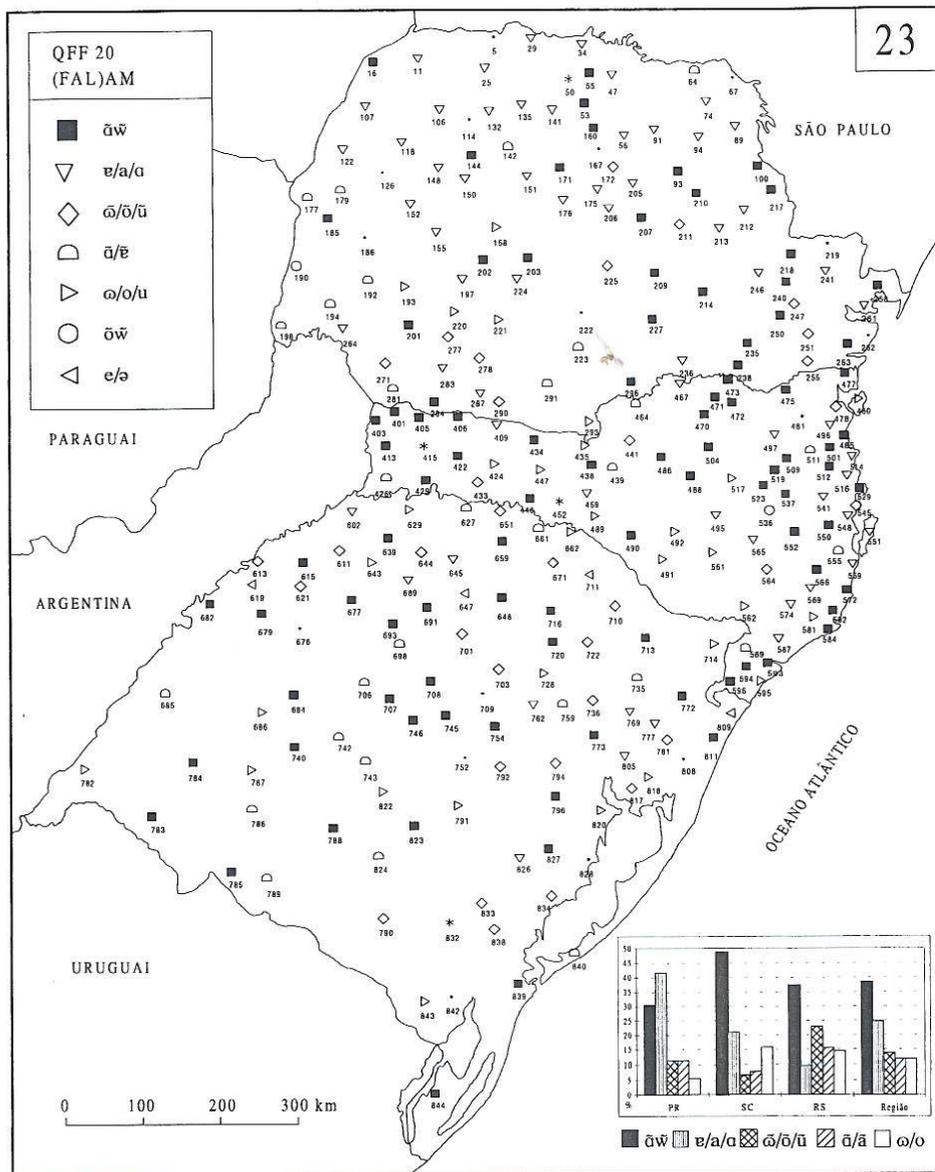


Anexo 7 - ALERS - Mapa 23 (FAL)AM

ALERS

87

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



Anexo 8- ALERS - Dados das localidades e dos informantes.

7 - DADOS DAS LOCALIDADES E DOS INFORMANTES

Os dados contidos nesta relação encontram-se estruturados em cinco frases, na seguinte ordem e pontuação:

Número do ponto (à margem)
 NOME DO MUNICÍPIO
 ano da emancipação:
 área em km²;
 total de habitantes:
 população urbana – população rural;
 etnias predominantes.¹
 NOME DA LOCALIDADE
 data da fundação:
 distância da sede,
 número de habitantes ou de famílias,
 etnia predominante;
 atividades econômicas,
 (indústrias caseiras).
 INFORMANTE, pelas iniciais do nome,
 nível de escolaridade,
 idade em anos,
 profissão principal,
 (outras atividades exercidas por ele),
 *Lugar de nascimento (se outro Estado, sua sigla),
 número de anos que está na localidade em que vive,
 outras localidades em que morou,
 número de anos nelas vividos,
 línguas que fala.
 INICIAIS do nome do cônjuge,
 *lugar de nascimento;
 há quantos anos vive na localidade atual.
 *lugar de nascimento dos pais do informante.
 INICIAIS do inquiridor.
 data do inquérito lingüístico.

¹ As etnias são constituídas de descendentes de imigrantes que, desde 1824, se estabeleceram na Região Sul do Brasil. Por *lusos* se designam todos os descendentes de portugueses inclusive os miscigenados com índios e negros. Os dados sobre etnias não são oficiais. (O órgão oficial de estatística do Brasil – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] – desde 1950 não realiza censos de etnias.) As informações contidas neste capítulo são opinião dos informantes ou são da experiência dos inquiridores.

7.1 - Paraná

- 005 **SANTO ANTÔNIO DO CAIUÁ** 1961: 190 km²; 3.112 hab.: 1.928 – 1.184; lusos. – PORTO ANGELIM 1950: 12 km, 50 fam., lusos; agropecuária, olaria, cerâmica, (rapadura e pinga). RJB, 29, 1º grau compl., administrador, *Santo Anastácio/SP, 25, Santo Anastácio/SP, 4, fala “nortista”. FMSB, *Ceará; 25. País *Ribeirópolis/SE. – CR. 24.10.91.
- 011 **LOANDA** 1954: 744 km²; 17.756 hab.: 14.305 – 3.451; lusos. – VAI-QUEM-QUER 1946: 11 km, 23 fam., lusos; agropecuária. DCO, 30, 2ª série, caseiro, (tratorista e motorista, colhedor de café), *Salinas/MG, 22, Salinas/MG, 8, fala português. NO, *Cambé/PR; 20. País *Salinas/MG. – CR. 23.04.90.
- 016 **QUERÊNCIA DO NORTE** 1954: 800 km²; 10.356 hab.: 6.801 – 3.555; lusos, ital., alem., polon. – PORTO BRASÍLIO 1964: 30 km, 500 fam., lusos; pecuária, agricultura, pesca. JBF, 42, 2ª série, administrador, *Alves Machado/SP, 41, Alves Machado/SP, 1, fala português. DAB, *Açucena/MG; 12. País *Botelho/AL e Marília/SP. – CR. 30.04.90.
- 025 **PARANAÍ** 1951: 1.140 km²; 71.173 hab.: 64.482 – 6.691; lusos, ital., polon. – SUMARÉ 1940: 4 km, 225 fam., lusos; agricultura. GGG, 45, 1º grau inc., costureira, (professora de corte e costura), *Vera Cruz/SP, 37, Vera Cruz/SP, 8, fala português. JG, *Birigüi/SP; 28. País *SP. – CR. 28.11.89.
- 029 **ITAGUAJÉ** 1954: 174 km²; 5.054 hab.: 3.473 – 1.581; lusos, ital. – FAZENDA NOSSA SENHORA APARECIDA 1949: 12 km, 14 fam., lusos; agricultura, pesca. MJA, 43, 3ª série, agricultor, retireiro, *Água da Aliança, 43, fala português. ESA, *Biaçava (Santa Inês); 26. País *Riacho de Santana/BA. – VAA. 15.03.91.
- 034 **PORECATU** 1947: 290 km²; 17.103 hab.: 11.962 – 5.141; lusos. – FAZENDA CENTRAL 1935: 12 km, 90 fam., lusos; agricultura, usina sucroalcooleira. LRG, 35, 1º grau inc., agricultor, *Porecatu, 35, fala português. SMS, *Porecatu; 23. País *Capelinha/MG. – VAA. 16.04.91.

- 047 SERTANÓPOLIS 1934: 458 km²; 14.292 hab.: 9.994 – 4.298; lusos, ital. – ÁGUA DA TABOÇA 1920: 6 km, 20 fam., italianos; agricultura, pecuária leiteira, OV, 38, 1º grau inc., servidor municipal, (agricultor), *Vila Mineira (Sertanópolis)/PR, 38, fala português. FAVV, *Jorvaia; 33. Pais *Tambaú/SP. – VAA. 09.03.91.
- 050 JAGUAPITÃ 1947: 480 km²; 10.613 hab.: 7.471 – 3.142; lusos, ital. – JAGUAPITÃ 1932: 1.870 fam., lusos; agricultura, pecuária leiteira, suinocultura, fabricação de mesas de bilhar. AZ, 45, 1º grau inc., aposentado, (pedreiro e bóia-fria), *Fazenda São Benedito (Jaguapitã)/PR, 45, fala português. MJF, *Guarujá/SP; 15. Pais *Montes Claros/MG e SP. – VAA. 12.04.91.
- 053 ARAPONGAS 1947: 355 km²; 64.531 hab.: 59.996 – 4.535; lusos, jap., polon., esp., ital., alem. – ÁGUA DA ILHA 1935: 30 km, 25 fam., lusos; indústria moveleira e de confecção, agricultura, pecuária, comércio. AFI, 44, 1º grau inc., agricultor, *Água da Ilha (Arapongas)/PR, 44, fala português. OCF, *Sabáudia/PR; 38. Pais *SP. – VAA. 13.03.91.
- 055 CAMBÉ 1947: 442 km²; 73.803 hab.: 66.779 – 7.024; lusos, ital., alem., jap. – FAZENDA IBICATU 1933: 32 km, 16 fam., lusos; agricultura. JBP, 38, 1º grau inc., administrador, *Fazenda São José, 38, fala português. MABP, *Fazenda São José; 37. Pais *Matão/SP e Jaboticabal/SP. – VAA. 10.04.91.
- 056 LONDRINA 1934: 2.119 km²; 389.959 hab.: 366.542 – 23.417; lusos, jap., ital., alem. – FAZENDA NOGUEIRA 1922: 50 km, 12 fam., lusos; agropecuária. ML, 48, analf., agricultor, *Tamarana (Londrina)/PR, 48, fala português. MARL, *Assai/PR; 29. Pais *São Jerônimo da Serra/PR e Jaboti/PR. – VAA. 14.03.91.
- 064 ANDIRÁ 1943: 229 km²; 19.554 hab.: 17.068 – 2.486; lusos, jap. – FAZENDA SÃO DOMINGOS (Água do Mandi) 1933: 12 km, 40 fam., lusos; agricultura, pecuária. JCS, 32, analf., tratorista, *Andirá/PR, 32, fala português. MRS, *Cambará/PR; 21. Pais *Curitiba/PR. – VAA. 17.04.91.
- 067 JACAREZINHO 1903: 595 km²; 40.873 hab.: 30.121 – 10.752; lusos, jap. – OURO GRANDE 1890: 8 km, 20 fam., lusos; pecuária. LSR, 60, 3ª série, agricultor, (pedreiro e carpinteiro), *Ouro Grande, 60, fala “caipira-portuguesa”. MVR, *Ouro Grande; sempre. Pais *Espírito Santo do Pinhal/SP e Varginha/MG. – JLM. 02.08.90.
- 074 SANTO ANTÔNIO DA PLATINA 1914: 714 km²; 38.721 hab.: 27.350 – 11.371; lusos, jap. – BAIRRO RIBEIRÃO BONITO 1929: 20 km, 140 fam., lusos; agropecuária, queijo e leite. JS, 51, alf., agricultor, *Bairro Ribeirão Bonito (Santo Antônio da Platina)/PR, 51, fala português. OMSS, *Joaquim Távora/PR; 46. – BA. 02.08.90.
- 089 SIQUEIRA CAMPOS 1929: 208 km²; 14.226 hab.: 9.024 – 5.202; lusos. – JACARÉ DE CIMA 1930: 14 km, 75 fam., lusos; agricultura e gado leiteiro. SJC, 43, semi-alf., agricultor, *Ibaiti/PR, 43, fala português. VLAC, *Jacaré de Cima; sempre. Pais *Siqueira Campos e Salto do Itararé/PR. ALA, 62, alf., fala português. *Salto Bonito (Siqueira Campos)/PR, 53, Salto Bonito (Siqueira Campos)/PR, 9, fala português. MAA, *Siqueira Campos/PR; sempre. Pais *Santana do Itararé/PR e Salto Bonito (Siqueira Campos)/PR. – JLM. 04.09.91.
- 091 SÃO JERÔNIMO DA SERRA 1920: 727 km²; 13.280 hab.: 4.899 – 8.381; lusos, alem., indígenas, ital., jap. – BAIRRO RETA GRANDE 1915: 10 km, 25 fam., lusos; agropecuária. SPO, 59, 1ª série, agricultor, *Bairro Reta Grande (São Jerônimo da Serra)/PR, 59, fala português. MLO, *Santa Bárbara do Rio Pardo/SP. Pais *SP e PR. – BA. 05.09.91.
- 093 CURIÚVA 1947: 567 km²; 10.105 hab.: 3.991 – 6.514; lusos, esp. – CACHOEIRA 1934: 8 km, 75 fam., lusos; agropecuária. PBM, 66, analf., agricultor, *Cachoeira, 66, fala português. HDM, *Ventania (Tibagi)/PR; 47. Pais *Piraí do Sul/PR. – BA. 19.07.90.
- 094 IBAITI 1947: 861 km²; 26.044 hab.: 15.264 – 10.780; lusos. – BAIRRO RIBEIRÃO DO ENGANO 1930: 25 km, 38 fam., lusos; agropecuária. JPS, 35, analf., agricultor, *Bairro Ribeirão do Engano (Ibaiti)/PR, 35, fala português, “paranaense”. MBSS, *Bairro Ribeirão do Engano (Ibaiti)/PR; sempre. Pais *Ibaiti/PR. – BA. 04.09.91.
- 100 SÃO JOSÉ DA BOA VISTA 1960: 450 km²; 8.496 hab.: 3.306 – 5.190; lusos. – FAZENDA SANTA CRUZ 1924: 4 km, 125 fam., lusos; agropecuária. ACS, 66, 1º grau inc., agricultor, *Fazenda Santa Cruz (São José da Boa Vista)/PR, 66, fala português. MCS, *Fazenda Santa Cruz (São José da Boa Vista)/PR; sempre. Pais *Jataí/PR e Fazenda Santa Cruz (São José da Boa Vista)/PR. – JLM, BA e RPB. 01.08.90.
- 106 RONDON 1954: 450 km²; 8.635 hab.: 4.257 – 4.378; lusos. – COMUNIDADE SANTA ROSA 1947: 7 km, 50 fam., lusos; agropecuária. ONB, 41, 2ª série, dona de casa, (lavradora), *Santa Luzia/SP, 34, Santa Luzia, 7, fala português. DVB, *Barbaúna/SP; 35. Pais *São Sebastião do Paraíso/MG. – CR. 23.06.90.
- 107 ICARAÍMA 1961: 733 km²; 11.965 hab.: 6.707 – 5.258; lusos, ital., jap. – ÁGUA DA ONÇA 1955: 15 km, 10 fam., lusos; agricultura, pecuária. GC, 40, 4ª série, agricultor, (motorista), *São Paulo/SP, 32, São

- Paulo/SP, 8, fala português. MALC, *PE; 30. Pais *Rio Branco/BA e interior de São Paulo. – CR. 25.05.90.
- 114 **CIANORTE** 1955: 773 km²; 49.849 hab.: 37.852 – 11.997; lusos, ital., esp., jap. – CAPELA SANTA RITA 1943: 20 km, 10 fam., lusos; agricultura. RIMM, 28, 1º grau inc., dona de casa, *Cianorte/PR, 28, fala português. APM, *Cianorte/PR; 30. Pais *SP. – CR. 31.05.90.
- 118 **UMUARAMA** 1960: 2.911 km²; 100.185 hab.: 77.486 – 22.699; lusos. – GLEBA II 1962: 18 km, 20 fam., lusos; agropecuária. AVC, 29, 3ª série, agricultor, (comerciante), *Guaraci/PR, 15, Estrada Vermelha (Umuarama)/PR, 14, fala português. IC; 16. Pais *Vitória da Conquista/BA. – CR. 17.05.91.
- 122 **ALTÔNIA** 1966: 741 km²; 24.590 hab.: 11.924 – 12.666; lusos. – BAIRRO PÉ DE GALINHA 1951: 10 km, 300 fam., lusos; agricultura, sericultura, (fabriqueta de rapadura). PPC, 28, 1º grau inc., agricultor, *Santa Fé/PR, 26, Santa Fé, 2, fala português. Pais *Birigüi/SP e Petrolina/PE. – BA. 14.11.91.
- 126 **ALTO PIQUIRI** 1960: 800 km²; 17.218 hab.: 11.671 – 5.547; lusos. – ÁGUA DA BANANEIRA 1949: 7,5 km, 25 fam., lusos; agricultura e gado para o gasto. JPSN, 27, alf., agricultor, (tratorista), *Água do Pinhal (Alto Piquiri)/PR, 21, Água do Pinhal e Sarinda (Alto Piquiri)/PR, 6, fala “a nossa língua aqui da região”. CABS, *Gleba 4 (Alto Piquiri)/PR. Pais *Nambau/MG e Rio Branco do Sul/PR. – JLM. 24.05.91.
- 132 **SÃO JORGE DO IVAÍ** 1954: 339 km²; 6.089 hab.: 4.299 – 1.790; lusos, polon. – ESTRADA DA PE-RIFERIA 1938: 1 km, 1.070 fam., lusos; agricultura. IARC. 26, analf., dona de casa, *São Jorge do Ivaí/PR, 26, fala português. FTC, *São Jorge do Ivaí/PR; 34. Pais *Caçapava/SP. – CR. 02.10.89.
- 135 **MARINGÁ** 1951: 509 km²; 240.135 hab.: 233.937 – 6.198; lusos, jap., ital., alem., ucran. – IGUATEMI 1947: 10 km, 1.000 fam., lusos; agricultura, usina de álcool e açúcar. ICG, 41, 1º grau inc., dona de casa, *Mandaguaçu/PR, 41, fala português. AG, *Rolândia/PR. Pais *Santa Rita/PR e Sertanópolis/PR. – CR. 26.09.89.
- 141 **MANDAGUARI** 1947: 343 km²; 28.084 hab.: 21.249 – 6.835; lusos, esp., ital., alem., jap., polon. – VINTE-DO-ALEGRE 1942: 20 km, 60 fam., lusos; agropecuária, (queijo). MSL, 47, 2ª série, dona de casa, (lavradora), *Picurubi/SP, 35, Picurubi/SP, 12, fala português. JL, *Ribeirão Preto/SP; 34. Pais *Franca/SP. – CR. 13.11.89.
- 142 **ENGENHEIRO BELTRÃO** 1954: 412 km²; 14.654 hab.: 8.368 – 6.286; lusos, alem., ital., jap. – IVAILÂNDIA 1962: 18 km, 400 fam., lusos; agricultura. DAP, 21, analf., agricultor, (calceteiro), *Rio Mourão (Ivailândia)/PR, 21, fala português. Pais *Jaguari/SP e Malacacheta/MG. – ELM. 09.08.91.
- 144 **ARARUNA** 1954: 468 km²; 12.370 hab.: 5.858 – 6.512; lusos, ital., esp. – SÃO MARTINHO 1946: 5 km, 50 fam., lusos; agropecuária, farinhas de mandioca. ALS, 41, 1º grau inc., agricultor, *São Martinho (Araruna)/PR, 41, fala português. ACS, *Jaguaruna/SC; 28. Pais *Criciúma/SC e Jaguaruna/SC. – BA. 22.08.91.
- 148 **MOREIRA SALLES** 1960: 391 km²; 17.013 hab.: 10.233 – 6.780; lusos. – ÁGUA DO GUABIJU 1921: 18 km, 37 fam., lusos; agropecuária, queijos para a venda. VMM, 29, 1º grau inc., agricultor, *Água do Gabiju (Moreira Sales)/PR, 29, fala português. SMPM, *Vila Gianelo (Moreira Sales)/PR; 8. *Vila Gianelo (Moreira Sales)/PR; 16. Pais *Guaxupé/MG. – BA. 21.08.91.
- 150 **CAMPO MOURÃO** 1947: 1.056 km²; 82.280 hab.: 72.302 – 9.978; lusos, polon. – ÁGUA DO MEIO 1938: 30 km, 9 fam., lusos; agricultura. JH, 27, 3ª série, agricultor, *Água do Meio, 27, fala português. Pais *Irati/PR e Pitanga/PR. – CR. 29.11.90.
- 151 **BARBOSA FERRAZ** 1960: 520,4 km²; 18.366 hab.: 10.860 – 7.506; lusos, ital. – TEREZA BREDA 1950: 15 km, 250 fam., lusos; agricultura. JAS, 22, alf., agricultor, *Tereza Breda (Barbosa Ferraz)/PR, 22, fala português. LF, *São João/PR; 6. Pais *São Manoel do Mutum/MG e Ivaiporã/PR. – ELM. 10.08.91.
- 152 **GOIO-ERÊ** 1955: 1.100 km²; 45.104 hab.: 29.827 – 15.277; lusos, jap., ital. – JÓIA 1951: 3 km, 20 fam., lusos; agricultura. JBS, 46, alf., agricultor, *Poté/MG, 24, Poté/MG, 5, Ibancori (Goio-Erê)/PR, 14, Alto Piquiri/PR, 3, fala português. APS, *Peixe Branco (Goio-Erê)/PR; 24. Pais *Poté/MG e Região de Poté/MG. – CR. 13.11.90.
- 155 **UBIRATÃ** 1960: 671 km²; 26.830 hab.: 18.314 – 8.516; lusos. – COMUNIDADE SÃO JOÃO 1950: 8 km, 25 fam., lusos; agricultura, pecuária. WAS, 30, 1º grau inc., agricultor, *Com. São João (Ubiratã)/PR, 30, fala “paranaense” e português. RFGS, *Ubiratã/PR; 8. Pais *São José de Botelho/MG. – BA. 29.08.90.
- 158 **RONCADOR** 1960: 727 km²; 17.573 hab.: 5.995 – 11.578; lusos, ucr., polon. – BARRO PRETO 1957: 3 km, 120 fam., ucranianos; agropecuária, (rapadura, melado, açúcar mascavo e vassoura). VV, 43, 3ª série, agricultor, *Barro Preto (Roncador)/PR, 43, fala “brasileiro” e um pouco de ucraniano. ARV, *Cândido de Abreu/PR; 21. Pais *Marrecas (Prudentópolis)/PR. – JLM. 29.08.90.

- 160 **APUCARANA** 1943: 563 km²; 94.914 hab.: 85.941 – 8.973; lusos, ital., ucran., jap. – **SÃO PEDRO DA TAQUARA** 1936: 25 km, 120 fam., lusos; agricultura. SMF, 46, 4ª série, motorista, *Apucarana/PR, 46, fala português. MLF, *Apucarana/PR; 26. País *Barra Bonita (Ibaiti)/PR. – VAA. 06.11.91.
- 167 **MARILÂNDIA DO SUL** 1951: 550 km²; 13.749 hab.: 7.794 – 5.955; lusos, alem. – **MARILÂNDIA DO SUL** 1942: (-), 1.950 fam., lusos; agricultura. AJM, 28, 1º grau inc., agricultor, *Rio Bom/PR, 21, Rio Bom/PR, 7, fala português. CMM, *Rio Bom/PR. País *Brasópolis/MG. – JLM. 22.03.91.
- 171 **BORRAZÓPOLIS** 1952: 443 km²; 11.450 hab.: 5.453 – 5.997; lusos, ital., alem., polon. – **BAIRRO FOGUEIRA** 1941: 16 km, 500 fam., lusos; agropecuária, (açúcar, rapadura, farinha e vinho de jabuticaba). MMCC, 33, 1º grau inc., agricultora, *Bairro Fogueira (Borrazópolis)/PR, 33, fala português. EC, *Santo Inácio/PR; 35. País *Janauba/MG e Monte Sião/MG. EC, 36, 1º grau inc., agricultor, *Santo Inácio/PR, 35, Santo Inácio/PR, 1, fala português. MMCC, *Bairro Fogueira (Borrazópolis)/PR; 33. País *SP. – BA. 22.03.91.
- 172 **FAXINAL** 1951: 951 km²; 19.922 hab.: 11.101 – 8.821; lusos. – **BAIRRO DO RIBEIRO** 1931: 15 km, 37 fam., lusos; agricultura. AVG, 59, 1º grau inc., agricultor, *Bairro dos Ribeiro (Faxinal)/PR, 59, fala português, brasileiro. ATG, *Serra do Leão (Ortigueira)/PR; 39. País *Cerro Azul/PR e Ribeira/PR. – RS. 04.07.91.
- 175 **GRANDES RIOS** 1967: 1.009 km²; 12.158 hab.: 4.333 – 7.825; lusos. – **ROSÁRIO DO IVAÍ** 1951: 34 km, 500 fam., lusos; agropecuária. IVS, 24, 1º grau inc., serviços gerais e tratorista, *Rosário do Ivaí (Grandes Rios)/PR, 24, fala português. MBSS, *Califônia/PR; 18. – IP. 03.08.91.
- 176 **IVAIPORÃ** 1960: 915 km²; 45.572 hab.: 27.930 – 17.642; lusos, ital., jap., ucran.. – **ALTO PORÃ** 1948: 13 km, 170 fam., lusos; agropecuária. JT, 58, analf., agricultor, *Ivaiporã/PR, 53, sede de Ivaiporã/PR, 5, fala português. HT, *Cândido de Abreu/PR; 53. País *Ribeira/PR. – MEO e RAM. 28.04.91.
- 177 **GUAÍRA** 1951: 517 km²; 29.971 hab.: 22.757 – 7.214; lusos, ital., polon. – **SÍTIO DOS ITALIANOS** 1951: 20 km, 50 fam., italianos; agricultura. RAM, 31, 1º grau inc., agricultor, *Terra Boa/PR, 30 anos e 6 meses, Terra Boa/PR, 6 meses, fala português. ADM, *Guaíra/PR; 9. País *SP e SC. – BA. 24.05.91.
- 179 **PALOTINA** 1960: 1.079 km²; 30.610 hab.: 19.658 – 1.500; ital., alem., lusos. – **SÃO CAMILO** 1954: 15 km, 375 fam., alemães; agricultura, pecuária de leite. AH, 33, 1º grau inc., agricultor, *São Camilo (Palotina)/PR, 33, fala português. DAH, *Icaraíma; 25. País *Santa Cruz do Sul/RS. – BA. 20.02.90.
- 185 **MARECHAL CÂNDIDO RONDON** 1960: 1.206 km²; 49.341 hab.: 26.425 – 22.916; alem., lusos, ital. – **NOVO TRÊS PASSOS** 1950: 12 km, 175 fam., alemães; agricultura, pecuária, feccularia e moinho. SLW, 30, 1º grau inc., agricultor, (eletricista), *Novo Três Passos (Mal. Cândido Rondon)/PR, 30, fala alemão e português. RFW, *Santo Ângelo/RS; 20. País *Lajeado/RS. – BA. 22.02.90.
- 186 **TOLEDO** 1951: 1.494,2 km²; 94.857 hab.: 72.380 – 22.477; ital., alem., polon. – **BOA VISTA** 1945: 10 km, 200 fam., italianos; agricultura, suinocultura, avicultura, serraria. EG, 29, 1º grau inc., agricultor, (suinocultor, proprietário de serraria), *Boa Vista (Toledo)/PR, fala português, (entende alemão). RG, *Júlio de Castilhos/RS; 8. País *Florianópolis/SC. – JLM. 23.05.91.
- 190 **SANTA HELENA** 1967: 1.238 km²; 18.850 hab.: 6.500 – 12.350; ital., alem., lusos, polon. – **SANTA HELENA VELHA** 1921: 14 km, 75 fam., italianos; agropecuária, suinocultura e olaria. RMB, 46, 1º grau inc., agricultor, *Santa Helena Velha (Santa Helena)/PR, 46, (-), fala português, espanhol e italiano. SB, *Encantado/RS; 26. País *Garibaldi/RS e Cachoeira do Sul/RS. – BA. 23.05.91.
- 192 **CÉU AZUL** 1966: 1.159 km²; 10.573 hab.: 5.820 – 4.753; ital., lusos, polon. – **MARCA EVA** 1952: 25 km, 150 fam., italianos; agropecuária, suinocultura, (melado e açúcar de cana). VCB, 34, 1º grau inc., agricultor, (tratorista), *Rio Botu (Céu Azul)/PR, 29, Rio Botu (Céu Azul)/PR, 4, Cascavel, 1, fala português e “vêneto”. GFB, *Tapejara/RS; 21. País *São Francisco de Paula/RS e Getúlio Vargas/RS. – BA e JLM. 28.11.90.
- 193 **CASCADEL** 1951: 2.060,4 km²; 192.884 hab.: 177.668 – 15.216; lusos, ital., alem. – **RIO D’OESTE** 1938: 38 km, 75 fam., lusos; agropecuária, descascador de arroz. FCO, 33, 1º grau inc., agricultor, *Rio D’Oeste (Cascavel)/PR, 33, fala português. PO, *Central (Cascavel); 16. País *Lajati (Catanduvas)/PR e Cedro (Laranjeiras do Sul)/PR. – BA. 21.02.90.
- 194 **MEDIANEIRA** 1960: 642 km²; 38.629 hab.: 29.538 – 9.091; ital., lusos, alem. – **LINHA COLOMBO** 1945: 3,5 km, 25 fam., italianos; agropecuária, suinocultura, (atafona e melado). AC, 37, alf., agricultor, (carpinteiro), *Medianeira/PR, 37, fala português e “vêneto”. LC, *Marau/RS; 22. País *Nova Milano (Farroupilha)/RS. – JLM. 29.11.90.
- 197 **GUARANIAÇU** 1951: 1.581,7 km²; 25.996 hab.: 8.610 – 17.386; lusos, ital., polon. – **BARREIRO** 1930: 22 km, 125 fam., lusos; agricultura, pecuária.

- 240 **RIO BRANCO DO SUL** 1947: 1.081 km²; 38.225 hab.: 23.671 – 14.554; lusos, ital., alem. – **BETARA** 1933: 18 km, 50 fam., lusos; produção de cal, cimento e calcário. SA, 59, 1º grau inc., agricultor, *Betara/Itaperuçu (Rio Branco do Sul)/PR, 59, fala português e “bugre” (algumas palavras). TA, *Tranqueira (Almirante Tamandaré)/PR; 28. Pais *Barteza (Rio Branco do Sul)/PR e Betara (Rio Branco do Sul)/PR. – BA. 19.09.89.
- 241 **BOCAIÚVA DO SUL** 1871: 1.489 km²; 10.604 hab.: 3.239 – 7.365; lusos, ital., alem. – **OURO FINO** 1926: 10 km, 75 fam., lusos; agropecuária, apicultura, reflorestamento, serrarias e cal, (fábrica de caixas de abelha). PCJ, 49, 1º grau inc., agricultor, (apicultor), *Ouro Fino (Bocaiúva do Sul)/PR, 49, fala “brasileiro”. TCJ, *Passa Vinte (Bocaiúva do Sul)/PR; 47. Pais *Bocaiúva do Sul/PR. TCJ, 47, analf., fala “lavradora”, (apicultora), *Passa Vinte (Bocaiúva do Sul)/PR, 47, fala “brasileiro”. PCJ, *Ouro Fino (Bocaiúva do Sul)/PR; 49. Pais *Passa Vinte (Bocaiúva do Sul)/PR. – BA, RS e ELM. 27.06.91.
- 246 **CAMPO LARGO** 1870: 1.289 km²; 72.347 hab.: 53.767 – 18.580; ital., lusos, polon. – **LAJEADO GRANDE** 1901: 40 km, 25 fam., lusos; agricultura, reflorestamento. CLA, 52, 1º grau inc., agricultor, *Lajeado Grande (Campo Largo)/PR, 52, fala português. SA, *Barro Branco (Rio Branco do Sul)/PR; 48. Pais *Tacaniça (Rio Branco do Sul)/PR e Lajeado (Campo Largo)/PR. – BA e JLM. 30.08.91.
- 247 **CURITIBA** 1693: 431 km²; 1.313.094 hab.: 1.313.094; lusos, ital., polon., alem. – **SANTA FELICIDADE** 1878: 9 km, 4.000 fam., italianos; restaurantes, indústrias de móveis, (artesanato de vime). AJE. 59, 1º grau inc., agricultor, (verdureiro), *Santa Felicidade (Curitiba)/PR, 58, Santo Inácio (Curitiba)/PR, 1, fala português e “vêneto”. LME, *São Braz (Curitiba)/PR; 32. Pais *Santa Felicidade (Curitiba)/PR. – RPB. 01.10.89.
- 250 **ARAUCÁRIA** 1890: 486 km²; 61.767 hab.: 54.074 – 7.693; polon. – **CAMPINA DAS PEDRAS** 1899: 7 km, 125 fam., poloneses; agricultura, suinocultura, avicultura. BG, 53, 1º grau inc., lavrador, *Campina das Pedras (Araucária)/PR, 53, fala português e polonês. CPG, *Campestre (Araucária)/PR; sempre. Pais *Araucária/PR. – BA. 23.11.89.
- 251 **SÃO JOSÉ DOS PINHAIS** 1852: 976 km²; 128.170 hab.: 111.915 – 16.255; lusos, ital., eslav. – **CONTENDA** 1852: 22 km, 550 fam., eslavos; agricultura. MK, 64, alf., agricultor, *Contenda (São José dos Pinhais)/PR, 64, fala português e ucraniano. AFK, *Contenda (São José dos Pinhais)/PR; sempre. Pais *Ucrânia. – JLM, RPB e VL. 20.09.89.
- 255 **TIJUCAS DO SUL** 1951: 705 km²; 10.213 hab.: 1.272 – 8.941; lusos, polon. – **CAMPESTRE** 1945: 8,5 km, 110 fam., lusos; agricultura, mate, pecuária, (farinha de milho). OAF, 71, alf., agricultor, *Salto da Boa Vista (Tijucas do Sul)/PR, 61, Tabatinga (Tijucas do Sul)/PR, 10, fala “brasileiro”. SFF, *Tabatinga (Tijucas do Sul)/PR; 48. Pais *Salto da Boa Vista (Tijucas do Sul)/PR e Tabatinga (Tijucas do Sul)/PR. – BA e JLM. 05.10.89.
- 258 **GUARAQUEÇABA** 1947: 2.000 km²; 7.751 hab.: 1.733 – 6.018; lusos. – **TAGAÇABA** 1933: 40 km, 125 fam., lusos; agricultura, pecuária, pesca, (farinha de mandioca, melado, cestaria). NR, 62, alf., agricultor, (comerciante), *Açungui (Guaraqueçaba)/PR, 37, Açungui (Guaraqueçaba)/PR, 25, fala português. LLR, *Açungui (Guaraqueçaba)/PR; 25. Pais *Serrana (Registro)/SP e Açungui (Guaraqueçaba)/PR. – JLM. 12.07.91.
- 261 **PARANAGUÁ** 1648: 802 km²; 107.601 hab.: 94.632 – 12.969; lusos, ital., alem. – **RIO DAS PEDRAS** 1858: 20 km, 130 fam., lusos; agropecuária, olaria, (farinha de mandioca e melado). ALA, 66, 1º grau inc., agricultor, *Rio das Pedras (Paranaguá)/PR, 66, fala português. NMFA, Paranaguá/PR; 40. Pais *Rio das Pedras (Paranaguá)/PR. – JLM e BA. 05.09.89.
- 262 **PARANAGUÁ** 1648: 802 km²; 107.601 hab.: 94.632 – 12.969; lusos, ital., alem. – **COLÔNIA PEREIRA** 1881: 30 km, 50 fam., lusos; agricultura, (farinheiras, artesanato de cipó). AM, 62, 1º grau inc., agricultor, (farinheiro), *Colônia Pereira (Paranaguá)/PR, 62, fala “brasileiro”. LFM *Colônia Pereira (Paranaguá)/PR; sempre. Pais *Colônia Pereira (Paranaguá)/PR. – BA. 02.05.91.
- 263 **GUARATUBA** 1947: 1.372 km²; 17.986 hab.: 14.012 – 3.974; lusos, ital. – **SESMARIA DO RIO DO MELO** 1925: 53 km, 55 fam., lusos; agropecuária, (farinha de mandioca, aguardente de cana). JF, 57, alf., administrador de fazenda, *Taquaruvu (Guaratuba)/PR, 55, Garuva/SC, 2, fala português. ML, *Rio do Melo (Guaratuba)/PR; Pais *Taquaruvu (Guaratuba)/PR e Jundiquara (Guaratuba)/PR. – JLM e BA. 13.09.89.
- 264 **CAPANEMA** 1952: 374 km²; 19.372 hab.: 7.935 – 11.437; ital., alem., polon. – **SÃO LUÍS** 1930: 14 km, 300 fam., italianos; agricultura, pequena pecuária, (derivados de cana-de-açúcar). PHS, 36, 4º série, agricultor, *Chapecó/SC, 35, Chapecó/SC, 1, fala “brasileiro” e italiano. LSS, *Humaitá/RS; 20. Pais *Sarandi/RS. – BA e JLM. 17.10.90.
- 271 **AMPÉRE** 1961: 375 km²; 13.186 hab.: 6.009 – 7.177; ital., alem. – **LINHA FURLAN** 1951: 6 km, 60 fam., italianos; agropecuária, avicultura, suinocultura, (soque de erva-mate). HAM, 34, 1º grau inc., agricultor, (suinocultor), *Aratiba/RS, 32,

- Aratiba/RS, 2, fala português e italiano (um pouco). CTRM, *Ampere/FR, 21. País *Caxias do Sul/RS. – BA. 29.01.91.
- 277 **SÃO JOÃO** 1960: 227 km²; 13.661 hab.: 4.773 – 8.888; ital., lusos, alem., polon. – SANTA RITA 1951: 17 km, 18 fam., italianos; agricultura, pecuária de leite, (açúcar mascavo). EVS, 28, 1º grau inc., agricultor, (carpinteiro, pedreiro), *Santa Rita (São João)/PR, 28, fala português. DGS, *Francisco Beltrão/PR; 6. País *Chopinzinho/PR e Passo Fundo/RS. – BA. 10.07.91.
- 278 **CHOPINZINHO** 1954: 1.131,3 km²; 24.598 hab.: 8.284 – 16.314; ital., lusos, alem., polon. – SANTO ANTONIO 1911: 8 km, 50 fam., italianos; agricultura, pecuária. MAZ, 41, 1º grau inc., agricultor, *Capitel Santo Antonio (Chopinzinho)/PR, 41, fala “brasileiro” e italiano. LMZ, *Barreirinho (Sarandi)/PR; 3. País *sede de Paim Filho/RS e SC. – BA. 30.01.91.
- 281 **BARRAÇÃO** 1951: 436 km²; 14.676 hab.: 4.491 – 10.185; ital., lusos, alem. – LINHA BUGANÇA 1920: 32 km, 625 fam., italianos; agricultura, marcenaria, ferraria. DS, 38, 1º grau inc., agricultor, *Campos Novos/SC, 36, Campos Novos/SC, 2, fala português. ES, *Nonoai/RS; 20. País *Barril/RS e Passo Fundo/RS. – BA. 18.10.90.
- 283 **FRANCISCO BELTRÃO** 1951: 777 km²; 61.259 hab.: 45.612 – 15.647; ital., lusos, alem. – LINHA LISTÃO 1940: 18 km, 50 fam., italianos; agropecuária, suinocultura, (fábrica de açúcar mascavo). LAP, 33, 1º grau inc., agricultor, *Linha Listão/Nova Concórdia (Francisco Beltrão)/PR, 33, fala português. ZAP, *Alto Verê (Verê)/PR; 10. País *Araguariá/SC. – BA. 19.09.90.
- 284 **MARMELEIRO** 1960: 535 km²; 17.110 hab.: 5.762 – 11.348; ital., lusos, alem., polon. – LINHA JANDIRA 1947: 20 km, 23 fam., italianos; agropecuária, suinocultura. SFO, 34, 1º grau inc., agricultor, *Linha Jandira (Marmeleiro)/PR, 34, fala português. RO, *Linha Jandira (Marmeleiro)/PR; sempre. País *Linha Jandira (Marmeleiro)/PR. – JLM. 06.11.91.
- 287 **PATO BRANCO** 1951: 755 km²; 55.667 hab.: 44.403 – 11.264; lusos, ital., alem. – FAZENDA DA BARRA 1938: 6 km, 100 fam., italianos; agropecuária, fábrica de papel. VOT, 34, 1º grau inc., agricultor, *Fazenda da Barra (Pato Branco)/PR, 34, fala português. CT, *Aratiba/RS; 13. País *Paim Filho/RS e RS. – VL e AMB. 10.03.90.
- 290 **CLEVELÂNDIA** 1892: 649 km²; 18.061 hab.: 13.352 – 4.709; lusos, ital. – FAZENDA MORAIS 1930: 15 km, 125 fam., lusos; agricultura, pecuária. HQ, 65, 1º grau inc., agricultor, *Passo do Leão (Clevelândia)/PR, 41, Passo do Leão (Clevelândia)/PR, 24, fala “brasileiro”. MSG, *Palmeira das Missões/RS; 50. País *Clevelândia/FR e Palmas/FR. – BA. 24.05.90.
- 291 **PALMAS** 1877: 2.860 km²; 35.233 hab.: 24.871 – 10.362; lusos, ital. – IRATIM 1910: 53 km, 75 fam., lusos; agropecuária, extração de madeira e ervamate, fruticultura. JMAT, 54, alf., agricultor, *Iratim (Palmas)/PR, 54, fala português. TFT, *Mangueirinha/PR; 43. País *RS e Iratim (Palmas)/FR. – BA. 25.05.90.
- 293 **GENERAL CARNEIRO** 1961: 916 km²; 11.287 hab.: 6.079 – 5.208; lusos, polon., ital., alem. – CAMPINA DO TIGRE 1941: 55 km, 25 fam., eslavos; agropecuária, ovinocultura, madeira e carvão. PS, 55, 3ª série, pecuarista, (motorista), *Campina do Tigre (General Carneiro)/PR, 55, fala “brasileiro”. VAMS, *Hercilópolis/SC; 26. País *Polônia e Jangada do Sul (General Carneiro)/PR. – JLM. 20.09.91.
- 296 **UNIÃO DA VITÓRIA** 1890: 796 km²; 43.948 hab.: 40.143 – 3.805; lusos, alem., polon., ucr., ital. – RIO VERMELHO 1910: 26 km, 125 fam., lusos; agropecuária. AG, 66, alf., agricultor, *Faxinal dos Marianos (União da Vitória)/PR, 66, fala português. ALG, *Faxinal dos Marianos (União da Vitória)/PR; 42. País *SC e Faxinal dos Marianos (União da Vitória)/PR. – BA. 31.05.90.

7.2 - Santa Catarina

- 401 **DIONÍSIO CERQUEIRA** 1953: 409 km²; 3.673 hab.: 5.231 – 8.42; ital., alem., lusos. – SÃO PEDRO TOBIAS 1920: 21 km, 150 fam., lusos; lavoura, pecuária (ferraria). – MF, 34, 4ª série, agricultor, *Guaraciaba, 32, fala português; ES, *Criciumal, RS, 31; país *Santa Maria (RS). – OF. 17-07-90.
- 403 **SÃO JOSÉ DO CEDRO** 1958: 422 km²; 17.677 hab.: 5.832 – 11.845; ital., alem., lusos. – SANTO ISIDORO 1920: 23 km, 50 fam., italianos; agricultura (olaria). – EDB, 75, analf., agricultor (carpinteiro), *Antônio Prado (RS), 60, em Tapejara (RS) 15, fala italiano e português, EV, *Estado do RS, 40; país *Caxias do Sul (RS). – OF. 18-07-90.
- 405 **CAMPO ERÊ** 1958: 931 km²; 26.264 hab.: 6.391 – 19.873; alem., ital., lusos. – CAMPO GRANDE 1935: 27 km, 50 fam., lusos; agricultura. – ACR, 38, 4ª série, agricultor, *Campo Grande, 37, fala português; país *São Sebastião do Caí (RS) e Dois Irmãos (RS). – OF. 16-07-90
- 406 **SÃO LOURENÇO DO OESTE** 1958: 585 km²; 23.152 hab.: 10.149 – 13.003; ital., lusos. – NOVA GUAÍRA, 1920: 20 km, 200 fam., lusos; agricultura, (madeira, comércio). – FLR, 58, analf., agricultor,

- *Nova Guaíra, 58, fala português, CMC, *Curitubanos. País *Encantado (RS). – OF. 15-07-90.
- 409 **ABELARDO LUZ** 1958: 1.421 km²; 19.240 hab.: 6.701 – 12.539; ital., lusos. **IPUAÇU** 1955: 18 km, 140 fam., ital.: agricultura, (comércio, oficinas mecânicas). – AJR, 68, analf., agricultor, *Lajeado (RS), 40, fala português e entende italiano. DMB, *Erechim (RS), 38; país *Encantado (RS). OF. 14-07-90.
- 413 **SÃO MIGUEL D'OESTE** 1953: 583 km²; 42.247 hab.: 25.633 – 16.603; ital., alem., lusos, polonêses. – BANDEIRANTE 1935: 15 km, 220 fam., italianos; lavoura (fábrica de móveis, indústria de laticínios). – RS, 34, 4a série, agricultor, *Bandeirantes, 34, fala português e italiano; CS, *Encantado (RS), 30; país *Montenegro (RS). – OF. 19-07-90.
- 415 **MARAVILHA** 1958: 314 km²; 24.111 hab.: 12.174 – 11.937; alem., ital., lusos. **ARAÇÁ** 1965: 6 km, 50 fam., alemães; lavoura, suinocultura, aviários, pecuária (serraria). – AH, 48, 1ª série, agricultor, *Gramado (RS), 27, fala alemão e português; IA, *Tapejara (RS), 45; país *Gramado (RS). – OF. 22-06-90.
- 422 **CORONEL FREITAS** 1961: 399 km²; 11.882 hab.: 3.853 – 8.029; ital., lusos. – VILA CAIRU 1940: 18 km, 130 fam., italianos; lavoura (loja, olaria, bar, mercado). – JF, 45, 2ª série, agricultor, *Guaporé (RS), 43, fala italiano e português; NTC, *Cairu, 44; país *Mussum (RS). – OF. 23-07-90.
- 424 **XANXERÊ** 1953: 594 km²; 37.447 hab.: 27.690 – 9.757; ital., alem., lusos. – CAMBUINZAL 1930: 13 km, 600 hab., italianos; lavoura. – JM, 48, 4ª série, agricultor, *Cambuinzal, 48, fala “brasileiro” e italiano; IM, *Faxinal dos Guedes, 40; país *Montenegro (RS). – OF. 07-02-90.
- 426 **ITAPIRANGA** 1953: 534 km²; 21.363 hab.: 5.360 – 16.003; alem., lusos. – SÃO JOÃO 1920, distrito: 23 km, 4.000 hab., alemães; agricultura (laticínios, madeiras, fábrica de móveis). – AVE, 73, 1ª série, agricultor, avicultor, *Estrela (RS), 51, fala português e alemão; *Anta Gorda (RS), 49; país *Silésia (Alemanha) e São Leopoldo (RS). – OF. 20-07-90.
- 429 **PALMITOS** 1953: 372 km²; 17.74 hab.: 6.847 – 10.887; ital., lusos, alem.. – SANTA LÚCIA 1920: 4,5 km, 280 fam., italianos; lavoura (serraria, recapeadora de pneus, oficina mecânica). – VR, 41, 4ª série, agricultor, *Linha Santa Lúcia, 41, fala português e italiano; VB, *Linha Santa Lúcia, 40; país *Erechim (RS). – OF. 21-07-90.
- 433 **CHAPECÓ** 1917: 990 km²; 122.889 hab.: 96.599 – 26.790; ital., lusos, outros. – MARECHAL BÖRMANN 1900: 12 km, 500 fam., lusos; avicultura, suinocultura, lavoura (serraria). – JD, 56, 4ª série, agricultor, avicultor, *Marechal Bórmann, 51, em Xaxim 5, fala português; DS, *Xaxim; país *São Leopoldo (RS). – OF. 23-06-90.
- 434 **PONTE SERRADA** 1958: 1.078 km²; 12.250 hab.: 5.541 – 6.709; ital., lusos. – CORONEL PASSOS MAIA 1930: 3 km, 180 fam., italianos; lavoura, pecuária, avicultura, suínos (serraria, fábrica de móveis). – DA, 63, analf., agricultor, *Guaporé (RS), 61, fala português e italiano; ECT, *Nova Bassano (RS), 33; país *Guaporé (RS). – OF. 14-07-90.
- 435 **ÁGUA DOCE** 1958: 1.521 km²; 7.126 hab.: 2.677 – 4.449; lusos, ital. – HERCILIÓPOLIS 1920: 40 km, 100 fam., lusos; lavoura, gado. – MGS, 60, analf., agricultor, *Limoeiro (município de Água Doce), 58, fala português; país *Vacaria (RS). – OF. 08-02-91.
- 438 **TREZE TÍLIAS** 1963: 158 km²; 4.021 hab.: 1.788 – 2.233; alem., lusos, ital. – LINHA SÃO BENTO 1940: 3 km, 30 fam., austríacos; lavoura, pecuária. – LA, 39, 4ª série, agricultor, *Treze Tílias, 39, fala italiano e português, LA, *Salvador do Sul, (RS), 28; país *Treze Tílias e Áustria. – OF. 14-02-91.
- 439 **VIDEIRA** 1943: 607 km²; 36.206 hab.: 27.501 – 8.705; ital., lusos, alem. – IOMERÊ 1920: 8 km, 5.000 hab., italianos; avicultura, viticultura, lavoura (fábrica de móveis). – RP, 40, 6ª série, agricultor, viticultor, *Iomerê, 40, fala português e italiano; LD, *Tangará, 20; país *Antônio Prado (RS). – OF. 13-02-91.
- 441 **CAÇADOR** 1934: 1.219 km²; 52.668 hab.: 43.477 – 9.191; ital., alem., lusos. – LINHA CARÁ 1920: 4 km, 90 fam., italianos; lavoura, avicultura. – VC, 51, 4ª série, agricultor, *Caçador, 51, fala italiano e português; HC, 45; país *Curitiba e (RS). – OF. 09-02-91.
- 447 **IRANI** 1963: 313 km²; 7.596 hab.: 3.297 – 4.299; ital., lusos, alem.. – CAMPINA DE SÃO LUÍS 1896: 01 km, 50 fam., lusos; agricultura (madeira). – AMF, 68, analfabeto, agricultor, *Irani, 68, fala português; IF, *Irani, 66; país *Guaporé (RS). – OF. 07-02-91.
- 448 **CONCÓRDIA** 1934: 1.196 km²; 64.298: 36.241 – 28.057; ital., alem., lusos. – SEDE BRUM 1930: 9 km, 70 fam., italianos; lavoura, suinocultura, avicultura (serraria). – HBS, 62, 5ª série, agricultor, fala português e italiano, *Bento Gonçalves (RS), 59; SS, *Lajeado, RS, 47; país *Bento Gonçalves (RS) e Guaporé (RS). – OF. 26-07-90.
- 452 **PERITIBA** 1963: 66 km²; 3.192 hab.: 1.052 – 2.140; alem., lusos. – LINHA GAÚCHA 1926: 04 km, 30 fam., alemães; lavoura (cooperativa). – FH, 60, 4ª série, agricultor, *Peritiba, 60, fala “alemão Hunsrück e brasileiro”; TH, *Peritiba, 58; país *RS. – OF. 15-02-91.

- 459 **JOAÇABA** 1917: 344 km²; 28.144 hab.: 23.213 – 4.931; ital., lusos, alem. – **SANTA CLARA BAIXA** 1920: 10 km, 30 fam., italianos; agricultura, avicultura (cooperativa). – DA, 57, 4ª série, agricultor, *Santa Clara Baixa, 56, fala português e italiano; DC, *Santo Antônio, município de Joaçaba; pais *Bento Gonçalves (RS). – OF. 14-02-91.
- 464 **PORTO UNIÃO** 1917: 947 km²; 29.798 hab.: 22.572 – 7.222; alem., pol., ital., bras. – **SANTA CRUZ DO TIMBÓ** 1900: 32 km, 10.000 hab., alemães; agricultura (fábrica de móveis). – AR, 32, 4ª série, agricultor, *Santa Cruz do Timbó, 32, fala “brasileiro” e entende alemão; JO, *Irineópolis, em Porto União; pais *Rio Negrinho e Porto União. – OF. 10-02-91.
- 467 **CANOINHAS** 1911: 1.453 km²; 55.229 hab.: 36.708 – 18.521; pol., alem. – **SALTO DA ÁGUA VERDE** 1910: 7 km, 120 fam., poloneses; lavoura (fumicultura), avicultura. – FP, 34, 4ª série, lavrador, *Salto da Água Verde, 34, fala português e polonês; LMV, *Salto da Água Verde, 33; pais *Estado do PR e Canoinhas (SC). – OF. 11-02-91.
- 470 **MONTE CASTELO** 1962: 604 km²; 8.605 hab.: 4.130 – 4.475; lusos, poloneses. – **ESCUTADOR** 1930: 16 km, 10.000 hab., lusos, agricultura (madeireiras). – BISF, 52, 4ª série, servidor público, lavrador, *Monte Castelo, 51, fala “brasileiro”; ID, *Papanduva, 30; pais *Papanduva e Itaiópolis. – FM. 01-11-90.
- 471 **PAPANDUVA** 1953: 727 km²; 16.222 hab.: 6.803 – 9.419; pol. e ucranianos, lusos, ital. – **RODEIOZINHO** 6 km, 40 fam., poloneses; lavoura (olaria, serraria, fábrica de linha). – PM, 64, 1ª série, agricultor (marcinaria), *Rodeiozinho, 64, fala ucraniano, polonês, “brasileiro” e entende italiano; FV, *Craveiro, em Papanduva, 40; pais *Itaiópolis. – FM. 02-11-90.
- 472 **ITAIÓPOLIS** 1918: 2.077 km²; 26.216 hab.: 7.487 – 18.729; pol., lusos. – **LINHA SÃO JOÃO** 1930: 7,5 km, 50 fam., poloneses; lavoura, sobretudo fumicultura (ferraria). – OD, 35, 4ª série, ferreiro” (lavrador), *Rio da Prata, município de Campo Alegre, 35, fala português e polonês; JU, *Itaiópolis, 20; pais *Campo Alegre. – FM. 02-11-90.
- 473 **MAFRA** 1870: 1.783 km²; 47.056 hab.: 32.963 – 14.093; poloneses., lusos, alemães, russos. – **LAGOA SECA** 1900: 25 km, 100 fam., poloneses; agricultura. – TR, 46, 4ª série, servidor público, (lavrador), *Lagoa Seca, 46, fala português e polonês; JR, *Mafra, 44; pais *Campo Alegre – FM. 03-11-90.
- 475 **SÃO BENTO DO SUL** 1883: 470 km²; 50.303 hab.: 45.071 – 5.232; alem., ital., lusos, polon. – **MATO PRETO** 1930: 6 km, 300 fam., alemães; lavoura (fábrica de móveis). – OM, 33, 4ª série, agricultor, *Mato Preto, 32, fala alemão dialetal e português; MLM, *Oxford, em São Bento do Sul, 32; pais *Mato Preto, em São Bento do Sul. – OF. 26-05-91.
- 477 **GARUVA** 1963: 651 km²; 8.771 hab.: 5.952 – 2.819; lusos, alem., pol., ital. – **SÃO JOÃO ABAIXO** 1920: 4 km, 6.000 hab., alemães; agricultura (madeireira, indústria de frutas, artesanato). – SP, 40, 4ª série, agricultor (mecânico de bicicletas) *Garuva, 40, fala português e alemão; MT, *Guaratuba (PR), 39; pais *Joinville. – HV e FM. 14-10-89.
- 478 **JOINVILLE** 1866: 1.183 km²; 346.332 hab.: 333.868 – 12.454; alem., franceses, lusos. – **BAIRRO FLORESTA** 1920: 8 km, 30.000 hab., lusos (indústria, comércio, supermercados). – AJS, 46, analf., motorista (auto-mecânico), *Barra Velha, 30 anos, fala português; EM, *Araquari, 18; pais *Barra Velha. – HV. 09-10-89.
- 480 **SÃO FRANCISCO DO SUL** 1660: 480 km²; 29.558 hab.: 27.308 – 2.250; lusos, outros. – **ENSEADA** 1920: 18 km, 1.500 hab., lusos; pesca e lavoura. – LFP, 66, 2ª série, pescador, *Enseada, 66, fala português; HM, *Acarai, em São Francisco do Sul, 60; pais *São Francisco do Sul. – HV. 28-10-89.
- 481 **CORUPÁ** 1958: 446 km²; 10.394 hab.: 7.266 – 3.128; alem., lusos, ital., pol. – **VILA ISABEL** 1900: 5,5 km, 2.000 hab., alemães; agricultura (climatizadora de bananas, comércio). – OW, 68, 4ª série, agricultor, construtor, *Canoinhas, 67, (1 a.), fala alemão e português; GV, *Massaranduba, 66, pais *Estado de Santa Catarina. – HV. 29-10-89.
- 485 **BARRA VELHA** 1961: 287 km²; 13.229 hab.: 10.590 – 2.539; lusos, outros. – **ITINGA PRIMEIRO** 1910: 2 km, 200 fam., lusos – açorianos; agricultura, pesca (construção civil). – MJM, 66, 2a. série, pedreiro, (agricultor), *Barra Velha, 65, fala português; IF, *Barra Velha; pais *Barra Velha. – HV e FM. 15-10-89.
- 486 **LEBON RÉGIS** 1958: 1.093 km²; 10.807 hab.: 4.426 – 6.381; lusos, alem., ital., polon. – **Bairro NOSSA SENHORA DE LURDES** 1940: 2 km, 40 fam., lusos; lavoura (fábrica de vasos xaxim). – ASS, 61, 2ª série, agricultor, *Anta Gorda, em Lebon Régis, 61, fala português; MJS, *Lebon Régis; pais *Santa Cecília e Lebon Régis. – OF. 12-02-91.
- 488 **CURITIBANOS** 1869: 1.885 km²; 42.179 hab.: 32.639 – 9.540; lusos, outros. – **PONTE ALTA DO NORTE** 1920: 4 km, 2.000 hab., lusos; agricultura (2 serrarias, comércio). – ONS, 66, analf., lavrador, *Urubici, 50, fala português; RMS, *Ponte Alta do Norte, 30; pais *Curitibanos. – OF. 05-02-91.

- 489 **CAMPOS NOVOS** 1881: 3.039 km²; 42.813 hab.: 23.864 – 18.949; lusos, alem., ital., polon. – TUPITINGA 1910: 25 km, 50 fam., lusos; agricultura, pecuária. – DS, 69, analf., lavrador, (bodegueiro, domador de gado), *Campos Novos, 61, fala português; *Campos Novos; pais *Campos Novos. – OF. 06-02-91.
- 490 **ANITA GARIBALDI** 1961: 781 km²; 11.021 hab.: 3.78 – 7.543; lusos. – SÃO JOSÉ 1920: 8,5 km, 3.000 hab., lusos; agricultura, pecuária. – AM, 45, 4ª série, agricultor, *Anita Garibaldi, 45, fala português, EM, *Lages, 20; pais *Anita Garibaldi e Campo Belo do Sul. – OF. 21-10-89.
- 491 **CAMPO BELO DO SUL** 1961: 1.370 km²; 12.813 hab.: 3.979 – 8.834; lusos. – ATANÁSIO PEREIRA 1910: 8 km, 10 fam., lusos; agricultura, pecuária (madeira). – VD, 43, 4ª série, lavrador, (comerciante de lã), *Atanásio Pereira, 43, fala português; DD, *Morro Agudo; pais *Campo Belo do Sul. – OF. 22-10-89.
- 492 **SÃO JOSÉ DO CERRITO** 1961: 912 km²; 11.596 hab.: 1.808 – 9.788; lusos, alem., ital. – FAZENDA NOVA 1910: 3 km, 2.500 hab., lusos; lavoura, pecuária (comércio). – JAS, 45, 4ª série, agricultor, (dono de bar), *Fazenda Nova, 45, fala português; MB, *Urussanga, 37; pais *São José do Cerrito. – OF. 03-02-91.
- 495 **OTACÍLIO COSTA** 1982: 1.219 km²; 14.580 hab.: 10.589 – 3.991; lusos, outros. – PALMEIRAS 1900: 11 km, 7.000 hab., lusos; lavoura (serriarias). – LJA, 39, 5ª série, agricultor (motorista, mini-mercadista), *Boa Vista, em Otacilio Costa, fala português; VLX, *Palmeira; pais *Lages. – OF. 04-02-91.
- 496 **MASSARANDUBA** 1961: 391 km²; 11.145 hab.: 3.698 – 7.447; ital., alem., polon., lusos. – BRAÇO CAMPINAS 1940: 8 km, 80 fam., italianos; agricultura. – EC, 54, 1ª série, agricultor, *Rodeio, 52, fala português, e italiano; GM, *Massaranduba; pais *Rodeio. – OF. 30-09-89.
- 497 **BENEDITO NOVO** 1961: 744 km²; 11.331 hab.: 4.021 – 6.310; ital., alem., polon., lusos. – RIBEIRÃO RIGO 1925: 3,5 km, 32 fam., italianos; agricultura (arrozais). – AC, 32, 4ª série, agricultor, vigia, *Doutor Pedrinho, 32, fala português e italiano; pais *Rodeio e Timbó. – OF. 25-08-91.
- 501 **LUÍS ALVES** 1958: 253 km²; 6.446 hab.: 1.561 – 4.885; alem., ital., lusos, pol. – BRAÇO FRANCÊS 1930: 12 km, 80 fam., alemães; lavoura, canaviais. – VR, 60, 3ª série, agricultor, *Braço Francês, 60, fala português e alemão; NV, *Luís Alves, 55; pais *Blumenau e Luís Alves. – OF. 29-09-89.
- 504 **RIO DO CAMPO** 1961: 377 km²; 6.819 hab.: 1.778 – 5.041; polon., lusos, outros. – RIO DA PRATA 1910: 25 km, 220 fam., poloneses; lavoura (madeiras, olarias). – EK, 46, 4ª série, lavrador, *Rio da Prata, 46, fala polonês e português; JK, *Rio da Prata, 42; pais *Itaiópolis. – OF. 25-08-91.
- 509 **RODEIO** 1936: 135 km²; 9.374 hab.: 6.059 – 3.315; ital., polon., lusos. – SÃO PEDRINHO 1890: 05 km, 40 fam., italianos; lavoura, sobretudo de arroz. – IF, 55, 4ª série, lavrador, *São Pedro, o Novo, 53, fala português e italiano-trentino; MD; pais *Rodeio. – OF. 27-05-91.
- 511 **BLUMENAU** 1880: 488 km²; 211.862 hab.: 186.227 – 25.635; alem., lusos, pol. – PASSO MANSO 1900: 15 km, 5.000 hab., alemães; lavoura (fábricas). – GG, 50, 3ª série, agricultor (açougueiro), *Blumenau, 49, fala alemão e português; IG, *Indaial; pais *Indaial e Blumenau. – OF. 26-05-91.
- 512 **GASPAR** 1934: 336 km²; 35.612 hab.: 23.361 – 12.251; alem, lusos. – MACUCO 1930: 12 km, 80 fam., alemães; lavoura (fábrica de ração). – FSS, 54, 3ª série, agricultor, *Gaspar, 53, fala português e alemão; CS; pais *Gaspar. – OF. 28-05-91.
- 514 **ITAJAÍ** 1859: 304 km²; 119.631 hab.: 114.556 – 5.073; lusos, ital., alem., polon. – SALSEIROS 1900: 11 km, 800 hab., lusos; agricultura (indústria). – MAM, 72, analf., agricultor, *Tijucas, 50, fala português; OAC, *Itajaí; pais *Tijucas. – OF. 16-09-89.
- 516 **CAMBORIÚ** 1884: 143 km²; 25.716 hab.: 23.449 – 2.267; lusos, ital., pol., alem. – BARRANCO 1910: 5 km, 50 fam., agricultura (extração de mármore e paralelepípedos, olarias). – MV, 42, analf., pedreiro, lavrador, *Barranco, 42, fala português; NL, *Camboriú; pais *Camboriú. – OF. 16-09-89.
- 517 **TAIÓ** 1948: 1.001 km²; 19.379 hab.: 7.835 – 11.544; ital., alem., lusos, pol. – BRAÇO DA ERVA 1920: 8 km, 50 fam., lusos; agricultura (serraria, marcenaria). – AP, 60, 4ª série, agricultor, *Grão Pará (SC), 50, fala português, OM, *Orleans, 46; pais *Grão Pará (SC). – OF. 06-10-89.
- 519 **IBIRAMA** 1934: 1.061 km²; 13.784 hab.: 9.657 – 4.127; alem., ital., lusos. – RIO SELIM 1890: 6 km, 260 fam., alemães; lavoura (fábrica de chocolate). – HT, 43, 4ª série, agricultor, moinheiro, *Rio Selim, 43, fala português, alemão e italiano; RT; pais *Ascurra e Ibirama. – OF. 08-10-89.
- 523 **RIO DO SUL** 1930: 177 km²; 45.668 hab.: 42.746 – 2.922; lusos, alem., ital., pol. – VILA BRÊMER 1910: 4 km, 2.000 hab., lusos (metalurgia, cerâmica, marcenarias). – IHR, 40, 2ª série, motorista, *Laurentino, 35, fala port.; JR, *Atalanta, 30; pais *Laurentino. – OF. 07-10-89.

- 529 **PORTO BELO** 1832: 134 km²; 11.626 hab.: 10.981 – 645; lusos, alem., ital. – **ARAÇÁ** 1800: 5 km, 1.500 hab., luso-açorianos; pesca (comércio pesqueiro). – SFM, 63, 2ª série, pescador, comerciante, *Araçá, 62, fala português; LA, *Araçá, 55; pais *Araçá. – OF. 17-09-89.
- 536 **ITUPORANGA** 1948: 495 km²; 21.162 hab.: 9.813 – 11.349; alem., ital, lusos. – Bairro **GABIROBA** 1970: 01 km, 150 fam., alemães; lavoura (oficina metalúrgica). – FM, 40, 4ª série, agricultor, soldador, *Ituporanga, fala português e alemão; BR, *Indaial, 28; pais *Braço do Norte e Petrolândia. – OF. 10-10-89.
- 537 **PRESIDENTE NEREU** 1961: 274 km²; 2.774 hab.: 774 – 2.000; alem., lusos, ital. – **PRESIDENTE NEREU** (sede) 1930: 774 hab., alemães; pecuária, lavoura, sobretudo fumicultura. – JLJ, 56, 5ª série, lojista (agricultor), *Presidente Nereu, 47, fala alemão e português; AB, *Tijucas, 33; pais *São José e Major Gercino. – OF. 09-10-89.
- 541 **NOVA TRENTO** 1892: 431 km²; 9.157 hab.: 5.238 – 3.919; ital. – **SALTO** 1900: 2 km, 20 fam., italianos; lavoura. – AT, 69, 4ª série, agricultor, (emendador de fios têxteis), *Brusque, 66, fala português e italiano, MB, *Nova Trento, 65; pais *Itália e Nova Trento. – OF. 30-05-91.
- 545 **GOVERNADOR CELSO RAMOS** 1963: 82 km²; 9.630 hab.: 7.471 – 2.159; lusos. – **PALMAS** 1890: 1 km, 1.000 hab., luso-açorianos; pesca e lavoura. – AJHM, 60, 3ª série, agricultor, pescador, *Palmas, 58, fala português; LM, *Palmas, 58; pais *Gov. Celso Ramos. – OF. 09-11-91.
- 548 **ANTÔNIO CARLOS** 1963: 205 km²; 5.625 hab.: 976 – 4.649; alem., lusos. – **ANTÔNIO CARLOS** (sede) 1890: 976 hab., alemães; agricultura (construção civil). – IPG, 58, 4ª série, broqueiro, *Antônio Carlos, 58, fala português e alemão, CA, *Biguaçu, 30; pais *Três Riachos, em Antônio Carlos. – HV, OF, FM, MGK. 26-08-89.
- 550 **SÃO JOSÉ** 1833: 274 km²; 139.318 hab.: 128.203 – 11.115; lusos, alem. – **SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA** 1900: 30 km, 3.000 hab., alemães; agricultura (engenhos de cana, madeira). – IC, 75, 4ª série, broqueiro, motorista de caminhão, *São Pedro de Alcântara, 75, fala português e alemão; LP, *São Pedro de Alcântara, 75; pais *São Pedro de Alcântara. – HV. 20-11-89.
- 551 **FLORIANÓPOLIS** 1726: 451 km²; 254.941 hab.: 239.566 – 15.375; lusos, alem., ital. e outros. – **COSTEIRA DO RIBEIRÃO** 1850: 15 km, 200 fam., luso-açorianos; pesca, lavoura (serviços turísticos). – APN, 57, 3ª série, lavrador e pescador, *Costeira do Ribeirão, 57, fala português, EV, *Costeira do Ribeirão, 55; pais *Costeira do Ribeirão. – HV. 25-11-89.
- 552 **ALFREDO WAGNER** 1961: 451 km²; 9.793 hab.: 2.157 – 7.636; alem., lusos. – **ÁGUAS FRIAS** 1920: 1 km, 50 fam., alemães; lavoura (serraria). – AG, 60, lavrador, *Alfredo Wagner, 60, fala port. e alemão; *Alfredo Wagner, 57; pais *Alfredo Wagner. – OF. 10-10-89.
- 555 **SANTO AMARO DA IMPERATRIZ** 1958: 338 km²; 13.323 hab.: 7.664 – 5.659; alemães, lusos. – **PAGARÁ** 1870: 8,5 km, 2.000 hab., lusos; lavoura, pecuária. – JJV, 77, 1ª série, lavrador, funcionário público, *Santo Amaro, 72, fala port., DR, *Pagará, 75; pais *São Pedro de Alcântara e Santo Amaro. – HV, OF, FM, MGK. 12-08-89.
- 559 **PAULO LOPES** 1961: 494 km²; 5.541 hab.: 2.828 – 2.713; lusos. – **PENHA**, 1890: 12 km, 1.000 hab., luso-açorianos; lavoura (serraria, olaria). – ASR, 60, 3ª série, lavrador (caminhoneiro), *Penha, 60, fala “brasileiro”; MD, *Garopaba, 20; pais *Nova Trento. – OF. 22-06-92.
- 561 **LAGES** 1770: 5.271 km²; 151.100 hab.: 138.445 – 12.655; lusos; italianos. – **PAINEL** 1840: 25 km, 140 fam., lusos; pecuária, lavoura (indústria de xaxim). – LAB, 60, 1ª série, lavrador, *Araçá, fala português; GPB, *Painel, 59; pais *Araçá, no município de Lages. – OF. 26-03-91.
- 562 **SÃO JOAQUIM** 1886: 2.174 km²; 22.284 hab.: 14.708 – 7.576; lusos, ital. – **LUISINHO** 1870: 28 km, 110 fam., lusos; lavoura (sobretudo macieiras). – SBA, 62, analfabeto, biscateiro, comerciante, *Luisinho, 63, fala português; NV, *Luisinho, 60; pais *Luisinho. – OF. 27-03-91.
- 564 **URUBICI** 1956: 1.293 km²; 11.481 hab.: 5.495 – 5.986; lusos, outros. – **VACAS GORDAS** 1910: 18 km, 50 fam., lusos; lavoura, pecuária. – TSP, 63, 4ª série, lavrador, serrador, *Urubici, 62, fala português; TV, *Santa Bárbara, 51; pais *Urubici. – OF. 28-03-91.
- 565 **BOM RETIRO** 1922: 1.026 km²; 7.255 hab.: 4.048 – 3.207; lusos, ital. – **CANOAS**. 1900: 38 km, 30 fam., italianos; lavoura, pecuária (fábrica de móveis). – LDJ, 43, 7ª série, lavrador, pecuarista, *Canoas, 42, fala italiano e “brasileiro”; RC, *Urubici, 35; pais *Canoas e Rio do Sul. – OF. 12-10-91.
- 566 **SANTA ROSA DE LIMA** 1962: 154 km²; 1.896 hab.: 333 – 1563; alem., lusos, ital. – **RIO BRAVO ALTO**, 1940: 3,5 km, 15 fam., alemães; agricultura, sobretudo fumicultura, (fornos de carvão, madeiras). – AB, 42, 4ª série, agricultor, *Santa Rosa de

- Lucena. País *Caxias do Sul e Canoas/Taquara. – WK. 26.01.90.
- 615 **SANTA ROSA** 1931: 487km²; 58.246 hab.: 48.337 – 9.925, lusos, alem., ital., russos; – ESQUINA GUIA LOPES: 8 km, 200 pessoas, lusos; agricultura. JAR, 34, 1º grau comp, agricultor, *Esquina Guia Lopes. 34, fala português, LCR, *Esquina Guia Lopes. País *Rincão dos Rocha/Santa Rosa e Santa Rosa. – WK. 24.01.90.
- 619 **ROQUE GONZALES** 1965: 360,5 km²; 9.066 hab.: 2.247 – 6.819; alem., ital., poloneses. LINHA POÇO PRETO 1930: 5 km, 220 hab., alemães; agricultura, pecuária, (rapadura, salame). ES, 53, 1o. grau inc., agricultor, *Linha Poço Preto/Roque Gonzales, 53, fala alemão e “brasileiro”. ALHS, *Afonso Rodrigues/ São Luís Gonzaga, 21. País *Pirapó e Venâncio Aires. – BA. 09.12.93.
- 621 **GUARANI DAS MISSÕES**, 1959: 363 km²; 11.309 hab.: 4.621 – 6.688; poloneses, lusos, ital., alem. – LINHA BOM JARDIM 1896: 15,5 km, 420 pessoas, poloneses; agricultura, pecuária (vassouras, alambique). EH, 45, 1o. grau inc., agricultor, *Linha Bom Jardim/Guarani das Missões, 45, fala “brasileiro” e polonês. HH, *Linha Natal/Campinas, 23. País *Linha Bom Jardim e Linha Bom Jardim. – JLM. 08.12.93.
- 627 **NONOAI** 1959: 1.100km²; 12.638 hab.: 4.611 – 8.027, lusos, polon. – HÍPICA: 5km, 20 famílias, lusos; agricultura, pecuária. ARB, 67, analf., “lides do campo”, (peão na Hípica), *Soledade, 62, fala português. BAR, *Lagoa dos Batista/Nonoai. País *Uruguai e Santa Bárbara. – WK. 10.12.91.
- 629 **FREDERICO WESTPHALEN** 1954: 408km²; 24.919 hab.: 14.761 – 10.158, lusos, polon., alem., ital. – CASTELINHO 1938: 14km, 200 fam., lusos; agricultura. JP, 76, analf., agricultor, *Seberi, 66, fala português. CRS, *Cachoeira do Sul. País *Palmeira das Missões e Palmeira das Missões. – WK. 09.12.91.
- 639 **CORONEL BICACO** 1963: 493,5 km²; 9.597 hab.: 4.318 – 5.279; lusos, ital., alem., poloneses. – RINCÃO DO JÚLIO 1901: 12 km, 80 pessoas, lusos; agricultura, pecuária, reflorestamento para lenha. LSO, 37, 1o. grau inc., agricultor, (vereador), *Redentora, 37, fala português. GRO, *Redentora. País *Linha Marani(Panambi)/Pejuçara. – JLM. 10.12.93.
- 643 **SANTO AUGUSTO** 1959: 504km²; 15.212 hab.: 8.277 – 6.935; bras., alem., ital., polon. – SÃO JACÓ 1930: 20km, 600 hab., ital.; agricultura, pecuária, (barbacoás). AF, 44, 1º grau inc., agricultor, *São Jacó, 44, fala português. TFF, *São Jacó. País *Ijuí e Cachoeira do Sul. – BA. 21.09.92.
- 644 **PALMEIRA DAS MISSÕES** 1874: 2.129 km²; 32.903 hab.: 20.115 – 18.788, lusos, alem., ital.; – LEONEL ROCHA: lusos. 30, 52, 1º grau inc., agricultor, *Chapada, 33. TAB, *Leonel Rocha. País *Carazinho e Carazinho. – WK. dez.91
- 645 **SARANDI** 1939: 563km²; 16.003 hab.: 12.143 – 3.860; bras., alem., ital., polon. – PASSO DO GUAUIROVA/BARREIRINHO ±1920: 14km, ± 1.000, italianos; agricultura, pecuária, (alambiques). AZ, 62, 3º ano primário, agricultor, *Barreirinho, 61, Sarandi, 1, fala português e italiano. MZ, *Rondinha, 40. País *Marau e Marau. – BA. 22.09.92.
- 647 **CARAZINHO** 1931: 1461 km²; 53.826 hab.: 40.844 – 12.982; lusos, ital., alem., polon. – LINHA DIVISA BAIXA / distrito ALMIRANTE TAMANDARÉ 1920: 34 km, 125 pessoas, lusos; agricultura, pecuária, suinocultura, granjas. AP, 56, 1o grau inc., agricultor, *Linha Divisa Baixa/Carazinho, 56, fala “brasileiro”, alemão (pouco) e italiano (pouco). MADS, *Igrejinha, 40. – BA. 07.12.93.
- 648 **PASSO FUNDO** 1857: 2.002 km²; 141.533 hab.: 107.397 – 34.136; lusos, alem., ital. (São Roque). – CAPINZAL: 12km, ±280 hab., lusos; agricultura, pecuária, (queijo). OSNS, 48, 1º grau inc, agricultor, (motorista de caminhão), *Capinzal, fala português. EZS, *Capinzal. País *Capinzal e Taquari. – CA. 18.08.91.
- 651 **ARATIBA** 1955: 471 km²; 7.939 hab.: 1.817 – 6.122; ital., alem., lusos, polon. – LINHA POLONESA 1920: 16 km., 160 hab., poloneses; agricultura, pecuária, queijos, açúcar mascavo, alambiques. LK, 51, 1o. grau inc., agricultor, *Linha Polonesa/ Aratiba, 51, fala português e polonês. RPK, *Linha Polonesa / Aratiba. País *São Luís da Casca/São Luís da Casca. – BA. 15.12.93.
- 659 **ERECHIM** 1918: 886km²; 72.292 hab.: 62.358 – 9.934; lusos, ital., alem., polon.. – LINHA SCANAGATTA 1925: 17km, 50, famílias, ital.; agricultura,(queijo), DS, 42, 1º grau inc, agricultor, *Linha Scanagatta, 42, fala português. ETS, *Getúlio Vargas, 42. País *Bento Gonçalves e Erechim. – MK. 31.10.91.
- 661 **VIADUTOS** 1959: 352km²; 6.528 hab.: 1.721 – 4.807; polon., ital., alem. – VIADUTOS: 18km; agricultura, pecuária, (queijo). OJO, 43, 1º grau, agricultor, (garção), *Viadutos, São José, 25, fala português. MMO, *Viadutos, 20. País *Viadutos e Viadutos. – MK. 29.10.91.
- 662 **MACHADINHO** 1959: 323km²; 7.337 hab.: 2.639 – 4.698; ital., lusos. – MACHADINHO: 2639 hab., ital.; agricultura, pecuária, (erva-mate, melado, açúcar, cachaça, queijo). DPP, 53, 1º grau inc, agricul-

- tor e industrialista. *Machadinho. Sta. Catarina, fala português e italiano (dialeto). IJGP, *Machadinho. País *Nova Trento e Nova Trento. – MK. 28.10.91.
- 671 **SANANDUVA** 1954: 558km²; 14.444 hab.: 7.404 – 7.040, ital., lusos. – **SAO DOMINGOS** 1916: 12km, 500, ital.; agricultura. (cesta e chapéu de palha). AM, 51, 1º grau inc. (2ª série), agricultor, (reflorestador). *São Domingos, Paraná. 3, fala “brasileiro” e italiano (dialeto). ICM, *São Domingos. País *Antônio Prado e Caxias do Sul. – CA. 09.07.91.
- 676 **SANTO ÂNGELO** 1873: 1.391km²; 7.428 hab.: 1.729 – 5.699, lusos, alem., ital. – **SÃO MIGUEL DAS MISSÕES/VILA ALEGRIA** -: 80km, lusos; agricultura, pecuária, PBR, 51, analf., agricultor, *São Miguel, 51, fala português. MAAB, 8 São Miguel. País *Vila Seca e Vila Seca (Santo Ângelo). – WK. 27.01.90.
- 677 **CATUIPE** 1961: 713km²; 10.925 hab.: 5.765 – 5.160, ital. lusos. – **CATUIPE** – ±1.800: 40 km, ital.; agricultura, pecuária, (pão, doces, licores, vinhos). AB, 55, 1º grau comp., agricultor, (func. públ.), *Catuípe, Santo Ângelo, 10, fala português. CB, *Catuípe, 52. País *Santa Maria e Santa Maria. – MK. 27.05.92.
- 679 **SÃO LUÍS GONZAGA** 1880: 1.891km²; 41.764 hab.: 33.655 – 8.109, lusos, alem. – **SÃO LUÍS GONZAGA** 1824: 45km, 26.000, lusos; agricultura, pecuária, (trabalhos de lã crua, queijo). ASM, 58, alf., servente (agricultor), *Santo Antônio-São Luís Gonzaga, Santo Antônio, 35, fala “brasileiro”. *Ponte de Piratini. País *Santo Antônio/Ponte Piratini e São Luís/Ponte Piratini. – MK. 25.05.92.
- 682 **SÃO BORJA** 1833: 5.282km²; 60.903 hab.: 50.626 – 10.277, lusos. – **GARRUCHOS** 1891: 100 fam., lusos; agricultura, pecuária. ERA, 34, 1º grau inc., motorista, (operador de máq. rodoviária), *Garruchos, fala português. GSA, *Garruchos. País *Garruchos e Garruchos. – MK. 22.05.92.
- 684 **SANTIAGO** 1884: 4.068 km²; 51.749 hab.: 40.966 – 10.783, lusos. – **FLORIDA** 1835: 42km, lusos. EFM, 63, analf., pecuarista, *Florida, 63, fala português. MM, *Florida, 51. País *Florida e Florida. – CA. 15.11.91.
- 685 **ITAQUI** 1858: 5.129km²; 40.011 hab.: 31.463 – 8.548, lusos. – **MAÇAMBARÁ**: 20 km, 1000 hab., lusos; agricultura, pecuária, JWD, 52, alf., mecânico, (agricultor), *Borará/Itaqui, São Borja, 25, fala “brasileiro”. MCFD, *São Borja. País *Itaqui e Itaqui. – MK. 20.05.92.
- 686 **SÃO FRANCISCO DE ASSIS** 1884: 3.829km²; 21.119 hab.: 16.996 – 4.123, lusos. – **SANTA ROSA** 1638: 45km, ±200 hab., lusos; agricultura, pecuária, (queijo), FPE, 73, alf., agricultor, pecuarista, *Farinheiro, 73, fala português, MCE, *Passo do Farinheiro. País *Santiago e São Francisco. – MK. 17.10.91.
- 689 **CONDOR** 1965: 477 km²; 6.424 hab.: 2.203 – 4.221; alemães. – **LINHA PINHAL**: 5 km, 100 hab., alem.; agricultura, pecuária de leite. BB, 60, 1º grau inc., agricultor, pecuária de leite. *Linha Divisa/Condor, 33, Linha Divisa. 27, fala alemão e português. EEB, Linha Pontão/ Condor, 33. País *Sobradinho e Panambi. – RB, 10.12.93.
- 691 **SANTA BÁRBARA DO SUL** 1959: 1.173 km²; 9.943 hab.: 6.147 – 3.796; lusos, ital. – **ENG. ÁLVARO NUNES PEREIRA** 1930: 11km, lusos; agricultura. AB, alf., agricultor, (ferroviário), *Pereira, Rio de Janeiro, 2, Marcelino Ramos, 1, fala português. DGB, *Pereira, País *São Vicente de Paula e São Vicente de Paula. – CA. 16.08.91.
- 693 **PEJUÇARA** 1965: 444 km²; 4.016 hab.: 2.203 – 1.813; ital., alem. – **SANTA APOLÔNIA**: 9 km, 200 hab., ital.; agricultura, apicultura, (queijo, salame, cuca). AV, 56, 1º grau inc., agricultor, *Santa Apolônia/Pejuçara, 56, Cruz Alta, 10 meses, fala português e italiano. IMV, *Santa Apolônia/Pejuçara, 56. País *Silveira Martins e Silveira Martins. – RB. 08.12.93.
- 698 **CRUZ ALTA** 1833: 2.569km²; 68.784 hab.: 62.488 – 6.296, lusos, ital., alem. – **CAPÃO GRANDE**: 18km, lusos; agricultura, pecuária, (costura). NLM, 72, 1º grau inc.(4ª série), agricultor, *Capão Grande, 72, fala “brasileiro”. PGM *Capão Grande. País *Santana do Livramento e Trinta y Tres (Uruguai). – CA. 23.06.92.
- 701 **TAPERA** 1954: 247km²; 9.804 hab.: 7.439 – 2.365, lusos, alem. – **LINHA SÃO JOÃO**: 12km, lusos; agricultura, (cestos). JCLP, 63, 1º grau inc. (4ª série), agricultor *Campo Comprido/ Espumoso, 63, fala “brasileiro”. MJLP, *Campo Comprido, 42. País *Campo Comprido/ Espumoso e Cerro dos Engenheiros/Espumoso. – CA. 10.12.89.
- 703 **SOLEDADE** 1875: 2.448km²; 28.133 hab.: 19.296 – 8.837, lusos, alem., ital. – **SÃO TOMÉ**: 18km, lusos; agricultura, pecuária, (balaies, peneiras, cestos). AMR, 59, 1º grau inc. (3ª série), doméstica, *Tumas (Soledade), Porto Alegre, 2, fala “brasileiro”. MCS, *São Tomé (Soledade), 58, País *São Tomé (Soledade) e São Tomé (Soledade). – CA. 20.01.90.
- 706 **TUPANCIRETÃ** 1928: 3.037km²; 23.246 hab.: 15.801 – 7.445, lusos. – **TUPANCIRETÃ/CANELEIRAS** 1801: 15.801 hab., lusos; agropecuária, (queijo), JHD, 49, 1º grau inc. (3ª série), agri-

- cultor, *Caneleira, Caneleira, 16, fala "brasileiro", ASL, *Tupaniretã. Pais *Caneleira e Caneleira. – MK. 27.06.91.
- 707 **JÚLIO DE CASTILHOS** 1891: 3.063km²; 19.715 hab.: 11.358 – 8357; lusos. – CERRITO 1891: 6km, ±200 hab., lusos; agricultura, (queijo). PCR, 57, alf., agricultor, *Júlio de Castilhos, fala "brasileiro". LSC *Júlio de Castilhos. Pais *Júlio de Castilhos e Júlio de Castilhos. – MK. 28.06.91.
- 708 **SALTO DO JACUÍ** 1982: 808km²; 10.879 hab.: 7.479 – 3.400; lusos, alem. – JACUIZINHO: 20km, 200 hab., lusos; agropecuária. SPM, 22, 1º grau inc. (2ª série), agricultor, *Jacuizinho, 22, fala "brasileiro". Pais *Jacuizinho e Jacuizinho. – WK. 20.05.94.
- 709 **SOLEDADE (2)** 1875: 2.448 km²; 28.133 hab.: 19.296 – 8.837; lusos, ital., alem. – CAÇADOR 1900: 14 km, 300 hab., lusos; agricultura, pecuária, fumo. OL, 44, 1º grau inc., agricultor, *Caçador, 42, Lagoão/Soledade, 2, fala português e italiano. FRL, *Santo Antônio/Lagoão, 20. Pais *Segredo e Segredo. – BA. 03.12.93.
- 710 **VACARIA (2)** 1850: 4.147 km²; 55.552 hab.: 43.292 – 12.260; lusos, italianos. – MUITOS CAPÕES Séc. XIX: 36 km, 200 hab., lusos; agropecuária, fruticultura, serraria, (queijos). PLL, 1º grau inc., agricultor, *2º distrito de Bom Jesus, 44, Bom Jesus 6, fala português. !PL, *Muitos Capões. Pais *Vacaria e Bom Jesus. – RB. 07.12.93.
- 711 **LAGOA VERMELHA** 1876: 2.437 km²; 28.727 hab.: 20.405 – 8.322; lusos, ital. – CLEMENTE ARGOLO: 30 km, 500 hab., lusos; agricultura, pecuária, (ind. moveleira, mel, queijo, (hortifrutigranjeiros, aviário). ARL, 70, alf., marleteiro, *Clemente Argolo, Barracão, 6, fala português. GLP. Pais *Estrela e Estância Velha. – RO. 10.01.90.
- 713 **VACARIA** 1850: 4.147 km²; 55.552 hab.: 43.292 – 12.260; lusos, ital. – CAPELA DA LUZ – VILA ESTEIRA: 17km, ±40 fam., lusos; agropecuária, (queijo, leite). ALS, 55, alf. (4ª série), agricultor, (servente geral), *Pinheiro Grosso, 52, fala "brasileiro". KJLS, *Bom Jesus (2º Distrito). Pais *Pinheiro Grosso e Pinheiro Grosso. – CA. 11.01.92.
- 714 **BOM JESUS** 1913: 3.756km²; 13.299 hab.: 7.561 – 5.738; lusos. – SAO JOSÉ DOS ASENTES 1939: 42km, ±1.500 hab., lusos; agricultura, pecuária, (mel, serrarias). DFM, 55, 1º grau inc. (5ª série), boiadeiro, tropeiro, (carneador, tropeiro), fala português, *São José dos ASENTES, Cazua Ferreira, 2 1/2, São Joaquim, 1. FNM, *Canela. – CA. 28.12.91.
- 716 **DAVID CANABARRO** 1965: 199 km²; 4.655 hab.: 3.540 – 1.125; ital., lusos, alem., polon. – NOSSA SENHORA DA PAZ 1942: 3,6 km, 150 hab., ital.; agricultura, avicultura de corte, suinocultura, pecuária leiteira, (queijos, cestaria). AR., 50, alf., agricultor, *São Judas/David Canabarro, 50, fala português e italiano (dialeto). CBR, *São José do Capingüi/David Canabarro, 24. – JLM. 07.12.93.
- 720 **SERAFINA CORREA** 1960: 212km²; 8.458 hab.: 5.458 – 3.020; ital. – CAPELA SÃO PEDRO: 3km, 150 hab., ital.; agricultura, (suinocultura, avicultura, vinhos). CS, 42, 1º grau inc., agricultor e carpinteiro, *Capela de São Pedro (Linha 11), fala português e italiano (vêneto). ZCS, *Evangelista (Casca) 21. Pais *Capela de São Pedro (Serafina Correa) e Linha 13/Dr. Parobé (Serafina Correa). – CA. 02.06.91.
- 722 **NOVA PRATA** 1924: 817km²; 15.076 hab.: 10.453 – 4.623; ital. PROTÁSIO ALVES 1890: 15 km, 5.000hab., ital.; agricultura, avicultura, (artesanato). DF, 37, analf., agricultor, *Antônio Prado, 35, fala "brasileiro" e italiano. TFF, *Protásio Alves. Pais *Antônio Prado e Antônio Prado. – EG. 16.03.90.
- 728 **ANTA GORDA** 1963: 250km²; 6.945 hab.: 1.249 – 5.696; ital. – LINHA DR. BORGES DE MEIDEIROS/SANGÃO 1900: 10km, ±250hab., ital; agricultura, suinocultura. AS, 47, 1º grau inc. (3ª série), agricultor, (avicultor, suinocultor), *Linha Dr. Borges de Medeiros/Sangão, 47, fala português e italiano, LMCS, *Anta Gorda. Pais *Anta Gorda e Anta Gorda. – BA. 24.09.92.
- 735 **CAXIAS DO SUL** 1890: 1.272km²; 290.603 hab.: 264.500 – 26.103; ital. lusos. – FAZENDA SOUZA: 20km, ±2.500 hab., ital.; atividades hortigranjeiras, (vinhos). PF, 1º grau inc., agricultor, *Fazenda Souza, 64, fala português, italiano. PMPF, *Fazenda Souza e Fazenda Souza. – EG. 16.09.89.
- 736 **CARLOS BARBOSA** 1959: 250km²; 15.912 hab.: 10.392 – 5.520; ital., lusos. – 1.ª SEÇÃO DE CASTRO/GARIBALDI 1876: 15 km, 1.200 hab.; ital., agricultura, pecuária, (uvas, queijos, salames, marmeladas). MAG, 68, 1º grau inc., vimeiro, *1ª Seção de Castro, 68, fala português e italiano (dialeto). IBG, *Montenegro, 62. Pais *Garibaldi/Carlos Barbosa e Garibaldi/Carlos Barbosa. – EG/NT. 25.11.89.
- 740 **SÃO VICENTE DO SUL** 1876: 1.179km²; 7.574 hab.: 5.332 – 4.242; lusos. – SÃO VICENTE DO SUL 1876: 5.000 hab., lusos; agricultura, pecuária, (queijo). ASC, 72, alf., agricultor, *São Vicente do Sul, Tororaipe (Mata), 5, fala português. AIFC, *Rincão das Flores. Pais *São Vicente do Sul e São Vicente do Sul. – MK. 15.10.91.

Anexo 9- Lista em ordem alfabética de todas as palavras encontradas com o número de aplicações entre parênteses:

A

abnegação (1)
adaptação (1)
administração (1)
aflição (1)
alemão (52)
animação (1)
avançaram (1)

B

balcão (1)
barracão (1)
bonitão (2)

C

caminhão (5)
carvão (3)
casarão (1)
chão (1)
chegaram (1)
chegavam (1)
chimarrão (6)
classificação (1)
comissão (3)
comunhão (1)
contramão (1)
conversavam (1)
coração (1)

D

dão (1)
demonstração (3)
desvalorização (1)
deviam (2)
devoção (1)
doação (1)
documentação (1)

E

educação (5)
encontravam (1)
ensinam (1)
então (265)
eram (7)
estão/*tão (27)
estavam (1)
evolução (1)
excursão (2)
exceção (1)
exploração (1)

F

feijão (3)
ficam (2)
ficaram (1)
fogão (1)
folião (1)
foram (1)
formação (1)
fundação (1)

G

galpão (1)
gastam (1)

I

inflação (1)
inflamação (1)
implantação (1)
instalação (2)
integração (1)
inversão (1)
irmão (5)

J

Japão (1)
jogavam (2)

L

ladrão (2)
leitãozinho (1)
limão (1)

M

mão (4)
mansão (1)
menção (2)
missão (1)
modificação (1)

N

não (306)

O

obrigam (1)
opção (1)
oração (2)

P

padrão (3)
pão (18)
participação (1)
patrão (3)
peneirão (2)
pensão (1)
plantação (1)
população (1)
porão (2)

povão (1)
praticam (1)
preocupação (1)
preparação (3)
produção (1)
profissão (1)
pulmão (1)
puxão (1)

Q

questão (2)

R

raspão (1)
recessão (2)
região (6)
relação (1)
religião (4)
reunião (1)

S

sabão (4)
saíam (1)
salão (2)
são – verbo (23)
São – subst. (10)
senão (2)
situação (2)
sofisticação (1)
solidão (1)
sopão (1)

T

tão(adv.) (9)
telefonam (1)
televisão (7)
tinham (1)
tiraram (1)
tiravam (4)
tradição (2)

U

união (1)

V

vão (14)
verão (6)
viam (1)